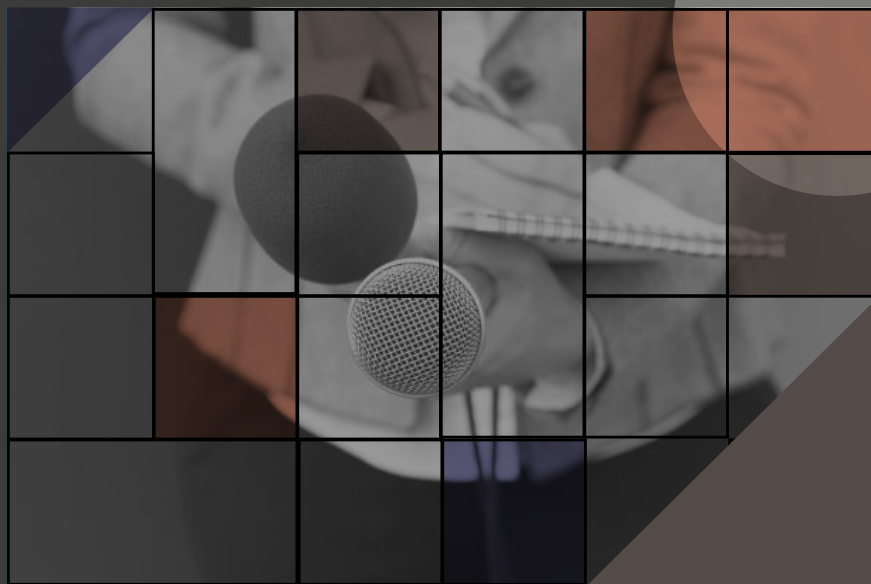


35 anos

Extensão universitária & jornalismo

c a m i n h o s c o l e t i v o s



Muriel Emídio Pessoa do Amaral | Ivan Bomfim | Marcelo Engel Bronosky (Organizadores)

série referência
editora
estúdiotexto

Extensão universitária
& jornalismo

c a m i n h o s c o l e t i v o s

EDITORA ESTÚDIO TEXTO

Editora-chefe

Ana Caroline Machado

Diretora

Josiane Blonski

Conselho Editorial

Dra. Anelize Manuela Bahniuk Rumbelsperger (UFPR)

Dr. Antonio José dos Santos (IST/SOCIESC)

Esp. Carlos Mendes Fontes Neto (UEPG)

Dr. Cezar Augusto Carneiro Benevides (UFMS)

Dr. Edson Armando Silva (UEPG)

Dr. Erivan Cassiano Karvat (UEPG)

Dra. Jussara Ayres Bourguignon (UEPG)

Dra. Lucia Helena Barros do Valle (UEPG)

Dra. Luísa Cristina dos Santos Fontes (UEPG)

Dr. Marcelo Chemin (UFPR)

Dr. Marcelo Engel Bronosky (UEPG)

Dra. Marcia Regina Carletto (UTFPR)

Dra. Maria Antonia de Souza (UTP/UEPG)

Dra. Marilisa do Rocio Oliveira (UEPG)

Dr. Rodrigo Labiak (UNICAMP)

35^{anos}

Extensão universitária & jornalismo

c a m i n h o s c o l e t i v o s

Organizadores:
Muriel Emídio Pessoa do Amaral
Ivan Bomfim
Marcelo Engel Bronosky

série referência
editora
estúdiotexto 

©2021 Muriel Emídio Pessoa do Amaral, Ivan Bomfim, Marcelo Engel Bronosky e autores.

Coordenação editorial

Editora Estúdio Texto

Capa, projeto gráfico e diagramação

Ana Caroline Machado

Supervisão

Josiane Blonski

Assistente administrativo

Érika Blonski

E96 Extensão universitária & Jornalismo: caminhos coletivos / Muriel Emídio Pessoa do Amaral; Ivan Bomfim; Marcelo Engel Bronosky (Org.). Ponta Grossa: Estúdio Texto, 2021. (Série Referência)
150p., il. E-book - PDF

ISBN: 978-65-87261-13-3

1. Jornalismo – UEPG - história. 2. Curso de Jornalismo – UEPG – 35 anos. I. Amaral, Muriel Emídio Pessoa do (Ed.). II. Bomfim, Ivan (Ed.). III. Bronosky, Marcelo Engel (Ed.). IV. T.

CDD: 079.981.62

Ficha Catalográfica elaborada por Maria Luzia Fernandes Bertholino dos Santos – CRB9/986

Depósito Legal na Biblioteca Nacional.

O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade dos autores.

Financiamento:



MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO



Rua XV de Setembro, 931 - Uvaranas - Ponta Grossa – Paraná – 84020-050
Tel. +55 (42) 3027-3021 | ☎ +55 (42) 98416-9795
www.editoraestudiotexto.com.br

PREFÁCIO

Sandra de Deus¹

“Nós devemos antever a universidade como um lugar central para a luta revolucionária, um lugar onde podemos trabalhar para educar a consciência crítica, onde podemos ter uma pedagogia da libertação”.

(Bell Hooks, 2019:79)²

Tomo emprestadas as palavras de Bell Hooks e transporte para os cursos de jornalismo que, para mim devem ser o lugar da formação da consciência crítica, da formação de cidadãos que tem um olhar alargado para a existência do outro, sujeitos capazes de fazer a diferença e compreender que é durante o processo de formação profissional que se vai, entre teoria e prática, construindo aprendizados que posteriormente serão fundamentais para a vida na sociedade desejada. E o conjunto de textos que se encontram aqui expostos, e que tive o privilégio de fazer a leitura, me trouxeram certezas, alegria e esperança. A certeza de que o curso de Jornalismo da UEPG faz uma caminhada muito significativa e coerente. A alegria de ver como isto acontece no curso e que fica registrado

¹ Jornalista, doutora em Comunicação e Informação, professora de Jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Atividades de Extensão da Associação Brasileira de Ensino de Jornalismo (ABEJ).

² Obra *Erguer a voz: pensar como feminista negra*. São Paulo: Ed. Elefante, 2019.

na memória coletiva dos seus egressos e a esperança que nos move para seguir o percurso.

Os cursos de Jornalismo, e o Jornalismo da UEPG em especial, produzem muito e, mais importante, uma produção de conhecimento voltada para e em função da comunidade. O que os leitores terão a oportunidade de encontrar é o que Oscar Jara³ (2012:38), denomina de sistematização que é “refletir sobre as experiências, uma missão que recupera e reflete sobre as experiências como fonte de conhecimento do meio social para a transformação da realidade”, é relatar sobre o caminho trilhado para que outros possam seguir adiante sem ter que reiniciar toda a viagem ou que encontrem passagens por onde possam refazer caminhos. É a extensão universitária na sua face mais dialógica demarcada pela formação calcada na troca de saberes entre sujeitos envolvidos.

Compreendo que toda a instituição de educação superior pública faz parte da sociedade, um setor importante da sociedade, normalmente compreendido como elite, topo da pirâmide social da sociedade, não porque nestas instituições estejam os mais ricos, mas principalmente porque o conhecimento é um capital simbólico, de muito poder. Nossas sociedades olham para as universidades como locais distantes, reservados para poucos e as universidades tem um importante papel em sociedades como as nossas, onde impera uma forte desigualdade social, para propor mudanças nesta balança. Por razão temos que estar atentas e atentos para que estas instituições (as universidades) não se configurem em um espaço que promove a desigualdade e reproduz valores de uma classe dominante.

Produzir conhecimento compartilhado, envolver segmentos sociais diferentes, reconhecer a inquietude e permitir que cada sujeito que integra um curso de jornalismo possa partilhar saberes não é uma “tarefinha”. Exige disponibilidade, perseverança, resiliência para não reproduzir o “status quo” e muitas vezes (os relatos no decorrer desta obra) é necessário fazer disputas que vão além do planejado, mas que resultam em conquistas coletivas. Com o

³ Jara, Oscar. *A sistematização de experiências*. Prática e teoria para outros mundos possíveis. Brasília: CONTAG, 2012.

robusto “cardápio” de extensão universitária, o curso de Jornalismo da UEPG consolida a sua contribuição na implementação dos créditos em extensão universitária regulamentados pelo Resolução CES/CNE nº 7/2018, que prevê carga horária em componentes de extensão de, no mínimo de 10% (dez por cento), em todos os cursos de graduação. Penso que a inserção da extensão nos cursos de graduação significa uma reestruturação, uma reforma curricular consistente, efetiva e capaz de oferecer mais encanto e engajamento aos estudantes e fazer brilhar o olhar de docentes sobrecarregados por tantos relatórios e avaliações.

Por fim, me permitam sugerir que a leitura dos textos contidos aqui, na sequência, deve ser obrigatória para todos aqueles que desejam melhor compreender a importância da extensão universitária na formação de profissionais cidadãos que serão responsáveis pelas mudanças desejadas em nossa sociedade. Foi com brilho no olhar que li os textos e, como considero importante partilhar bonitezas, caro leitor aproveite para andar pelos caminhos da extensão universitária do curso de Jornalismo da UEPG. Boa leitura!



| 35 ANOS POR EXTENSO

A intenção de organizar o livro sobre os 35 anos do curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) não diz respeito apenas a uma intenção comemorativa, mas também se articula na intenção de promover o registro histórico das atividades e propostas de extensão de professores, professoras e estudantes na construção da formação profissional e cidadã de homens e mulheres envolvidos e envolvidas em fazer do exercício do jornalismo uma prática alicerçada aos pressupostos morais e éticos.

A coletânea que se apresenta diante dos seus olhos não é apenas a compilação de algumas das atividades exercidas ao longo desses 35 anos, mas parte de um inventário que foi arquitetado na direção de formar profissionais e pessoas comprometidas com valores humanizados quanto ao ensino, extensão e prática do jornalismo. Trazer à tona essas atividades e refletir sobre o passado não apenas emerge o saudosismo de épocas de trabalhos intensos e de toda dedicação desprendida, mas é pensar também sobre os obstáculos superados, sobre todos os esforços que foram empreendidos na luta de propostas de ensino, de extensão e de aprendizagem dentro de uma universidade pública.

Por esse caminho, o primeiro capítulo da obra é assinado pelo professor Sérgio Luiz Gadini e tem como título “Três décadas e

meia de formação jornalística nos Campos Gerais do Paraná: ensino integrado e extensão universitária no curso de Jornalismo da UEPG (1985-2020)”. No texto, o autor traça o histórico do esforço e das lutas travadas no início do curso e a resistência para a manutenção das atividades do curso em meio ao desmonte promovido pela desvalorização das universidades no atual cenário brasileiro.

O livro segue na apresentação do capítulo “Agência de divulgação científica: o pioneirismo da extensão universitária na prática do jornalismo científico”, assinado pelos professores Marcelo Engel Bronosky e Guilherme Carvalho, professores da casa (Carvalho sendo professor colaborador do Mestrado em Jornalismo) e ex-alunos do curso. No texto são apresentadas as experiências de um projeto inovador sobre divulgação científica desenvolvido pelo curso.

A participação de ex-alunos e alunas foi fundamental para a construção das atividades de extensão do curso e relatar sobre as experiências e vivência é uma forma de compartilhar conhecimento. As lembranças e as experiências vividas por Elaine Javorski, egressa do curso e ex-professora, podem ser vistas no capítulo “Produção na universidade, transmissão na rádio comercial: a experiência do programa RS Notícias Especial”.

O capítulo seguinte é assinado a 10 mãos por Angela Aguiar Araujo, Carlos Alberto de Souza, Paulo Rogério de Almeida, Rafael Kondlatsch, um grupo formado por professores, professoras e uma servidora-técnica, Taís Maria Ferreira, do Departamento de Jornalismo e de outros cursos da UEPG. No capítulo “Extensão, ensino e pesquisa dez anos do Foca Foto (Fotorreportagem UEPG)”, são apresentadas realizações do projeto que ganhou destaque entre as atividades do curso.

As questões do fotojornalismo também se tornaram assuntos no capítulo assinado por Rafael Schoenherr e Emanuelle Benício Soares, professor e aluna do curso. A quatro mãos, é apresentado o projeto Lente Quente ao escreverem o capítulo “O fotojornalismo do Lente Quente: uma década de cultura pública em imagens”.

O livro tem sequência na apresentação do projeto Cultura Plural, que aborda a produção e movimentação cultural em Ponta

Grossa. No capítulo “O Cultura Plural no processo de formação em jornalismo: percepções de participantes sobre a experiência extensionista” escrito por Ivan Bomfim, Karina Janz Woitowicz e Kevin Willian Kossar Furtado, alunos e alunas puderam expor suas impressões sobre o projeto e como a participação colaborou com a formação em jornalismo.

E para findar, não menos importante, as autoras Paula Melani Rocha, Graziela Soares Bianchi, Karina Janz Woitowicz e Márcia Daniela Valenga apresentam o projeto Elos que lida com direitos humanos para a formação em jornalismo. No capítulo “Direitos humanos, educação e cidadania: a construção de elos na formação de jornalistas”, as autoras apresentam as atividades realizadas pelo projeto em escolas públicas de Ponta Grossa, o site de notícias e outras propostas que dizem respeito aos direitos humanos e cidadania.

Por enquanto foram 35 anos de dedicação, mas que certamente se somarão a outros tantos anos de luta para promover o ensino gratuito, público e de qualidade a outras centenas de estudantes que se preocupam com as questões extensionistas.

Obrigado e boa leitura!

Muriel Emídio Pessoa do Amaral

Ivan Bomfim

Marcelo Engel Bronosky

Organizadores



| SUMÁRIO

15

Três décadas e meia de formação jornalística nos Campos Gerais do Paraná: ensino integrado e extensão comunitária no Curso de Jornalismo da UEPG (1985-2020)

- *Sérgio Luiz Gadini*

35

Agência de divulgação científica: o pioneirismo na extensão universitária na prática do jornalismo científico

- *Marcelo Engel Bronosky e Guilherme Carvalho*

57

Produção na universidade, transmissão na rádio comercial: a experiência do Programa RS Notícias Especial

- *Elaine Javorski*

69

Extensão, pesquisa e ensino nos dez anos do Foca Foto (Fotorreportagem UEPG)

- *Angela Aguiar Araújo, Carlos Alberto de Souza, Paulo Rogério de Almeida, Rafael Kondlastch e Taís Maria Ferreira*

89

O fotojornalismo do Lente Quente: uma década de cultura pública em imagens

- *Rafael Schoenherr e Emanuelle Benício Soares*

O *Cultura Plural* no processo de formação em jornalismo: percepções de participantes sobre a experiência extensionista

- Ivan Bomfim, Karina Janz Woitowicz e Kevin Willian Kossar Furtado

Direitos humanos, educação e cidadania: a construção de elos na formação profissional de jornalistas

- Paula Melani Rocha, Graziela Soares Bianchi, Karina Janz Woitowicz e Márcia Daniela Valenga

TRÊS DÉCADAS E MEIA DE FORMAÇÃO JORNALÍSTICA NOS CAMPOS GERAIS DO PARANÁ:

ENSINO INTEGRADO E EXTENSÃO COMUNITÁRIA NO CURSO DE JORNALISMO DA UEPG (1985-2020)

Sérgio Luiz Gadini¹

Breve contextualização introdutória

Uma das principais leituras da história da educação do ensino superior indica que boa parte dos cursos (ou faculdades) criadas em Universidades Públicas do Brasil ocorrem por saltos qualitativos, muitas vezes, impulsionadas por gestores, demandas sociais e pela disposição de profissionais em assumir projetos que tendem a acabar com qualquer perspectiva de eventuais zonas de conforto e consensos nos modos de fazer e priorizar escolhas nos processos de formação profissional. Se a história procede, e todas as pistas contextuais confirmam, em Jornalismo não é diferente. E, na UEPG, ao menos para o Curso de Comunicação Social (renomeado apenas Jornalismo, a partir de 2005), a hipótese se confirma, como se pode verificar no texto aqui apresentado.

A outra referência – que, aqui, se destaca em diálogo com as especificidades regionais – diz respeito às condições de oferta de ensino universitário em nível nacional que, por sua vez, estão diretamente associadas às diretrizes nacionais de políticas públicas, demandas profissionais de mercado de trabalho, tendências e de-

¹ Jornalista, doutor em Comunicação, professor dos cursos de graduação e do mestrado em jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

saíam por oferta de informação jornalística ou serviços de mídia aos mais diversos campos da segmentação comunicacional.

Do ponto de vista de gestão interna, o Curso de Jornalismo, criado em abril de 1985, passa a funcionar em sistema semestral, em agosto do mesmo ano, em período vespertino, com dois ingressos anuais (fevereiro e agosto), recebendo nove turmas até 1990, quando se torna anual com entrada de turma única de 40 ingressantes (no primeiro semestre). Nos primeiros anos de funcionamento, o Curso conta com apenas um produto laboratorial com edição regular: o jornal *Foca Livre*, editado mensalmente pelos estudantes do segundo e terceiro ano, a partir das disciplinas de formação laboratorial.

Na primeira metade dos anos 1990, apenas um projeto de extensão (e nenhum de pesquisa) integra as atividades do Curso: a produção de um jornal impresso (*João de Barro*), sob coordenação de poucos docentes efetivos (Irvana Chemin Branco e Vanessa Zappia) que atuam no Departamento criado no final dos anos 1980, na ocasião integrante do Setor de Ciências Humanas da UEPG.

A limitação à oferta de aulas no curso de graduação – praticamente sem atividades extensionistas, de pesquisa e tampouco com envolvimento comunitário – deve-se ao restrito quadro docente, uma vez que o funcionamento acontece sem professores da área e, pois, igualmente sem um departamento de ensino minimamente estruturado na Universidade. Na ocasião (1985), Ponta Grossa conta com uma população estimada em 200 mil habitantes, mas são raros os profissionais que atuam na mídia regional que possuem formação em Comunicação/Jornalismo, inclusive porque a legislação vigente possibilitava registro para jornalistas residentes em Cidades sem oferta de cursos universitários.

Para isso, a UEPG precisa buscar profissionais/docentes fora da Cidade, mas sem concurso regular para contratação, apela ao conhecido mecanismo de admissão temporária, por testes seletivos para um ou dois anos, dependendo habitualmente de aval do governo estadual. Apenas a partir do início dos anos 1990, após pressão de estudantes, o curso de Jornalismo entra na disputa por

vagas para contratação de docente efetivo, que passam a integrar o departamento de ensino na área (Comunicação Social). Como o curso começa funcionamento com aulas à tarde, os professores recém-contratados fazem diariamente o percurso Curitiba a Ponta Grossa, com retorno no mesmo dia, pois todos mantêm outras atividades profissionais na capital.

Até início dos anos 1990, a UEPG era uma das poucas instituições a ofertar curso de Jornalismo no Paraná, além da Universidade Federal do Paraná (1964), PUC-PR (1975) e Universidade Estadual de Londrina (em 1974). Como se vê, fora da capital de quase todos paranaenses, apenas duas universidades estaduais ofertam cursos superiores até a segunda metade dos anos 1990: a UEL e a UEPG. Oportuno situar que esta situação se mantém – com apenas quatro cursos universitários em Comunicação no Paraná – até meados dos anos 1990, quando outras instituições criam novas ofertas de ensino superior na área, como a Tuiuti, Uniandrade, Unicuritiba, UniBrasil, dentre outras, chegando em 2020 com cerca de 20 cursos de Jornalismo em funcionamento no Estado.

Metodologia histórico-jornalística (em perspectiva autoral)

A orientação metodológica do presente texto assume uma característica de ensaio histórico-jornalístico, a partir de uma busca em arquivos e registros (analógicos e digitais) de dados sobre o Curso de Jornalismo UEPG e, ao mesmo tempo, considera experiências vivenciadas pela autoria (na perspectiva que a memória é, sempre, coletiva), na condição de docente que participou diretamente da formulação e debates que resultaram nas principais mudanças introduzidas na gestão e funcionamento do referido curso ao longo das três décadas e meia que envolvem o presente texto.

O conceito de memória coletiva é de Halbwachs (2013, p.30): “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva”, explica. Trata-se de entender que a ‘localização de lembranças’ precisa ser apresentada nos respectivos contextos sociais, que operam como base ao trabalho de (re) construção da memória, que é, pois, sempre, coletiva.

“Uma história social e cultural inclui política, economia e tecnologia”, afirmam Briggs e Burke (2004, p.17), ao conceituar ‘uma história social da mídia’, nome do livro em coautoria. É neste sentido que o presente texto busca apresentar o que caracteriza 35 anos do curso de Jornalismo da UEPG (1985-2020).

Oportuno ponderar que tais experiências e diálogos, obviamente, estão longe de ser consensuais e tampouco unânimes em torno dos projetos e iniciativas que fazem parte da história e marcam o tempo físico de vivências (co)autorais, seja por ingresso em um determinado momento, quanto pelo fato de que envolve tarefas inerentes ao exercício da docência, como o nem sempre consensual ou agradável desafio de assumir funções gestoras ao longo de mais de duas décadas de trabalho na instituição.

A perspectiva histórico-jornalística, aqui apresentada, sintetiza os dois eixos que orientam relatos – por experiências profissionais diversas e, ao mesmo tempo, imprimem um caráter de relato etnográfico ensaístico autoral – e a simultânea base de dados em arquivos e registros da história do Curso de Jornalismo na UEPG. E a que se pode atribuir a referência etnográfica? Ao caráter descritivo das situações (fenômenos e relações), em que uma personagem – pela condição, em certos aspectos privilegiada por participar ou vivenciar algumas das experiências relatadas – assume o papel autoral na apresentação, estabelecendo diálogos com autores, registros históricos e situações similares para estruturar o relato, neste caso, assumidamente crítico.

O conceito de ensaio histórico-jornalístico também foi utilizado por Gadini em texto publicado em 2005 (sobre Agência de Jornalismo UEPG) e para sistematizar uma perspectiva de história da cultura como notícia no jornalismo brasileiro (no livro *Interesses Cruzados*, publicado pela Editora Paulus, 2009). O esforço, obviamente, considera a necessidade de sair da versão unilateral que tende a caracterizar um relato pessoal em perspectiva apenas autoral de primeira pessoa. E, aqui, uma característica da narrativa jornalística se torna fundamental: o diálogo com outras fontes e referências tende a ganhar um distanciamento narrativo a partir da terceira pessoa ao longo do ensaio discursivo. Para além do méto-

do de apuração, integrando práticas da produção jornalística e da investigação da história cultural, onde traços da memória coletiva (inclusive, vivências empíricas), em interação com acontecimentos do tempo presente/passado recente, o texto assume o caráter narrativo estrutural jornalístico. Daí, a referência de uma perspectiva histórico-jornalística (GADINI, 2009).

E, assim, ao apresentar a história do Curso de Jornalismo da UEPG, para situar a linha descritiva, o eixo que pauta a estrutura narrativa é dado pelo surgimento de diferentes ou novos produtos laboratoriais, projetos de extensão, oferta de ensino (cursos), produção editorial de revistas acadêmicas, dentre outros indicadores que justificam a periodização apontada no texto: primeira (1985-1995), segunda (1996-2005) e terceira década em diante (2006-2020).

Retrospectiva de atualizações e mudanças (estruturais) qualitativas

Em 1996, quando o curso de Jornalismo da UEPG entra no 11º ano de sua recente fundação (agosto/85), o Departamento de Jornalismo conta com nove docentes efetivos, dois dos quais com 20 horas, e dois liberados (com remuneração) para trabalhar junto ao Governo do Estado. Para fechar a carga horária de oferta de disciplinas ao curso de graduação em Comunicação Social/Habilitação em Jornalismo a administração da UEPG mantinha testes anuais (ou a cada dois anos) para contratar professores temporários com 20 ou 40 horas semanais em regime celetista de trabalho, contando em média com 4 ou 5 docentes colaboradores junto ao Departamento.

Pela lógica, o viável em termos estatísticos, restava aos gestores garantir a oferta das disciplinas (obrigatórias e optativas) para manter o funcionamento regular do Curso de graduação. Extensão, pesquisa e demais atividades que, historicamente, fazem parte do ambiente acadêmico de universidades públicas eram ações praticamente inviáveis aos limites de recursos humanos no Curso de Jornalismo da UEPG.

Pode-se, assim, dizer que a primeira década da história do Curso de Jornalismo da UEPG (1985-1995) é marcada pela oferta de aulas no ensino de graduação em um único turno, mantido por um quadro docente basicamente temporário e/ou professores de outros departamentos de ensino da instituição (Educação, História, além de Economia, Direito ou Geografia em disciplinas de formação geral e humanística).

Registre-se, neste contexto, duas outras limitações estruturais: a UEPG conta, até o final dos anos 1990, com apenas um programa de pós-graduação stricto sensu (Mestrado em Educação), com baixo percentual de titulação docente e no quadro efetivo do DeJor apenas três professores com titulação de mestrado. Vale ponderar que também se fala de um tempo em que os programas de pós-graduação em Comunicação eram raros no País, até o final dos anos 1990, situação ainda mais difícil em universidades públicas (que se limitavam às ofertas de cursos na USP, UFRJ, UnB e UFBA, além da PUCSP e IMESP/SBC).

Como se vê, investir em formação de recursos humanos, ciência, tecnologia e qualificação docente estava fora do horizonte nacional e as universidades regionais tampouco tinham condições de investir recursos próprios. Qual a saída mais viável? Apostar em concursos públicos mais frequentes para atrair pesquisadores já com formação mínima de mestre e, quando possível, doutores para planejar cursos de pós-graduação. E foi isso que as coirmãs universidades do Norte do Paraná (Londrina e Maringá) fizeram, apostando em concursos nacionais e divulgação para compor quadros docentes com variadas origens, influências e experiências em pós-graduação, pesquisa e extensão, para além da necessária formação ao ensino de graduação. Em Comunicação – no caso da UEPG e, particularmente, do Departamento de Jornalismo – as limitações estão neste nível e patamar.

Qualquer esforço de planejamento deveria considerar a série de limites e variáveis que deixavam os departamentos de ensino em precárias condições de ver um pouco além dos rios Iapó e Tibagi, como sugere um ditado regional nos *Campos Gerais do Paraná*.

E o que acontece em nível nacional naquele momento (segunda metade dos anos 1990) com a formação profissional em Jornalismo no Brasil? A chamada era FHC² (leia-se PSDB/PDS/Dem/PL ou PMDB e mesmos aliados de décadas), que prolonga a tal transição do regime militar do pós-Collor (1992) até 2001 reduz os precários investimentos em Educação, ciência e Tecnologia (C&T), implantando ações neoliberais com redução da estrutura do Estado, privatização de setores estratégicos, dolarização da economia (salário mínimo abaixo de 100 U\$\$ mensais) na esteira da ilusão de um fim da inflação.

É neste cenário que o incentivo à abertura da economia em setores essenciais (educação, saúde, transporte e telefonia) promete criar ‘mercado’ ao ensino privado em universidades que logo se tornam grandes investidoras na abertura indiscriminada de cursos superiores, custeados por um setor iludido pelo acesso à universidade, graças a programas de financiamento em bancos privados, que deveriam facilitar o custeio temporário de mensalidades cada vez mais caras e, em poucos anos, impagáveis, pois o congelamento só se mostrou mesmo eficiente no salário de trabalhadores. No mais, lucro, acordos, favorecimentos e a reprodução de um conhecido esquema de agiotagem, de novo, em terras verde-amarelas!

E, assim, os cursos de Jornalismo passam de pouco mais de 50 no início dos anos 1990 para mais de 100 no advento da próxima década, século e milênio! Às IES públicas restou pouca opção, entre eventuais ilusões com a mercantilização do ensino privado, a oferta de demissões voluntárias (PDVs) para reduzir folha de pagamento em empresas, administração e inclusive universidades. Apoio à C&T, pesquisa e desenvolvimento nacional – como apregoavam ex-alunos do CEPAL, de Santiago, Ciudad do México, Paris ou Bruxelas? Quase tudo virou miragem, como revelam estudos de Aluisio Biondi, Marcio Pochmann e Conceição Tavares.

A segunda década da história do Curso de Jornalismo da UEPG (1996-2005), portanto, enfrenta as mesmas limitações impostas pelas políticas em curso no País e, claro, com a mesma ên-

² Acrônimo de Fernando Henrique Cardoso, presidente do Brasil entre 1995 e 2002.

fase privatista no Estado do Paraná, onde a gestão Jaime Lerner (1995-2002) cria obstáculos à realização de concursos públicos, congela salários de servidores, cria um sistema de privatização das rodovias (anel da integração, em 1997, que depois fica conhecido por práticas de corrupção e financiamento eleitoral, levando um ex-governador à prisão por três vezes, em 2018), gesta o escândalo do Banestado, que é praticamente doado a um banco privado e só não privatiza a Copel, porque milhares de estudantes secundaristas impedem o leilão de uma venda negociada. Este é o Paraná da era Lerner! Foi neste período (2000/2002) que os professores de três universidades estaduais (UEL, UEM e Unioeste) fazem a maior greve do ensino superior do Estado. A UEPG, neste momento, sequer possui sindicato docente e a “comunidade” apenas sabe da greve das universidades coirmãs pela versão de raras matérias em mídia regional!

A situação do curso de Jornalismo da UEPG estaria, pois, como as demais universidades públicas regionais, praticamente inviabilizada ou sequer em condições de pensar em planejamento estratégico, como ensinaram alguns ex-discípulos remanescentes dos estudos “cepalinos”. Ao vencedor, as batatas. Aos excluídos, a resignação!, sugerem as metáforas literárias que ainda projetavam outros tempos ao pós-anos de chumbo da ditadura militar brasileira (1964-1985). Infelizmente, pouca coisa mudou!

Neste período, o Curso de Jornalismo registra mais atividades de pesquisa, projetos de extensão, eventos periódicos, como o Seminário de Inverno, criado em 1998, mas enfrenta os mesmos problemas estruturais decorrentes do ataque às políticas públicas (Educação, C&T, Saúde, aliado à privatização de setores estratégicos até então mantidos pelo Estado). Oportuno situar que, a partir de 1998, o Departamento de Comunicação faz concurso – isso quando o governo autoriza a administração da UEPG efetivamente realiza – para admissão de docentes com titulação mínima de mestrado, o que possibilita que professores passem, pelo menos, a integrar programas de iniciação científica na instituição, possibilitando oferta de bolsas Pibic/CNPq para alguns estudantes. Uma iniciativa de apoio à pesquisa que inicia apenas em 1996, quando três estudantes de Jornalismo se tornam bolsistas pela primeira

vez na UEPG. E, assim, mesmo considerando os tempos difíceis, o quadro docente em Jornalismo avança em ações de pesquisa, extensão, mantendo a oferta no ensino de graduação, ao mesmo tempo em que possibilita a qualificação de integrantes do quadro, através de doutorado. Oportuno lembrar que, até o ano 2000, a Capes manteve o PICDT (Programa Institucional de Capacitação Docente e Técnica), que garantia bolsas às IES públicas que, por sua vez, assumiam qualificação docente através de cursos de pós-graduação em universidades distantes da sede, com liberação das atividades e pagamento salarial aos professores no referido período de formação (até três anos para mestrado ou quatro anos para doutorado). Pelos dados, apenas três docentes de Jornalismo na UEPG tiveram acesso para qualificação via PICDT/Capes, ao longo dos 35 anos de história aqui apresentada.

Quadro 1 - Cursos ofertados pelo Departamento de Jornalismo UEPG

Curso	Nível	Ano funcionamento	Vagas
Com. Social/ Jornalismo	Graduação	1985	40
Mídia, Política e Atores Sociais	Pós (lato sensu) Espec.	2006, 2009 e 2011	50
PPG Jornalismo	Pós (stricto sensu) Mestrado	2013	10

Fonte: Gadini, 2021.

Para fechar a periodização, a terceira década de existência do curso de Jornalismo da UEPG (2006-2015) marca a ampliação da oferta do ensino para além da graduação: a primeira especialização (lato sensu) é lançada em 2006, com seguidas turmas em 2009 e 2011, criando condições para o projeto de mestrado em Jornalismo, que é autorizado pela Capes em fevereiro/2012, passando a funcionar com a primeira turma em fevereiro de 2013. A área de concentração do programa de pós-graduação (Mestrado) segue, com as devidas adaptações, as ações de pesquisa desenvolvidas até então: Processos Jornalísticos, deixando às duas linhas de pesquisa (LP1 Processos de Produção Jornalística e LP2 Processos Jornalís-

ticos e Práticas Sociais) os desdobramentos – que, hoje, são executadas em ações e subprojetos – através dos grupos que sustentam o eixo do MsJor.

Protagonismo estudantil por um Jornalismo de Qualidade

Em Universidade Pública, historicamente, estudantes reivindicam melhores condições de ensino, estrutura laboratorial, quadro docente que assegure planejamento na oferta de disciplinas, bem como atividades que vão além do espaço e horário de aula física presencial. No curso de Jornalismo da UEPG não é diferente! Desde o surgimento, os alunos vivenciam as dificuldades de um curso criado sem as pré-condições de funcionamento e, diante da relação de dependência que a administração da Universidade possui frente ao governo estadual, não é novidade que, a cada início de ano letivo, as aulas atrasem semanas (ou até mais de um mês) para começar, diante da falta de professores, o que afeta habitualmente os cursos com quadro docente restrito, como é o caso de Jornalismo.

Se nos anos 1990 a luta estudantil em Jornalismo era por garantia de professores e laboratórios com estrutura mínima, principalmente computadores (PCs), uma vez que a transição das salas de redação com máquinas de escrever em papel foi além e registrou constantes protestos e manifestações por estrutura de ensino profissional. A tal transição alongada de digitalização em Jornalismo raramente contou com equipamentos novos ao ensino e, pois, PCs foram gradualmente instalados à medida em que setores administrativos ou parceiros faziam doações ou transferência para aproveitar em laboratórios do Curso. Por sua vez, mesmo laboratórios que demandam condições mais simples de ensino – como radiojornalismo, nos tempos de mesas de som analógicas – também enfrentam problemas de financiamento. Telejornalismo e fotojornalismo, da mesma forma, deixavam estudantes em atividades de simulação experimental, dadas as precárias condições de funcionamento, que eram geralmente adaptadas por profissionais técnicos responsáveis pela manutenção laboratorial.

É partir de 2004, quando o Departamento de Jornalismo (DeJor) amplia o espaço físico de funcionamento – do Bloco B ao Bloco C, no Campus Central da UEPG, na Praça Santos Andrade – que outros espaços passam a ser organizados para posterior funcionamento laboratorial. Até então, Jornalismo conta com quatro laboratórios (duas salas de redação com computadores adaptadas e constantemente substituídos por peças danificadas, o laboratório de fotojornalismo, telecine e radiojornalismo). A partir de 2006, já com espaço ampliado, o Curso passa a contar com outras condições experimentais, inclusive com equipamentos novos adquiridos via projeto financiado pela Secretaria Estadual de Ciência e Tecnologia (SETI/PR).

As atualizações de equipamentos, contudo, não se esgotam em investimentos pontuais, pois demandam constantes adaptações, que se acentuam a partir da digitalização informacional. Em 2020, a estrutura laboratorial, envolvendo ensino, extensão e inclusive algumas atividades de pesquisa, apresenta a seguinte organização, obviamente distante de um cenário ideal, mas por certo bem diferente dos tempos em que o curso começou a funcionar na UEPG. Como se vê, ao longo da história, a organização estudantil foi, sem dúvida, uma força fundamental na luta pela garantia, permanência e ampliação das condições de ensino em Jornalismo na UEPG. Trata-se de um protagonismo que pode justificar e melhor explicar as constantes mudanças estruturais na Universidade.

Quadro 2 - Laboratórios de Ensino Jornalismo UEPG

Laboratório	Criação	Local	Função
Redação I	1988	C-1	Lab Prod Jornalística
Redação II	1992	C-14	Lab Prod Jornalística
Redação III	2006	C-16	Lab Prod Jornalística
Fotojornalismo	1988	C-15	Lab Prod Fotojornal

Radiojornalismo	1988	B-05	Lab Prod Radiojornal
Telejornalismo	1988	B-04	Lab Prod Telejornal
Agência Jornalismo	2004	C-7	Produção/gestão extensionista
Multimídia	2006	C-10	Lab Prod multimídia

Fonte: Gadini, 2021.

O mesmo debate sobre expectativa com qualidade do ensino está diretamente associado à oferta de iniciativas de produção laboratorial, que ganham forma em produtos, que foram gradualmente criados na UEPG, a partir de atualizações curriculares ou mesmo de cobrança administrativa junto à reitoria, na medida em que a ausência de estrutura limitava a elaboração e mesmo oferta de espaço experimental que caracteriza a formação profissional em Jornalismo.

Pela tabela abaixo, pode-se compreender algumas mudanças nas condições de oferta de ensino, tendo por base produtos elaborados por estudantes da graduação em Jornalismo da UEPG. Observe que, até 1998, o curso conta com apenas um produto laboratorial periódico (Foca Livre) e, até 2008 apenas dois produtos registram edição regular. Claro que algumas eventuais iniciativas funcionam, mas sem a tradicional periodicidade que marca a prática jornalística.

É, pois, a reforma curricular do curso de 2005 que introduz outros espaços e meios na grade de atividades periódicas no ensino de Jornalismo na UEPG, como o Portal Comunitário e a Rádio web que funcionam, simultaneamente, como práticas de ensino e extensão, de modo integrado no cotidiano de um curso de graduação, desde então com efetivo funcionamento integral (manhã, tarde e, por vezes, inclusive à noite). A reforma curricular de 2015, por sua vez, já considerando as diretrizes curriculares nacionais (DCN), aprovadas pelo Ministério da Educação em 2013, ampliam as ofertas de produções laboratoriais no curso de Jornalismo.

Quadro 3 - Produtos Laboratoriais em Jornalismo UEPG

Produto	Criação	Periodicidade	Função
Jornal Foca Livre	1991	Mensal	Produção/edição jorn
Revista Nuntiare	1998	Bimensal	Prod/edição revista
Portal Comunitário	2008 - 2015	Diário	Cobertura local
Rádio web	2008 - 2013	Semanal	Produção radiofônica
Crítica de Ponta	2009	Semanal	Crítica mídia/cultura
Correspondente Local	2015	Semanal	Telejornalismo
Periódico	2015	Diário	Cobertura local
Ponto da Notícia	2015	Semanal	Radiojornalismo

Fonte: Gadini, 2021.

O registro de projetos (pesquisa e extensão), bem como a criação e manutenção de eventos acadêmico-científicos e de integração extensionista em Jornalismo foram criados principalmente a partir de meados dos anos 2000, impulsionando mudanças que, logo, impactam no aumento de demandas e atividades aos próprios docentes da instituição, na maioria dos casos relacionando de forma direta e frequente ações de pesquisa, ensino e extensão.

Se o primeiro projeto de extensão que passa a operar de forma integrada só acontece em 2003 (com a Agência de Jornalismo), a reestruturação laboratorial em Jornalismo, feita com recursos financeiros da SETI/Fundo Gestor do Paraná (2005/06), vai possibilitar a execução de diversas ações, bem como a ampliação da oferta de espaços e produtos laboratoriais, consolidando a reforma curricular da graduação, que reestrutura a grade de ensino a partir de 2005.

Nos anos seguintes, surgem outros três importantes projetos que vão fortalecer envolvimento comunitário de estudantes e professores, via extensão, bem como ampliar atividades investigativas integradas: Portal Comunitário (2008), Cultura Plural (2011) e Lente Quente (2010). A efetiva articulação na formação jornalística se consolida e abre espaço para outras iniciativas, como mostram as tabelas de projetos, eventos e também produtos laboratoriais.

Fortalecimento da extensão como estratégia de formação para cidadania

O primeiro documento que institui o ensino superior no Brasil (Decreto 19.851/1931)³ já referencia que a Universidade Pública se sustenta na oferta do ensino, desenvolvimento de pesquisa e ações extensionistas. A nomenclatura, claro, é aqui atualizada, mas é o que gradualmente estrutura uma concepção universitária que vai, posteriormente, dialogar com os problemas sociais que envolvem e caracterizam o contexto em que a formação acadêmica brasileira passa a existir, e pois, se orienta até as duas primeiras décadas do século XXI.

Paralelo à função primeira, e aparentemente vistosa, que justifica a criação de um curso universitário, trata-se de vislumbrar ações que operem como forma e espaço de interação comunitária, que processem uma via de mão dupla, com um aprendizado frequente, entre os grupos e atores coletivos que esperam que a universidade ajude resolver problemas sociais e, por outra perspectiva, estudantes e professores que aprendam com tais relações recíprocas.

No caso da UEPG, os desafios de práticas extensionistas em Jornalismo demoram alguns anos, até que se tornem práticas efetivas no cotidiano do ensino e em sintonia com a pesquisa, pois o curso foi criado sem a garantia de contratação prévia de docentes para oferta de disciplinas curriculares em atividades de formação e práticas laboratoriais específicas. E não é, pois, na primeira década, que a extensão adquire efetividade, pois apenas a partir do final dos anos 1990 a gradual oferta de atividades de integração com setores da comunidade interna da instituição e da cidade ou municípios da Região dos Campos Gerais implica em reconhecimento da própria existência e de demandas que aos poucos chegam até o curso de Jornalismo da UEPG.

³ Decreto 19.851, de 11 de abril de 1931, assinado por Getúlio Vargas, que dispõe sobre o ensino superior no Brasil, está disponível em <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19851-11-abril-1931-505837-publicacaooriginal-1-pe.html>

Quadro 4 - Projetos de Extensão em Jornalismo UEPG

Projeto	Criação	Objetivo
João de Barro	1994-1996	Jornal produzido ao Nucleam UEPG
A Mídia em Livros	1997-2004	Revista anual em resenhas de livros em mídia
Divulgação Científica ADC	1997-1999	Boletim diário divulga pesquisas da UEPG
Agência de Jornalismo	2003	Apoio a movimentos/entidades sociais de PG
Boletim CMDCA PG	2005-2006	Jornal bimensal divulga Conselho da Criança/Adolescente
Rádio web UEPG	2008-2014	Produções em radiojornalismo
Cultura Plural	2011	Expressão aos grupos culturais da Região
Foca Foto	2010	Registro fotográfico do patrimônio regional
Lente Quente	2010	Cenário cultural de PG em imagens cotidianas
Programa ADE!	2010-2013	Programa de TV (mensal) para TVComPG
DHs e Jornalismo ELOS	2017	Cobertura temática sobre direitos humanos em PG

Fonte: Gadini, 2021.

Além dos projetos, o histórico de eventos criados e mantidos no calendário regular do DeJor confirmam a ampliação das condições de oferta, aumento quantitativo no número de eventos, consolidação da pós-graduação, que também implica promoção de espaços de diálogo acadêmico e, por consequência, aumento de trabalho ao grupo de professores, que praticamente mantém o mesmo número ao longo de mais de três décadas na UEPG.

Oportuno, aqui, ponderar ainda que, além dos projetos e iniciativas referenciados, outras experiências foram desenvolvidas no Curso de Jornalismo ao longo do período analisado. O presente relato registra as ações mais expressivas, considerando principalmente a regularidade e o tempo de desenvolvimento ou execução

das propostas. E, pois, a mesma ponderação vale para eventos, ações extensionistas (projetos ou programas) ou mesmo investigações, que são renomeadas por linhas, área de concentração e subprojetos, em geral por demandas de atualização temática ou foco metodológico.

Quadro 5 - Eventos Regulares Promovidos pelo Departamento de Jornalismo UEPG

Nome	Criação	Edição 2020	Periodicidade
Semana de Estudos em Comunicação	1990	XXIX (2020)	Anual
Aula Inaugural Jornalismo UEPG	1997	XX (2019)	Anual
Seminário de Inverno UEPG	1998	XXIII (2020)	Anual
Encontro Paranaense de Pesquisa em Jornalismo	2003	XVI (2018)	Anual
Colóquio Mulher e Sociedade	2012	VI (2019)	Bianual
Diálogos em Jornalismo, História e Literatura	2014	VIII (2019)	Semestral
Seminário de Pesquisa MsJor UEPG	2017	III (2019)	Anual

Fonte: Gadini, 2021.

E, por fim, vale situar a participação de professores de Jornalismo UEPG na edição, coedição, parceria ou apoio na produção editorial de revistas acadêmicas da área de comunicação no País. Como tais compromissos decorrem do envolvimento direto de docentes em entidades, eventos científicos e iniciativas de pesquisa, na mesma medida em que o quadro docente registra maiores índices de qualificação, mesmo com restrito quadro efetivo, tais ações revelam uma presença efetiva em organizações nacionais do campo dos estudos de mídia.

A primeira revista que DeJor passa a produzir, em coedição com a Rede Folkcom, é a *Revista Internacional de Folkcomunicação*.

ção, em 2004, passando nos anos seguintes a colaborar na produção de outros periódicos, como a *Revista Brasileira de História da Mídia* (junto à Rede Alcar, a partir de 2016), *Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo* (REBEJ), junto ao Fórum de Professores de Jornalismo, atual Associação Brasileira/ABEJ), até chegar à criação da *Pauta Geral*, editada pelo Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UEPG, a partir do primeiro semestre de 2014.

Como se pode ver, tais atividades editoriais não seriam possíveis sem contar com apoio e contribuição de estudantes (da graduação e mestrado), que integram grupos de pesquisa e projetos de extensão na Universidade, seja como bolsistas ou voluntários. É uma das ações que precisam de estrutura institucional, envolvimento coletivo via departamento e, obviamente, planejamento que possibilita assegurar a publicação semestral de cada uma das revistas listadas no quadro abaixo.

Quadro 6 - Revistas acadêmicas com participação editorial do DeJor UEPG

Periódico	Lançamento	Partic DeJor	Edição 2020	Parceria/Convênio
Pauta Geral	2014	Edição	Nº 14	PPGJor UEPG
Rev Bras Hist Mídia	2012	Colab. (2016)	Nº 17	Rede Alcar e PPGJor
Revista Folkcom	2003	Coedição	Nº 40	Rede Folkcom e PPGJor
REBEJ	2007	Apoio editorial	Nº 26	ABEJ e PPGJor UEPG

Fonte: Gadini, 2021.

Apontamentos finais (aos desafios de uma história em andamento e disputa)

Os limites, desde a criação do Curso (em 1985), destacam o modesto quadro docente que, em janeiro/2021, conta com 19 professores: 12 efetivos e sete em regime temporário (que precisa de

autorização semestral do Governo do Estado). Equivale dizer que cerca de 40% do quadro docente em atividade no Departamento Jornalismo é formado por profissionais que trabalham em regime reconhecidamente precário – na forma de contrato temporário com renovação semestral por um período de até dois anos, com direitos trabalhistas limitados e, pois, sob constante insegurança na relação de trabalho. Do total (19), um docente está liberado para assessorar o governo do Paraná (junto à SETI) e 10 trabalham simultaneamente em atividades de ensino na graduação e pós-graduação.

O que chama atenção é que, ao longo de 35 anos de curso de Jornalismo, o quadro efetivo, que na prática é o que responde por boa parte do planejamento e execuções das atividades desenvolvidas – a UEPG não aceita que docentes temporários coordenem projetos de pesquisa, extensão e tampouco tenham acesso ao pagamento por dedicação exclusiva, o que limita o trabalho de colaboradores –, pouco mudou em termos quantitativos. Se em 1997, o DeCom tinha nove docentes efetivos, em 2020 o DeJor conta com apenas 11 integrantes no quadro permanente departamental, para além de oito docentes em regime temporário (contrato semestral), o que em muito limita planejamento e, por vezes mesmo, execução das atividades regulares previstas em ensino (graduação e pós-graduação), pesquisa e extensão.

E, por fim, há duas questões que, nos limites de recursos humanos disponíveis, ajudaram a consolidar e fortalecer ações integradas no Curso de Jornalismo da UEPG. Com poucos docentes, o DeJor passa a fazer concurso para contratação docente por áreas e não mais disciplinas específicas, a partir de 1998. E, ao mesmo tempo, na medida em que a organização e o funcionamento do Curso não se reduz aos horários presenciais de aulas ministradas, pois envolve atividades integradas de pesquisa e também extensão junto aos diversos setores da cidade/região, a orientação coletiva é de que os professores efetivos tenham atividade em projetos simultâneos de pesquisa, extensão, além de atuar no ensino (de graduação e da pós-graduação).

Para isso, pressupõe-se que é fundamental conhecer as condições de vida, trabalho e os diversos espaços, bem como atores com os quais as atividades integradas registram parcerias e interações sociais, daí outra orientação é de que docentes vivam efetivamente a Universidade e, pois, também a cidade em que a UEPG se situa (Ponta Grossa e a Região dos Campos Gerais do Paraná).

Após as diversas situações e trabalhos desenvolvidos, não resta dúvida de que tais orientações em muito contribuem para fortalecer os modos de trabalhar, organizar e planejar as incontáveis iniciativas desenvolvidas no Curso de Jornalismo da UEPG. Afinal, viver e construir uma Universidade Pública implica ofertar ensino, realizar pesquisas (que resultem em publicações) e interagir com os variados setores comunitários, a partir de atividades extensionistas. Na UEPG, e particularmente no Curso de Jornalismo, ao menos nos 35 anos de existência, não é diferente!

Referências Bibliográficas:

AGÊNCIA de Jornalismo da UEPG ganha selo de 10 anos. In: **Agência de Notícias do Paraná**, 28/11/2013. Curitiba: Governo Paraná, 2013. Disponível em. Acesso em 10/01/2021.

BRIGGS, Asa e BURKE, Peter. **Uma história social da mídia**. Tradução: Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BRONOSKY, M. E.; GADINI, S. L. “O jornalismo cultural em perspectiva fokonmunicacional”. Trabalho apresentado no **36º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Manaus: Intercom/UFAM, 4 a 7/09/2013. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-1511-1.pdf> Acesso em 10/01/2021.

DEL PONTE, Adrian S.; OLIVEIRA, M. A. e GADINI, S. L. “Crítica de Ponta como experiência de formação jornalística e cultural”. Texto apresentado no **XV Seminário de Inverno de Jornalismo UEPG**. Ponta Grossa: UEPG, 25 a 29 de Junho de 2012.

GADINI, S. L. **Interesses cruzados**. São Paulo: Paulus, 2009.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013.

HISTÓRICO UEPG Departamentos. Ponta Grossa: UEPG, s/d. Disponível em www.pitan-gui.uepg.br Acesso em 10/01/2021.

GADINI, S. L. Entrevista: “Pós-Graduação em Jornalismo da UEPG é essencial ao fortalecimento da instituição. Ponta Grossa: **Jornalismo UEPG**, 11/03/2016. Disponível em <https://jornalismo.sites.uepg.br/index.php/mestrado/432-sergio-gadini-programa-de-pos-graduacao-em-jornalismo-da-uepg-e-essencial-para-o-fortalecimento-da-instituicao> Acesso em 10/01/2021.

DOAÇÃO amplia acervo bibliográfico em Jornalismo na UEPG. In: **Portal A Rede**. Ponta Grossa: Arede.info, 22/09/2017. Disponível em <https://d.aredo.info/ponta-grossa/173652/doacao-amplia-acervo-bibliografico-em-jornalismo-na-uepg> Acesso em 10/01/2021.

MESTRADO em **Jornalismo UEPG**. Ponta Grossa: UEPG, 2013. Disponível em: <https://www2.uepg.br/ppgjor/#o-programa>. Acesso em 10/01/2021.

OLIVEIRA, Hebe M. G. de. E BECKER, M. L. **Jornalismo em tempos de complexidade: imbricações entre mídia, política e atores coletivos**. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2017. Disponível em <https://www2.uepg.br/ppgjor/jornalismo-em-tempos-de-complexidade-imbrica-coes-entre-midia-politica-e-atores-coletivos/> Acesso em 10/01/2021.

OLIVEIRA, Hebe M. G. de. e GADINI, S. L. “A Agencia de Jornalismo como espaço de apoio aos movimentos sociais nos Campos Gerais do Paraná”. In: **Revista Extensao em Foco**. Palotina: UFPR, Ago/Dez 2020. N. 21, Pp: 176-191. Disponível em <https://revistas.ufpr.br/extensao/issue/view/2942> Acesso em 10/01/2021.

AGÊNCIA DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: O PIONEIRISMO NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA PRÁTICA DO JORNALISMO CIENTÍFICO

Marcelo Engel Bronosky¹
Guilherme Carvalho²

Breve percurso histórico da extensão no curso de jornalismo da UEPG

Quem conhece o curso de jornalismo da UEPG hoje, com um corpo docente qualificado, com egressos atuando em vários lugares do Brasil e do mundo, com trajetória consolidada na pesquisa e na extensão reconhecida nacionalmente, integrada às demandas na sociedade, pode supor que ele nasceu assim. Na realidade, não. Seus 35 anos de existência podem ser identificados em fases, com avanços e retrocessos, construídos por um entendimento compartilhado de que a ação coletiva de professores, estudantes, servidores e comunidade é seu maior diferencial. É com este sentimento de luta e respeito à universidade pública, gratuita e de qualidade que tem forjado a cada dia essa trajetória. Dentre estes muitos aspectos, certamente a aposta na extensão, baseada no entendimento de que não é possível compreender a sociedade sem atuar nela e com ela, que o curso de jornalismo da UEPG se tornou o que é, na

¹ Jornalista, doutor de Comunicação, professor dos cursos de graduação e mestrado em Jornalismo da UEPG-PR.

² Jornalista, doutor em Sociologia, professor do curso de graduação em jornalismo da Uninter-PR e do mestrado em Jornalismo da UEPG-PR.

certeza de que há muito o que avançar na ampliação da qualidade da formação superior em na área.

Este capítulo está preocupado em contar, a partir dos relatos de participantes e arquivos disponíveis no Departamento de Jornalismo, sobre o projeto de extensão Agência de Divulgação Científica ou simplesmente ADC. As memórias aqui descritas foram cotejadas com relatórios mensais, anuais e de renovação apresentados ao longo dos três anos de duração do projeto, entre 1997 e 1999, além dos próprios boletins.

O curso de Jornalismo da UEPG teve início em julho de 1985 como uma das habilitações da área da Comunicação Social, oferecido no período vespertino em quatro anos. Desde então, ele passou por várias mudanças de natureza organizacional, representadas por reformas curriculares: sete até 2020³; alterações no período de oferta, passando de vespertino, para matutino e por fim em integral. Outras de natureza infraestruturais, envolvendo equipamentos com a readequação e atualização de laboratórios, ampliação de espaço físico (alguns irão recordar da ‘salinha’ do Bloco B) e o aumento no número de docentes e sua consequente qualificação. Muitos destes avanços foram conseguidos por meio de mobilizações públicas, reivindicações de estudantes e professores, tornando-se uma das características do curso ao longo de sua história, ainda que nos últimos anos ela tenha sido limitada.

Entre estas características adquiridas neste percurso, uma chama a atenção: seu compromisso com a extensão.

O curso de Jornalismo da UEPG é conhecido pelas suas incessantes iniciativas extensionistas: são programas, projetos, eventos, simpósios, exposições, debates, coberturas noticiosas entre outras ações, atingindo um conjunto representativo da comunidade, muitas delas sem vinculação institucional. Mas isto nem sempre foi assim.

³ Disponível em: <https://www.uepg.br/catalogo/cursos/2018/jornalismo.pdf>. Acesso 14 dez. 2020.

Nos primeiros anos do curso, algo entre 1985-1995, seja pela falta de condições já mencionadas, ele se centrava no ensino com fortes características teórico-humanísticas. A extensão era limitada, assim como a pesquisa, como atividade regular específica no curso ou mesmo da universidade⁴, carente de políticas de incentivo e estrutura. A própria compreensão de extensão universitária não estava clara e seus objetivos eram difusos.

Embora houvesse normatizações anteriores, em plano nacional, somente em 1992, com o processo de redemocratização em curso no Brasil e inspirado nas ideias de Paulo Freire, a extensão passou a indicar com clareza sua vocação. O Plano Nacional de Extensão Universitária (PNEU), revisado e aprovado em 2015, reafirma essa convicção como sendo uma “[...] ação institucional voltada para o atendimento das organizações e populações, com o sentido de retroalimentação e troca de saberes acadêmico e popular” (PNEU, 2015. p.13).⁵ Com isto, a extensão passa a assumir lugar de pleno direito no tripé ensino-pesquisa-extensão preconizado na Constituição Federal (CF, 1988. Art. 207). Políticas nacionais passam a valorizar a extensão para além de ações meramente assistencialistas, mas principalmente como eixo articulador entre pesquisa e ensino, focada nas demandas sociais orientadas à produção de conhecimento (pesquisa) no sentido de orientar a formação e disseminação de saberes (ensino) para e dessas realidades, consagrando a indissociabilidade garantida pela Constituição Federal⁶. *A Extensão Universitária, sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa*

⁴ Nos poucos casos, a extensão na UEPG ficava a reboque de iniciativas isoladas, como no caso do Crutac – Centro Rural de Treinamento e Ação Comunitária, criado em 1974 ou mesmo o Pro-egresso, em 1977, Disponível em: <https://www2.uepg.br/proex/historia/>. Acesso em 21 dez. 2020.

⁵ Política Nacional de Extensão Universitária. Fórum Nacional de Pró-reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras – FORPROEX. Manaus, 2012: Disponível em: <https://proex.ufsc.br/files/2016/04/Pol%C3%ADtica-Nacional-de-Extens%C3%A3o-Universit%C3%A1ria-e-book.pdf>. Acesso em 15 dez. 2020.

⁶ Constituição Federal de Brasil. 1988. Atualizado em 2019. Disponível em: https://www.impressaooficial.com.br/downloads/pdf/Constituicoes_declaracao.pdf. Acesso em 23 dez. 2020.

*e extensão, é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade.*⁷

No caso do Jornalismo da UEPG, as atividades externas às salas de aula realizadas por estudantes, com alguma supervisão docente, eram executadas eventualmente na Assessoria de Imprensa/ Comunicação da própria UEPG sob a supervisão do professor do curso Ademir Viganó Mazotti entre outros que se alternaram naquela função de acordo com a reitoria vigente. Ou seja, a relação com o mundo do jornalismo era limitada e se vinculava a limitados espaços institucionais. Neste cenário desfavorável, poucos podiam exercer suas produções para além dos veículos laboratoriais, como nos conta Gustavo Ban e Felipe Pontes:

Menos de dois anos depois (da abertura do curso), foi produzida a primeira edição do jornal O Cobaia, primeiro impresso registrado no curso. Desde então, outros oito foram produzidos pelos alunos, sendo eles: O Trabuço, Imagem & Ação, Contraponto, Vitral, Coletivo, Jornal O Dia, Foca Mais e Foca Livre. (BAN, PONTES, 2018, p. 3)

Estamos falando em meados dos anos 1990: a primeira turma tinha se graduado recentemente; o Foca Livre, jornal laboratório, estava nas suas primeiras edições; computador estava distante e a internet era ficção. Nessa fase, ainda quando as aulas aconteciam pela tarde, o perfil dos estudantes era formado em sua maioria por aqueles e aquelas que já mantinham alguma relação/interesse profissional com a área da comunicação stricto sensu. Diagramadores, articulistas, escritores, jornalistas provisionados, repórteres, radialistas, artistas, entre outros formavam o grosso dos estudantes. Embora o curso fosse vespertino, o que dificultava o acompanhamento das aulas, pois as atividades de imprensa ocorriam basicamente

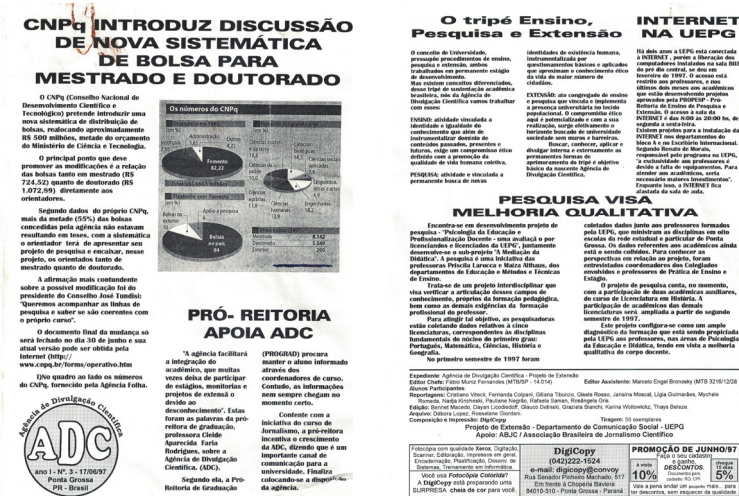
⁷ Política Nacional de Extensão Universitária. Fórum Nacional de Pró-reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras – FORPROEX. Manaus, 2012: Disponível em: <https://proex.ufsc.br/files/2016/04/Pol%C3%ADtica-Nacional-de-Extens%C3%A3o-Universit%C3%A1ria-e-book.pdf>. Acesso em 21 dez. 2020.

neste período, muitos destes se aventuravam em acompanhar às aulas. Logo, as ações extensionistas não faziam parte do cotidiano, seja por desinteresse, seja por impossibilidade ou mesmo por que ela era limitada.

Entretanto, essa realidade muda gradativamente, estimulada, especialmente a partir da segunda metade da década de 1990, com o ingresso de novos professores e professoras via concurso público e seu interesse pela qualificação. A partir deste momento, portanto, algumas iniciativas passam a ocupar espaço nas atividades do curso.

Um dos primeiros projetos de extensão oferecidos pelo curso de jornalismo da UEPG destinados a exercitar as lógicas de produção jornalística foi a Agência de Divulgação Científica ou simplesmente ADC. Trata-se de esforço de cobertura noticiosa periódica de temas científicos desenvolvidos no âmbito da UEPG produzidos pelos estudantes, publicados em papel no formato A4, frente e verso, preto e branco, distribuídos nos órgãos da universidade. Como detalharemos mais a frente, a ADC tornou-se um espaço, além das atividades laboratoriais, para os estudantes experenciarem a produção noticiosa regular, com reuniões de pautas, deadlines, discussão sobre os critérios de noticiabilidade, organização produtiva e comentários dos leitores, alguns não muito amistosos. Tratava-se de um momento rico para a reflexão dos conteúdos aprendidos em sala.

Figura 1 - Boletim da Agência de Divulgação Científica



ADC - Ano nº 1, Edição nº 03, de 17/06/1997 - Ponta Grossa - Paraná - Brasil

Aliado ao processo de aprendizado de estudantes, que exige mais tempo para o desenvolvimento das etapas de produção jornalística, tendo em vista o acompanhamento e orientação de professores envolvidos, um projeto de extensão que consiga garantir uma publicação periódica regular deve ser encarado como um grande feito.

Criada em 1997 pelos professores Fábio Muniz Fernandes e Marcelo Engel Bronosky⁸, a Agência de Divulgação Científica (ADC) consistia na produção de um boletim diário impresso, frente e verso, P/B, com notícias sobre a pesquisa desenvolvida nos mais diferentes órgãos da instituição. Nesse sentido, tratava-se de um trabalho que buscava dar visibilidade à produção científica da UEPG, considerando os diferentes grupos de pesquisa e pesquisadores ligados à universidade. Nos termos da proposta de projeto de extensão submetida à UEPG em 20 de março de 1997 constava, com alguma presunção, os seguintes objetivos: “- *Difundir a in-*

⁸ Além dos professores mencionados, participaram da coordenação e, em algum momento, Jackson Barbosa, Cicélia Pincer Batista e João Somma Neto.

formação científica; - Criar uma intensa interação entre público interno e os veículos de comunicação; - Estabelecer um marco referencial de divulgação científica” (1997).⁹ De toda forma, o projeto foi aprovado nas instâncias internas, não sem antes revelar, em seu trâmite, manifestações no mínimo estranhas de dirigentes da própria instituição em relação à pesquisa e à divulgação científica. Segundo o Pró-reitor de Pesquisa e Pós-graduação da época, *“A Propesp poderá participar enquanto gerenciadora da atividade de pesquisa na UEPG, mas sem possibilidade de fornecer dados específicos dos projetos, os quais têm autoria e devem ser mantidos em sigilo enquanto a pesquisa se desenvolve”*.¹⁰ (grifo nosso). Demonstrava compreensão corrente por parte da gestão da UEPG no sentido de dificultar o acesso aos projetos, burocratizando eventuais solicitações ou mesmo negando.

Uma agência de notícias internas

O boletim produzido pela agência era voltado para o público interno, entregue diretamente em diferentes departamentos dos *campi* Central e Uvaranas e/ou distribuído através do sistema interno de correspondência (malote).

Deste modo, era possível à comunidade universitária ter acesso a uma parte do que era produzido em termos de pesquisa científica pelos professores e estudantes. Também era pauta da ADC os eventos acadêmicos realizados em nível local, estadual, nacional e internacional, dependendo da participação de servidores e estudantes da UEPG nestes acontecimentos. Políticas estaduais e nacionais, decisões internas e outras questões que dissessem respeito à vida universitária também eram tratadas em forma de notícia. Alguns dos assuntos que foram cobertos pela ADC: “CNPq introduz discussão de nova sistemática de bolsa para mestrado e doutorado” (Edição nº 3 de 17/06/1997), abordando nova política de

⁹ Proposta de Projeto de Extensão Agência de Divulgação Científica, 20 de março de 1997. Protocolo: 1110/97. Arquivo do Dejour – UEPG.

¹⁰ Manifestação do Pró-reitor de Pesquisa e Pós-graduação, Vicente Campiteli. Folha 13v. Protocolo: 1110/97. Arquivo do Dejour – UEPG.

distribuição e valores das bolsas para pós-graduação; “Internet... só para alguns” (Edição nº59 de 15/10/1997) destacando as dificuldades de acesso à rede pelos estudantes a partir de dois computadores e “Betinho morreu – Viva seu Betinho”, (Edição nº18 de 14/08/1997,) repercutindo o falecimento do sociólogo Hebert de Souza ocorrida dias antes. Ou seja, não era só de pautas locais que se ocupavam as páginas da ADC.

Nos arquivos do boletim contam também publicações especiais de atividades internas da UEPG como o Festival Universitário da Canção (FUC), encontros de corais, consultas (eleição) à reitoria, campanhas e mobilizações, entre outros temas. Um dos especiais foi dedicado ao polêmico “Provão”, então sistema de avaliação do ensino superior precursor do ENADE (Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes). Havia forte resistência por parte de alguns estudantes em realizar o exame. Centros Acadêmicos e DCE se manifestaram. A ADC dedicou duas edições, 11 e 12, publicadas dia 27 de junho de 1997, com quatro páginas repercutindo o exame. Cabe lembrar que parte do curso de Jornalismo boicotou a prova! Outra cobertura especial foi a do FUC. Neste caso, a responsabilidade ficava para os estudantes das turmas mais avançadas (2º e 3º anos), por exigir produção mais bem elaborada, com comentários, resenhas, críticas e opiniões. Por ser no campo cultural e exercitar competências e habilidades para além do factual, a cobertura atraía a atenção e as paixões dos envolvidos. Cada apresentação era acompanhada com interesse por todos, pois dali saía textos que compunham a edição publicada e distribuída antes do início das apresentações no dia seguinte. Por se tratar de textos analíticos e eventualmente críticos, nem sempre eram bem recebidos tanto pelo público quanto pelos artistas, gerando tensões nos presentes.

Para o ingresso no projeto, os estudantes, especialmente calouros, eram convidados a participar basicamente de duas iniciativas extensionistas existentes naquela época, agregando novos nomes à equipe já composta em partes por veteranos. Além da ADC, os interessados tinham a possibilidade de se integrarem também em outro projeto: a revista Mídia em Livros, que consistia na pro-

dução de resenhas de obras científicas. Havia ainda a possibilidade de ingressar nos poucos projetos de pesquisa, os quais deveriam ser apresentados como propostas pelos estudantes aos professores, que poderiam orientar os trabalhos a serem selecionados, com escassa possibilidade de bolsa de estudo de iniciação científica pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Naquele período, portanto, eram poucas as opções de extensão universitária em Jornalismo. As atividades práticas restringiam-se, então, às disciplinas com produção laboratorial, além, é claro, da realização de estágios em empresas de comunicação da cidade, o que na época não estava regulamentado.

Aprovados para participar da ADC, os interessados e interessadas acompanhavam a reunião que apresentava o funcionamento da agência e, se caso desejassem permanecer, recebiam as tarefas.

Além da visibilidade que o trabalho poderia render para os futuros jornalistas, o projeto também atraía pela concessão de certificados de horas complementares, uma exigência obrigatória para os graduandos. A participação na ADC garantia um certificado de 80 horas por semestre.

A ADC propiciava uma dinâmica produtiva diferente das atividades laboratoriais. Além da frequência de produção diária em seu primeiro ano e semanal nos anos seguintes, também consistia em uma aposta de produção especializada e segmentada. Além de tratar quase exclusivamente de temas relacionados à ciência, também tinha a comunidade universitária como seu público principal, tanto em termos de fontes informativas, como de potenciais consumidores.

Uma iniciação ao jornalismo científico

Ao propor a cobertura de temas científicos de pesquisa e eventos nas mais diferentes áreas acadêmicas, a ADC constituiu-se como um importante espaço de aprendizado sobre o jornalismo científico. Incomum em grande parte das instituições de ensino, as atividades jornalísticas voltadas para esta especialidade cumpriam

um duplo papel de possibilitar à comunidade acadêmica ter acesso às produções científicas nas mais diversas áreas e também aos estudantes de jornalismo terem algum tipo de experiência em uma especialidade muito carente no Brasil. A falta de uma formação específica e também de disciplinas nos cursos voltados para a formação em jornalismo científico são alguns dos principais problemas na área, segundo Oliveira (2015).

Parte das dificuldades relaciona-se ao despreparo dos jornalistas em questionar as fontes, sejam oficiais ou mesmo os próprios pesquisadores. O resultado é que muitos caem em certo “romantismo” no tratamento da ciência, na dependência de releases de assessorias de imprensa ou na reprodução de clichês e estereótipos.

[...] o jornalismo científico requer, no mínimo, além de bom conhecimento de técnicas de redação, considerável familiaridade com os procedimentos da pesquisa científica, conhecimentos de história da ciência, de política científica e tecnológica, atualização constante sobre os avanços da ciência e contato permanente com as fontes, a chamada comunidade científica. (OLIVEIRA, 2015, p.43-44)

A ADC representava uma iniciativa inspirada em uma série de outras que vinham sendo desenvolvidas no Brasil, a partir dos anos 1990, quando instituições de ensino passaram a investir com maior força em assessorias de imprensa, um fato que revela também muito do atraso brasileiro em termos de produção e também de divulgação de pesquisas no país, ainda muito dependente de instituições de ensino superior públicas.

Nos veículos brasileiros é comum vermos notícias a respeito de pesquisas desenvolvidas em outros países. Há uma predominância de conteúdos provenientes de agências internacionais nas editoriais ou nos veículos especializados a respeito de ciência. Segundo Oliveira (2015), o problema está relacionado a questões históricas que dificultaram o acesso a informações que fujam de aspectos governamentais, herança de períodos ditatoriais, em que se evitavam questionamentos sobre certas ações de governo.

A atenção maior à ciência, bem como o aprofundamento e diversificação do jornalismo, avançando pelas especializações em diferentes temas, têm permitido avanços significativos nas últimas décadas. Revistas, programas televisivos, sites especializados, editoriais em jornais e semanários, além da criação do Ministério da Ciência e Tecnologia em 1985, e o surgimento de importantes organizações como a Federação Mundial de Jornalistas Científicos, em 1992 (OLIVEIRA, 2015), constituem-se como importantes marcos nesse sentido.

Considerando as diferenciações entre a divulgação científica por jornalistas e por cientistas, como propõem Calvo Hernando (1970), Melo (1982), Bueno (1985) e Costa (2010), o jornalismo científico deve ser encarado como uma ação voltada para o público leigo, com uma escrita mais coloquial, que “ traduza ” certas informações de modo que pessoas externas à comunidade científica possam compreender os acontecimentos. Este processo inclui a incorporação de uma rotina produtiva e uma maneira específica de narrar os fatos que atendem aos preceitos jornalísticos.

O jornalismo, por sua vez:

[r]equer simplificação quase esquemática do conteúdo e da forma, para facilitar ao máximo a rápida absorção do texto; requer uma ordem, nem sempre lógica, no dispor os elementos de uma narrativa, que visa a introduzir o leitor na essência da matéria logo que lhe inicia a leitura. E, além disso, mais três qualidades: concisão, concisão, concisão. (JOBIM, 1992, p. 51)

A divulgação/comunicação científica, por outro lado, é marcada pelo cumprimento de normas e rigidez na escrita, por meio do qual o pesquisador informa a comunidade científica sobre seu trabalho, seguindo a determinados aspectos metodológicos para apresentar seus resultados. Nestes casos, os espaços de divulgação geralmente fogem ao espaço dos veículos jornalísticos. São comuns os periódicos científicos, os eventos acadêmicos a partir dos quais se publicam anais, entre outros espaços mais restritos.

Íamos atrás dos departamentos para saber quais os projetos eram desenvolvidos lá e aí conversava com os coordenadores dos projetos e fazia a matéria sobre aquilo. Não eram informações que eram muito fáceis de compreender porque eram áreas bem distintas, então a gente tentava trazer para uma linguagem que fosse entendida por pessoas de outras áreas. (Elaine Javorski, entrevista concedida em 14/12/2020)

Um dos desafios, portanto, do jornalismo científico reside na busca por uma compreensão dos fatos científicos e na produção de notícias que façam sentido sem que a abordagem seja superficial. Esta é uma das grandes dificuldades que podem abalar as relações entre jornalistas e fontes de informação. Quando esses desafios passam a fazer parte da rotina produtiva de estudantes que davam seus primeiros passos na profissão, percebe-se, então, uma dificuldade ainda maior, já que além do processo de aprendizagem sobre jornalismo, ainda havia a necessidade de avançar sobre diferentes áreas de conhecimento, típico do jornalismo científico.

O jornalismo, no tratamento de fatos científicos, tem função:

Principalmente educativa; dirigida à grande massa; promover a popularização do conhecimento das universidades e centros de pesquisa; usar uma linguagem acessível aos cidadãos comuns; despertar interesse pelos processos científicos, e não apenas pelos fatos isolados; discutir a política científica; incentivar os jovens a buscar conhecimento e promover a educação continuada dos adultos (MELO, 1982, p. 21).

Ao lidar com temáticas relacionadas à pesquisa, os estudantes de jornalismo que atuaram na ADC se depararam com estes dilemas. Parte da aprendizagem se deu justamente na construção destas relações com pesquisadores e na prestação do serviço que interessava à própria instituição e também aos pesquisadores.

Karina Janz Witowicz (entrevista concedida em 15/12/2020) destaca o conhecimento que os estudantes que participaram do projeto obtiveram a respeito das produções científicas desenvolvidas no âmbito da instituição e para além do curso de jornalismo

e também “o contato, primeiro, com a própria ideia de uma especificidade do jornalismo científico que faria essa mediação com o campo da ciência para pensar as possibilidades para tratamento do ponto de vista jornalístico”.

Rotina da ADC

A produção iniciava com reunião de pauta, a partir da qual eram debatidos acontecimentos que pudessem interessar ao grupo. Era comum o contato com diferentes departamentos para buscar informações relevantes a respeito das pesquisas desenvolvidas por professores, em busca de pautas que pudessem ser transformadas em notícias. Mas também, em alguns casos, parte dos assuntos tratados vinha de informes do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEPG ou dos próprios extensionistas que, durante as visitas aos departamentos para a realização das entrevistas ou mesmo no convívio com estudantes de diferentes cursos, acabavam tendo conhecimento de fatos potencialmente interessantes ao Boletim. A reunião consistia, então, em um debate coletivo, no qual professores orientadores e estudantes podiam compartilhar propostas de notícia.

Em 1997, primeiro ano do projeto, as edições apresentavam uma periodicidade diária, em formato A4, P/B, frente e verso. Essa periodicidade exigia organização relativamente sofisticada e uma oferta de pautas igualmente abundante. Num cenário pouco favorável, a originalidade da iniciativa era colocada em dúvida por alguns, como lembra o artigo de encerramento do primeiro ano publicado na edição 95.

Figura 2 - Boletim da Agência de Divulgação Científica

CAMINHOS DA ADC

A Agência de Divulgação Científica chega ao seu 95 número, e mais uma vez temos o orgulho de dizer que estamos concluindo 1997 com a sensação de dever cumprido.

Como muitas vezes já foi dito, nosso projeto iniciou desacreditado pela maioria das pessoas que presenciaram sua criação. Vários foram os indivíduos que afirmaram que o "jornalzinho" não passaria do 10 número, e no entanto, apesar da burocracia e alguns comentários infundados, conseguimos mostrar que com o mínimo de incentivo, trabalhos de boa qualidade podem ser realizados.

É claro, foi uma experiência nova para todos nós, e com certeza cometemos falhas. Entretanto, vale salientar a validade de uma iniciativa como esta, que visa levar notícias da Universidade para a Universidade. A divulgação de projetos, cursos, palestras, atividades que de uma forma ou outra estavam ligadas à UEPG, foi sem dúvida bem recebida pelo público a que foi destinada.

Para o próximo ano, nossas expectativas são de abranger um número maior de departamentos, sempre visando a melhoria da qualidade do produto final. Se a burocracia que ronda os corredores da Universidade nos permitir, com certeza daremos continuidade à ADC em 1998.

Expediente: Agência de Divulgação Científica - Projeto de Extensão
Editor Chefe: Fábio Muniz Fernandes (MTB/SP - 14.014) **Editor Assistente:** Marcelo Engel Bronosky (MTB 3216/12/28)
Reportagens: Janaina Moscal, Lígia Guimarães, Mychele Reneda, Rafaela Serin, Rosângela Gris, Talita Bertasso, Luciana Rocha de Queiroga, Elaine Souza, Gilianna T. Camargo, Marietela Ianesko, Fabiane Ribas
Edição: Bennett Macedo, Dayan Licodiedoff, Glauco Delinski, Graziela Bianchi, Karina Janz, Thays Beleze, Jian Papa, Kátia C. Brenbatti, Irineo Frare Baptista Netto
Composição e Impressão: *DigiCopy* **Tiragem:** 50 exemplares
Projeto de Extensão - Departamento de Comunicação Social - UEPG
Apoio: ABJC / Associação Brasileira de Jornalismo Científico

Fotocópia
Colorida,
P/B,
Digitação

DigiCopy Centro de Impressões
Fone: (042) 222-1524

Convites
Encadernação
Cartões

ADC - Ano 2, Nº 95, de 08/12/1997 - Ponta Grossa - Paraná - Brasil

Outro aspecto que merece destaque na ADC é que ela oportunizou espaço para a inserção de outras especialidades no jornalismo a artes gráficas na composição das matérias, além da adoção de charges e tiras. Nestes casos, a diagramação era realizada em sua fase inicial por meio do editor Word Office do Windows. Nada sofisticado, mas que atendia as necessidades daquele momento, até porque os computadores eram limitados para suportar softwares mais pesados.

No final de 1997, a equipe era formada por: Janaina Moscal, Lígia Guimarães, Mychele Romeda, Rafaela Santin, Rosângela Gris, Talita Bertasso, Luciana Rocha de Queiroga, Eliane Souza, Gillianna T. Camargo, Maristela Ianesko, Fabiana Ribas, Bennet Macedo, Dayan Licodiendoff, Glauco Delinski, Graziela Bianchi, Karina Janz, Elaine Javorski, Thays Beleze, Jian Papa, Kátia Brembatti, Irinêo Frare Baptista Neto.

As atividades no primeiro ano de existência da agência previam a produção regularmente diária, dividindo equipes de estudantes que eram responsáveis em produzir notícias que pudessem alimentar as edições. Desse modo, o funcionamento seguia uma estrutura de escala de repórteres, editores, ilustradores e diagramadores responsáveis pelo fechamento de cada edição.

Cada um era o repórter, mas éramos uma equipe diária, um editor e alguns repórteres. [...] Nós repórteres íamos atrás das matérias e depois trazíamos para o editor. Ele olhava e, no final do dia a gente fazia o boletim, imprimia e distribuía. A gente tinha um deadline de 5 horas. Eu, como repórter ia para o campus Uvaranas. Era um garimpo, mesmo. (Elaine Javorski, entrevista concedida em 14/12/2020)

Já a partir do segundo ano, a figura dos editores deixou de existir. Os repórteres, ilustradores e diagramadores eram responsáveis pelo fechamento dos impressos que também deixavam de ser diários e passaram a ser semanais. A edição do texto, então, passava a ser uma responsabilidade dos professores orientadores. Com mais conteúdos para cada edição, também alterou-se o formato do boletim que passava a ter 4 páginas (A3 dobrado ao meio). Neste novo formato, os estudantes ganhavam mais tempo para a produção e também havia condições favoráveis para edição e fechamento mais tranquila.

Em 1998, participaram destas reuniões os estudantes Gisele Rosso, Lorena Rodrigues, Rosângela Gris, Dany Gongora, Carolina Escobar, Andressa Missio, Luciana Queiroga, Letícia Torres, Katia Brembatti, Eduardo Ribeiro, Mariane Hoff, Eliana Rollwa-

gen, Alexandre Contiero, Sarah Coraza, Éverly Pegoraro, Ligia Guimarães, Tiago Bubniak e Guilherme Carvalho.

Em todos os anos de existência da ADC, os estudantes eram orientados sobre qual abordagem, quais fontes e quais questões poderiam ser elaboradas. Também se repassava o número de telefone das fontes de informação para que cada um pudesse realizar o agendamento da entrevista. Na maioria dos casos, as entrevistas eram realizadas presencialmente. Na mesma reunião também eram conferidas as produções em andamento, já debatidas em encontros anteriores. Desse modo, os estudantes mantinham uma rotina de produção sistemática e intensa. A próxima etapa ocorria individualmente. Para a produção das notícias, as entrevistas eram realizadas pelos extensionistas, que se deslocavam para o campus de Uvaranas onde se encontravam a maioria dos cursos.

Já as informações para produção de notas, geralmente a divulgação de eventos que estavam para acontecer ou que haviam sido realizados, eram produzidas por meio de contato telefônico. O aparelho utilizado, sobretudo por estudantes que não tinham famílias em Ponta Grossa, era o telefone fixo do então Departamento de Comunicação, localizado no segundo andar do Bloco B, o único à disposição.

O passo seguinte era a redação do material. Os estudantes podiam produzir o texto de casa ou nos laboratórios de informática disponíveis no térreo Bloco B, localizado próximo ao laboratório de telejornalismo e radiojornalismo, no corredor ao lado da então sala A do Centro Acadêmico de Jornalismo, na época chamado de Caliba (Centro Acadêmico Líbero Badaró).

O laboratório de informática contava com sistema operacional Windows, editor de texto da Microsoft. O boletim não fazia uso de fotografias. Por se tratar de uma produção fotocopiada em preto e branco, a qualidade das imagens estaria prejudicada. Além de que a produção fotojornalística à época era realizada em formato analógico, captadas através de câmeras Pentax, em número muito reduzido - cerca de cinco máquinas para uso de todos os estudantes. A pouca disponibilidade de equipamentos, o processo de revelação e digitalização das fotos, realizada pelos próprios

alunos, exigiria tempo, comprometendo a produção e distribuição do material.

Uma alternativa para poder incluir imagens nos boletins foi, então, o uso de ilustrações, charges e quadrinhos, que foram inseridos em algumas edições, sempre que havia algum estudante disposto a fazer o desenho. Ainda assim, a produção não permitia o uso de cores, tendo em vista que o contrato com a New Copy (fotocopiadora parceira do projeto), empresa que fazia as fotocópias do boletim, permitir apenas a impressão em preto e branco, tendo em vista o alto custo da impressão a cores naquela época.

Isto fez com que o Boletim explorasse as iniciativas criativas dos participantes, oferecendo espaço para divulgar suas criações, como no caso de Guilherme Carvalho, Glauco Delinski e Albert Benett. Este gênero se constituía certamente o momento mais crítico da ADC. Com percepções apuradas sobre a realidade da UEPG, as charges e tiras eram objeto de comentários e discussões nas salas e corredores do curso.

Figura 3 - Boletim da Agência de Divulgação





ADC - Ano 1, Nº 11, de 27/06/1997.

A produção das ilustrações ocorria concomitante à redação das notícias. Os estudantes-cartunistas faziam os desenhos em papel, utilizando tinta nanquim, que posteriormente eram digitalizados em uma máquina de escaneamento para que o arquivo fosse transformado em formato JPG. Estas eram produzidas pelos estudantes e, posteriormente, apresentadas a uma equipe de editores, que se revezavam diariamente.

Eu lembro que eu ficava responsável, fiz texto também, mas era responsável pela edição em um dos dias da semana, então recebia esse material, dava um determinado formato e aí, com essa supervisão dos professores, era o Marcelo que acompanhava mais diretamente esse trabalho, embora tinha outros professores também envolvidos na atividade, se não me engano o Fábio Muniz [...]. A gente lia os textos, fazia essa edição, colocava no formato, um formato muito simples porque era um boletim em tamanho A4, frente e verso [...]. (Karina Janz, entrevista concedida em 15/12/2020)

O arquivo era salvo em disquetes e levado até a sala ao lado do laboratório de informática onde funcionava a Agência. Ali os

professores conferiam o texto e a produção diretamente na tela do computador, realizando, na presença dos estudantes, a edição final no texto e também a verificação das informações levantadas. Eventualmente, solicitava-se ao repórter que buscasse a confirmação de algumas informações que não estavam claras ou que não constavam no texto. Neste caso, a produção poderia sofrer algum atraso, já que exigiria mais tempo para sua finalização. Em geral, estes retornos ocorriam por telefonemas.

Após o trabalho de edição e com o arquivo finalizado, a nova versão do texto era copiada em disquete e levada até o laboratório de informática novamente para que fosse dado início ao trabalho de diagramação. O layout seguia o padrão de 3 colunas, no tamanho A4, geralmente com uma dobra, de modo que a diagramação levava em consideração o formato A3. O boletim, portanto, continha nesta fase, quatro páginas, compostas de notícias, notas, ilustrações e expediente, além de eventuais anúncios como o da fotocopadora New Copy e da Loja de informática LinkNet.

Para a diagramação, geralmente dois outros estudantes ficavam com esta atribuição. Em 1998, Dayan Licodiedoff e Cristiano Viteck realizavam este trabalho. A versão final era conferida pelos professores e, após os ajustes finais, o arquivo era finalizado e exportado para PDF, de modo que poderia ser levado em disquete para a fotocopiagem sem riscos de desconfiguração.

As tiragens, que não excediam o número de 100 exemplares, eram então recolhidas uma ou duas horas depois. Um dos estudantes ficava com a incumbência de buscar o material e trazer até a sala da agência. Na sequência e após conferência e arquivamento de alguns exemplares, os impressos eram levados até o setor de malotes para que pudessem ser distribuídos no dia seguinte aos mais diferentes órgãos da UEPG. Os exemplares eram enviados para as bibliotecas, departamentos, setores, entre outros espaços.

Eventualmente, os boletins traziam algum tipo de retorno por parte das fontes. Ligações atendidas pelos coordenadores do projeto eram marcadas por elogios ou reclamações. Estes *feedbacks* também eram objeto da reunião de pauta.

Neste último ano, o projeto era coordenado por Cicélia Pincer Batista, Jackson Barbosa e Marcelo Engel Bronosky. Já o grupo de estudantes era formado por Renata Dias, Jocelaine dos Santos, Dagmara Spautz, Karina Kanashiro, Cláudia Scrok, Jefferson Schneider, Guilherme Carvalho, Paulo Henrique, Ana Paula Manfroi, Joice Cristina e Carlos Henrique Ribeiro.

Considerações finais

A ADC seguiu seu ritmo de produção, com períodos de produção diária, depois bi ou tri semanal e na fase final, semanal apenas. Neste caso, em formato duplo A4, o que oportunizou explorar alternativas à diagramação.

O projeto não foi reeditado em 2000. Seu encerramento se deu por vários motivos, desde a falta de estrutura em fotocopiar as impressões, o que gerava custo arcado pelos professores, até o aumento na oferta de projetos de extensão e pesquisa. Porém, por certo a ADC foi o primeiro experimento extensionista de cobertura jornalística periódica realizado pelo Curso de Jornalismo da UEPG, revelando, desde aquela época, a necessidade de associar a formação superior com o exercício do jornalismo científico voltado ao interesse público. A ADC consistiu, em muitos casos, numa primeira experiência para que futuros jornalistas pudessem compreender critérios de noticiabilidade, como lembra Elaine Javorski (entrevista concedida em 14/12/2020).

Para o curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da UEPG, a ADC representou também a primeira experiência extensionista legitimamente jornalística. Os conhecimentos obtidos pela equipe de professores, estudantes e funcionários adquiridos nesta empreitada, certamente representou uma importante contribuição para outros projetos que viriam a ser implementados posteriormente no curso.

Referências

BUENO, Wilson. **Jornalismo científico**: conceito e funções. *Ciência e Cultura*, 37(9): 1420-1427, set. 1985.

BAN, Gustavo; PONTES, Felipe. **Além do Foca Livre**: jornais laboratoriais do curso de Jornalismo da UEPG. SBPJor – FIAM-FAAM, 2018. <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/jpjour/JPJor2018/paper/view/1568/592> Acesso em 10 dez. 2020.

CALVO HERNANDO, Manuel. **Teoria e técnica do jornalismo científico**. São Paulo, ECA, 1970.

CONSTITUIÇÃO FEDERAL DO BRASIL, 1988. Atualizada em 2019. https://www.impfen-saoficial.com.br/downloads/pdf/Constituicoes_declaracao.pdf. Acesso em 15 dez. 2020.

COSTA, Tatiane Cruz Leal. **Jornalismo Científico X Divulgação Científica**: uma análise da cobertura da COP-15. Orientador: William Dias Braga. Rio de Janeiro, 2010. Monografia (Graduação em Jornalismo) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

JOBIM, Danton. **Espírito do jornalismo**. São Paulo: Edusp, 1992.

MELO, José Marques de. Impasses do jornalismo científico. **Comunicação e Sociedade**, Ano IV, n. 7, pp. 19-24, mar. 1982.

OLIVEIRA, Fabíola. **Jornalismo científico**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2015.

FÓRUM NACIONAL DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA. Política Nacional de Extensão Universitária. Fórum Nacional de Pró-reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras – FORPROEX. Manaus, 2012. <https://proex.ufsc.br/files/2016/04/Pol%C3%ADtica-Nacional-de-Extens%C3%A3o-Universit%C3%A1ria-e-book.pdf>

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA. **Resumo Histórico da Extensão Universitária** – Proex: <https://www2.uepg.br/proex/historia/>.

_____. Curso de Bacharelado em Jornalismo, 2015. <https://www.uepg.br/catalogo/cursos/2018/jornalismo.pdf>



PRODUÇÃO NA UNIVERSIDADE, TRANSMISSÃO NA RÁDIO COMERCIAL:

A EXPERIÊNCIA DO PROGRAMA RS NOTÍCIAS ESPECIAL

Elaine Javorski¹

Introdução

A partir da necessidade de explorar novos ambientes midiáticos locais e inserir os acadêmicos em uma rotina jornalística de produção radiofônica, foi criado em setembro de 2010 o RS Notícias Especial, emitido pela Rádio Sant'Ana, em Ponta Grossa. O programa, que levava o nome do jornal matutino da emissora transmitido diariamente, ia ao ar aos sábados, entre 7h 50 e 8 h. A produção foi resultado de um projeto de extensão do curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Durante cerca de um ano, o RS Notícias Especial tinha o objetivo de chegar à comunidade ponta-grossense e região, levando informações de interesse social. Por sua dinâmica e pela ênfase a informações de utilidade pública, se caracterizava dentro do gênero jornalismo de serviço. O projeto teve a coordenação dos professores Elaine Javorski e Carlos Alberto Souza, participação do técnico Reinaldo dos Santos e o trabalho voluntário de dez alunos que se dividiam nas tarefas de editores, apresentadores e repórteres.

¹ Jornalista, doutora em Comunicação, professora do curso de comunicação da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa-PA).

Embora a produção fosse toda realizada nos laboratórios de rádio da UEPG, a inserção do programa em uma rádio AM, de alcance regional, adicionava uma responsabilidade de produção muito importante para a formação dos futuros jornalistas. Além disso, se fazia necessário pensar uma programação que não repetisse as informações da semana e que trouxesse um viés comunitário, com informações relevantes sobre saúde, educação, meio ambiente, cultura, política, economia e esportes. Na época, nenhuma emissora tinha, em um só programa, uma equipe tão grande como a que fazia parte do projeto. Era possível, portanto, produzir reportagens sobre diferentes assuntos, aprofundar alguns deles e, eventualmente, revezar a apresentação. O desafio não se fazia mais fácil pela duração do programa de apenas dez minutos. Pelo contrário, era necessário pensar estratégias que fizessem da produção algo dinâmico e, ao mesmo tempo, que resumisse informações importantes para o cotidiano dos cidadãos.

Neste artigo, pretendemos discorrer sobre esse projeto e sua relevância tanto para a formação acadêmica quanto para a comunidade atendida por ele. Sendo assim, trataremos das metodologias usadas, o jornalismo de serviço no rádio e a importância desse trabalho acadêmico na vida profissional dos alunos que dele participaram.

O jornalismo de serviço no rádio e a produção universitária

Apesar da televisão e da internet, meios de comunicação que chegaram depois do rádio, a transmissão via ondas sonoras não perdeu sua importância ao longo da existência. O barateamento dos aparelhos, sua mobilidade e a possibilidade de ouvir o rádio no celular, continua fazendo com que ele seja prestigiado por uma parcela importante da população. A transmissão imediata da informação é sua característica mais relevante. Mas para que sua utilidade seja completa, essa informação precisa atender às necessidades do público, precisa prestar um serviço.

Para chegar onde precisa, a linguagem utilizada tem que ser simples e direta, e a relação estabelecida com o ouvinte tem que

ser de afeto, mas também de credibilidade (Javorski, 2017). Por muitos anos as emissoras de rádio foram o principal canal para campanhas beneficentes, para comunicação entre quem estava no hospital e seus familiares de cidades vizinhas, para pedir solução aos problemas cotidianos das cidades. Era uma forma de prestar serviço a uma comunidade que não ainda não tinha telefone, cuja comunicação à distância era muito complicada. Essa abrangência comunitária sempre foi fundamental e, por isso, mesmo as grandes redes de âmbito nacional garantem uma programação local.

Falar sobre assuntos da comunidade atrai o ouvinte de forma mais eficaz porque ele pode saber do trânsito, da previsão do tempo e das discussões políticas da cidade em que vive. Esse é um dos aspectos que diferencia o rádio da televisão, por exemplo, que precisa de uma estrutura muito mais complexa, o que dificulta a instalação de emissoras em cidades de pequeno porte. Nestes locais, o veículo mais importante e eficaz sempre foi, e continua sendo, o rádio. (JAVORSKI, 2017, p. 67)

A atividade síncrona que o rádio proporciona é ideal para a atividade jornalística já que há uma ligação imediata entre o emissor e o receptor.

Um ouve, fala para o outro e todos acompanham o fato, num alance espantoso. A consciência disto é fundamental nas atividades do jornalismo. Consciência da capacidade que tem de atingir todas as faixas do público, de mobilizar e agitar a cidade; de unir e politizar a população. (PORCHAT, 1993, p. 35)

É neste ambiente que o jornalismo de serviço se edifica e se consolida como uma peça elementar no rádio. Chantler e Harris (1992, p. 64) observam que algumas emissoras estão “deixando de lado o noticiário tradicional e concentrando-se nas ‘notícias que você quer usar’ (os chamados “serviços”), como as informações para o consumidor ou comunicados sobre as questões de saúde e assistência médica.” Segundo os autores, a proximidade é fundamental para que ocorra essa troca. “Quando você trabalha numa rádio local, as notícias devem ser vistas sempre pelo ângulo local”.

Para Ortriwano (1987), há uma necessidade do rádio redirecionar o seu papel e investir mais em informação e educação e a valorizar a cultura local.

Atualmente, as emissoras de serviço, aquelas dedicadas a orientar e ajudar o ouvinte na sua movimentação cotidiana, já incorporam esta tendência, reforçada pela percepção do glocal, a informação globalizada colada na notícia local, a mais próxima ao ouvinte e que diz respeito à rua, ao bairro, a cidade onde mora. Junto à informação está o esclarecimento, e mais: estas rádios têm despertado a cidadania, incitando a comunidade a resolver os problemas, a não esperar passivamente só pelas autoridades. Entende-se aqui cidadania como a prática de participação ativa do ser humano nos eventos que envolvem o adequado funcionamento dos aparatos públicos e privados que o cercam. E, para fazer isso, o jornalista de rádio deverá estar habilitado. Capacitado para ouvir, perceber as necessidades do seu público; cabe à universidade alertá-lo e prepará-lo para estas situações. Não adianta só um currículo adequado; serão necessários agentes de educação atualizados e imbuídos da necessidade destas mudanças (ALMEIDA; KLÖCKNER, 2007 p. 8).

Esse conhecimento, e sua aplicação efetiva, seja por meio das rádios universitárias ou pelo estabelecimento de parcerias com emissoras comerciais, comunitárias ou públicas, é de suma importância no âmbito acadêmico para a formação dos futuros jornalistas.

O ambiente da rádio permite vivenciar rotinas produtivas bem definidas sob a supervisão de professores ou de profissionais da emissora. Aprende-se fazendo. Evidentemente é uma oportunidade que traz ganhos para a formação profissional e antecipa o contato do aluno com as exigências de mercado. (DEL BIANCO, 2014, p. 158)

O aprendizado do radiojornalismo em sala de aula invariavelmente busca uma forte base teórica e a aplicação prática de técnicas ligadas ao universo profissional que são trabalhados em laboratório. “Em geral, os conteúdos contemplam, num primeiro momento, a história e os fundamentos da produção para as mí-

dias sonoras (como linguagem, gêneros e formatos), tópicos considerados básicos para a posterior ampliação do conhecimento na área” (MALULY; MACIEL, 2013, p. 45). A partir disso, os alunos produzem conteúdos que são reproduzidos, normalmente, nas rádios universitárias, a maioria delas hoje transmitidas pela internet. Segundo pesquisa com professores das disciplinas de radiojornalismo de 16 instituições de ensino superior do estado de São Paulo, Maluly e Maciel (2013) observaram as preocupações desses docentes:

a) como despertar no aluno o interesse pelo rádio e as demais mídias sonoras, em meio ao fascínio exercido pelos meios digitais e a televisão; b) como garantir uma formação alinhada com as demandas do mercado de comunicação (fortemente marcadas, na atualidade, pelas mudanças tecnológicas) e, ao mesmo tempo, contribuir para o desenvolvimento de novas perspectivas e modelos para a comunicação radiofônica; c) o que e como fazer para formar profissionais éticos, responsáveis e alinhados com a defesa da comunicação cidadã, independente, democrática e comprometida com os mais amplos setores da sociedade. (MALULY; MACIEL, 2013, p. 45)

A prática laboratorial, seja nas rádios universitárias, em parcerias com as comunitárias ou comerciais, ou mesmo em exercícios nos estúdios do curso, mostra-se, portanto, como requisito fundamental para a formação do aluno, sempre vinculado aos fundamentos teórico-conceituais aprendidos em sala de aula. Neste cenário, principalmente levando em consideração as mudanças tecnológicas e as novas dinâmicas de produção com equipes reduzidas nas emissoras, é fundamental a construção do conhecimento de todo o processo de produção, desde o manuseio de softwares de edição de áudio, até o bom uso da locução e sonoplastia. Portanto, além da preocupação com a pauta, apuração dos dados, técnicas de entrevista, observação da realidade, produção textual e toda responsabilidade ética que isso envolve, é necessário também ter o controle de todas as etapas da produção como a roteirização, a edição, criação de vinhetas e efeitos sonoros, etc.

Da universidade para a comunidade: o projeto RS Notícias Especial

Além de importante à comunidade, que recebe em casa as informações relevantes e de interesse público, o programa radiofônico se revestia de importância também para os alunos que se envolviam em todo o processo de produção ao assumir funções de comando e decidir sobre o que interessava ser divulgado à coletividade.

A partir da literatura e conceitos sobre jornalismo de serviço, e baseado nos princípios do próprio jornalismo, a equipe de coordenação e produção do “Programa RS Notícias Especial de Sábado” tinha como objetivo investir em assuntos de utilidade pública voltados para a comunidade e suas necessidades informativas. Nas reuniões de pauta refletíamos sobre quais assuntos teriam interesse direto da audiência e, embora não se tenha feito uma pesquisa de recepção junto aos ouvintes, observava-se pelas manifestações de algumas pessoas, e da própria equipe da Rádio Sant’Ana, que o programa conseguia atender às expectativas dos rádio-ouvintes.

O projeto tinha a duração semanal de dez minutos, constituído de um único bloco que contava com reportagens, notas, entrevistas e quadros como “Agenda Cultural” (sobre eventos da cidade), e “Conheça os Seus Direitos” (no qual o diretor do departamento de Proteção e Defesa do Consumidor - Procon prestava informações sobre o direito do consumidor e o que ele deve fazer quando se sentir lesado). A apresentação era dividida entre os acadêmicos Eduardo Godoy e Raísa Jorge. No total, dez alunos estiveram envolvidos na produção, apresentação, edição e reportagens. Alguns deles iniciaram as atividades da disciplina de radiojornalismo ao mesmo tempo em que participavam do projeto e puderam aprender a importância do veículo como meio de comunicação de massa e seu poder de difusão informativa. Além disso, tiveram a oportunidade de ter contato com profissionais, técnicas e a linguagem própria do rádio.

Na parte inicial do programa, apresentavam-se as principais manchetes do dia para então seguir com as notícias. As pautas eram selecionadas de acordo com o que é considerado informação de uti-

lidade pública, ou seja, não se priorizava o “hard news”, comum em outros noticiosos. Um cuidado sempre tomado era fazer complementações das matérias, indicando telefones de contato, endereços ou outras informações adicionais, tendo em conta a redundância que é necessária no rádio para que mesmo os que comecem a escuta no meio da reportagem possam compreender o assunto. O programa sempre terminava com a “Agenda Cultural” da semana, quadro no qual eram anunciados os eventos, cursos, feiras e outros acontecimentos, conforme a linha editorial do programa, com a tentativa de abranger eventos culturais promovidos nos bairros e não só as tradicionais atividades do centro da cidade. Buscava-se uma aproximação das comunidades periféricas mostrando sua importância no contexto urbano e tentando suprir também suas necessidades informativas específicas. Para isso, reforçavam-se os contatos com associações de moradores, organizações não-governamentais, e outras entidades normalmente com pouco apelo nos outros veículos de comunicação e com pautas negligenciadas.

O projeto contou com os alunos Antônio Correia, Augusto Travençoli, Caroline Telles, Daiandra Nunes, Eduardo Godoy, Jéssica Woinaroski, Leticia Cabral, Matheus Lara, Raísa Jorge e Thainá da Rosa. Desses alunos, sete eram responsáveis pela produção de matérias para a rádio. Os dois locutores, Raísa Jorge e Eduardo Godoy, além de apresentar o programa trabalhavam como editores, e Leticia Cabral, editora-chefe, era responsável pelo fechamento do roteiro. Os professores revisavam o material antes de ser gravado e enviado à emissora.

O programa e todo material informativo, como notas, reportagens e entrevistas, eram gravados e editados nos laboratórios de rádio da UEPG e enviados às sextas-feiras para a equipe da rádio Sant’Ana para que fosse ao ar no sábado. As reuniões de pauta eram realizadas às segundas-feiras e, na oportunidade, também se fazia um balanço da edição que foi ao ar no final da semana.

Chantler e Harris (1992) sugerem que o boletim noticioso busque tratar de assuntos como meio ambiente, economia, saúde, educação, transporte, esporte, lazer, política nacional e local. É este caminho que os editores e a equipe de produção procuravam tri-

lhar para cumprir o seu papel social e de serviço junto ao público. Apesar da rádio Sant'Ana ser uma emissora católica, o programa “RS Notícias Especial de Sábado” sempre teve liberdade editorial e procurou manter-se alinhado à proposta de fazer jornalismo de serviço.

Ao longo do tempo de execução, o programa foi sofrendo mudanças com a finalidade de afinar a linha editorial. Conforme o integrante da equipe, Augusto Travensolli, em depoimento para um artigo científico em 2011, no início, se cometiam alguns erros como, por exemplo, divulgar quando Michael Schumacher ganhou o seu primeiro título na Fórmula 1. “Este tipo de informação já não cabe mais em nosso programa porque o objetivo é passar somente informações que sejam de interesse local. Mas a experiência adquirida nos ajuda a melhorar” (TRAVERSOLLI, 2011). Assim, os próprios alunos iam percebendo os impasses e adversidades e indicando aperfeiçoamentos de forma proativa.

Aprendizado e bagagem para a vida profissional

Uma década depois de ser desenvolvido, alguns integrantes analisam a experiência como algo muito importante para seu desempenho profissional. Letícia Cabral é, atualmente, repórter de televisão em uma emissora da região de Cascavel, e ressalta que o programa estimulou a continuidade do trabalho em rádio.

Foi uma oportunidade dentro da faculdade de ter contato de fato com o mercado de trabalho. Foi o primeiro pontapé para a profissão e com as responsabilidades de se construir um jornalismo de qualidade compreendendo todo o processo de produção. Essa primeira experiência foi o início para minha carreira no rádio, na sequência, trabalhando com esporte, ajudando a ser a profissional que sou hoje. Adquiri a paixão pelo rádio por meio desse projeto. Foi a primeira escola do improviso, tão importante para o rádio, e também de locução e de construção do texto. (CABRAL, 2020)

Percebe-se, portanto, como observa Maluly e Maciel (2013), que é possível despertar no aluno o interesse pelo rádio, veículo muitas vezes subestimado. Concorrer com o fascínio sobre a tele-

visão e a internet é uma tarefa bastante árdua. Apresentar o rádio como detentor de inúmeras características tão fascinantes quanto as dos outros meios pode ser uma missão que demanda, além da análise histórica e teórica, uma experiência prática, seja com visitas às emissoras, com o exercício na universidade ou parcerias como a realizada por nós. O retorno dos ouvintes, o contato com jornalistas experientes e a vivência da programação feita ao vivo, pode alimentar o gosto pelo meio. A oportunidade de observar e participar da rotina profissional ainda na faculdade foi um dos benefícios do projeto, segundo Augusto Travensolli, hoje repórter de jornal impresso e online em Irati, na região sudeste do Paraná.

Toda semana tinha aquela ansiedade para fechar um programa, o que me deu mais maturidade por simular coisas que podem acontecer no mercado. Outra coisa que o projeto me trouxe e eu gostava bastante é a questão da versatilidade. Editar, fazer roteiro, entrevistar, ser de tudo um pouco, conforme a necessidade. Até hoje eu levo o meu gosto por edição de áudio e vídeo que, acredito eu, começou a se desenvolver naquela época. (TRAVENSOLLI, 2020)

Difícilmente um jornalista hoje consegue atuar em apenas uma função. Por isso, o conhecimento sobre as diferentes atividades é uma vantagem. O esforço da universidade em oferecer recursos necessários para o desenvolvimento dos alunos como profissional multitarefas, responsável, autônomo e empreendedor é valioso.

Outro aluno que participou da produção do programa foi Antônio Correia, que hoje trabalha como sonoplasta na própria rádio Sant'Ana. Para ele, a experiência ensinou como funcionam todas as etapas da produção da notícia no rádio, desde a escolha da pauta, a entrevista, a apuração, o texto, até a edição do material.

Apreendi que no rádio é preciso uma linguagem simples, objetiva, breve e de fácil entendimento para a audiência que é diversificada. No caso da rádio Sant'Ana, o alcance é grande e o sinal chega em toda a região. Outro ponto importante foi a questão da elaboração de pauta e que tipo de notícia era relevante, de interesse público. Eu lembro de uma matéria importante que fiz foi uma sobre a Casa da Memória, enquanto patrimônio cultural e histórico da

cidade e que pouca gente conhecia. Então tentei mostrar qual era sua importância e função na cidade. Foi assim que aprendi como buscar as informações de interesse público no rádio. (CORREIA, 2020)

O exercício das técnicas e o retorno da audiência auxiliam na compreensão do meio e o entusiasmo estimula mudanças. Ao compreender as antiquadas rotinas, este profissional poderá propor formas de combater o discurso hegemônico que raramente atende aos interesses da comunidade.

Todos os participantes consideram relevante a questão do serviço do rádio como se tentava aplicar na época e corroboram com a concepção de pesquisadores. César (2005), por exemplo, salienta o papel do veículo como utilidade pública e fala dele como prestigiado meio informativo, importância expressa pelos números de receptores nas casas dos brasileiros e por sua contribuição cultural e educacional. Ortriwano (1985) também chama a atenção para isso e para o papel social e educativo do rádio em um país com as dimensões do Brasil. A inserção desse conhecimento na prática laboratorial, portanto, mostra-se como um benefício para a formação dos jornalistas.

Conclusão

Em uma década, uma drástica mudança tecnológica atingiu o rádio. Ao observar a rotina jornalística de 2010, quando o projeto foi desenvolvido, podemos perceber que as preocupações podiam se concentrar com mais intensidade nas questões relativas ao conteúdo do produto. Hoje, além disso, o radiojornalista precisa levar em consideração todo o ambiente sonoro criado a partir da abrangência da internet e dos aparatos tecnológicos, em especial o *smartphone*. Além de produzir o conteúdo para radiowebs ou plataformas de podcasts, é preciso considerar a importância das redes sociais. Ou seja, um novo mundo se abriu. Mas o conteúdo continua sendo primordial para que o produto sonoro chegue ao público-alvo. As rádios com transmissão hertziana continuam

sendo uma fonte de entretenimento e informação para milhares de pessoas. E, cada vez mais, precisam compreender quem é e o que quer seu público para produzir um conteúdo que seja realmente útil para ele.

Essas mudanças são objeto de estudo na disciplina de rádio-jornalismo e também podem ser experimentadas na prática em projetos de extensão, como foi o caso do RS Notícias Especial. Na teoria em sala de aula, a preocupação é consolidar um conhecimento ético, técnico e conceitual que auxilie na construção dos processos jornalísticos sem perder de vista a história e tradição do veículo. Na prática, busca-se vivenciar possibilidades estéticas no desenvolvimento de diferentes gêneros e formatos, estimulando novas possibilidades de produção, acompanhando o processo evolutivo das tecnologias. É também no ambiente universitário que se estimula o interesse por ouvir materiais sonoros, descobrir as diferenças de estilos e despertar a curiosidade sobre a combinação entre textos, silêncios, trilhas e efeitos sonoros. Mas não é possível pensar em tudo isso sem levar em consideração o mercado e suas demandas. Não para fazer mais do mesmo, mas para tentar superar padrões existentes e criar produtos inovadores que promovam a inclusão social e o estímulo ao conhecimento dos cidadãos. Projetos que conseguem se inserir no mercado podem modificar o *modus operandi* dos meios tradicionais, às vezes obsoleto, e difundir e dar utilidade ao conhecimento produzido na universidade.

Para a formação do jornalista, como pudemos observar nos depoimentos dos participantes do projeto que agora se encontram no mercado de trabalho, projetos que coloquem em prática o aprendizado de sala de aula são bastante significativos. Compreender o papel social do jornalismo e a verdadeira utilidade da informação produzida pode despertar um olhar mais consciente sobre a tarefa do profissional. Além disso, experimentar as várias funções dentro de um programa possibilitam desenvoltura na ocupação de diferentes atividades. Todas essas dinâmicas proporcionadas ainda nos bancos acadêmicos confluem para estimular uma produção criativa, ousada e determinante para os novos rumos do rádio-jornalismo.

Referências

ALMEIDA, João Brito de; KLÖCKNER, Luciano, O ensino do Radiojornalismo na universidade: o caso RadioFam. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, **Anais do XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** – Santos – 29 de agosto a 2 de setembro de 2007.

CABRAL, Letícia. Entrevista concedida por telefone em dezembro de 2020.

CÉSAR, Cyro. **Rádio: A Mídia da Emoção**, São Paulo: Summus, 2005.

CHANTLER, Paul; HARRIS, Sim. **Radiojornalismo**, São Paulo: Summus, 1992.

CORREIA, Antônio. Entrevista concedida por telefone em dezembro de 2020.

DEL BIANCO, Nélia. Quando a sala de aula é um laboratório de ensino-aprendizagem de radiojornalismo. In: SOSTER, Demétrio de Azeredo; TONUS, Mirna (Org.). **Jornalismo-laboratório: rádio**. Santa Cruz do Sul, RS: Edunisc, 2014. p. 158-75.

JAVORSKI, Elaine. **Radiojornalismo: do analógico ao digital**. Curitiba: Intersaberes, 2017

MALULY, Luciano V. Barros; MACIEL, Suely. Painel sobre o ensino de radiojornalismo no Brasil. **Communicare** (São Paulo), v. 13, p. 41 - 51, 2013.

ORTRIWANO, Gisela. **Informação no rádio**. São Paulo, Summus, 1987.

TRAVERSOLLI, Augusto. Entrevista concedida pessoalmente em abril de 2011.

TRAVERSOLLI, Augusto. Entrevista concedida por telefone em dezembro de 2020.

EXTENSÃO, PESQUISA E ENSINO NOS DEZ ANOS DO FOCA FOTO (FOTORREPORTAGEM UEPG)

Angela Aguiar Araújo¹
Carlos Alberto de Souza²
Paulo Rogério de Almeida³
Rafael Kondlatsch⁴
Taís Maria Ferreira⁵

Introdução

Uma trajetória de dez anos, marcada por coberturas fotográficas, produções de reportagens, e-books e milhares de fotos jornalísticas, precisa ser revelada e documentada com todo o cuidado possível. O Foca Foto, projeto de extensão criado extraoficialmente em março de 2010 e enquadrado como Extensão pela instituição em agosto do mesmo ano, assumiu lugar de destaque no Curso de Jornalismo da UEPG. Isso, devido à ação e serviços prestados à comunidade, a entidades sociais, educacionais, culturais e esportivas. Mas também merece ser lembrado por sua produção editorial e subprojetos que ajudaram e ajudam alunos e alunas a aperfeiçoar

¹ Jornalista, mestra em Memória Social, professora do curso de Jornalismo – UEPG-PR.

² Jornalista, doutor em Comunicação, professor do curso de Jornalismo – UEPG-PR.

³ Professor do curso de Letras – UEPG-PR.

⁴ Jornalista, doutor em Comunicação, professor dos cursos de Jornalismo – UEPG-PR e UNISECAL-PR.

⁵ Jornalista, técnica Multimídia do curso de Jornalismo – UEPG-PR.

as técnicas fotográficas e o texto jornalístico visando à prestação de serviços de qualidade à sociedade ponta-grossense.

Ao longo desses anos, a equipe de Foca Foto (Fotorreportagem UEPG), dos quais destacam-se personalidade importantes, a exemplo das professoras Maria Lúcia Becker (Departamento de Jornalismo da UEPG) e Ofelia Torres Morales (Universidade Metodista de São Paulo), foi assumindo gosto pela extensão e envolvendo nesse trabalho alunos que ingressavam na universidade. Até o momento, passaram pelo projeto perto de 300 acadêmicos, alguns deles entraram já no primeiro ano e continuaram prestando serviços ao grupo, mesmo depois de formados, como é o caso das (os) jornalistas Andressa Kaliberda, Ingrid Rafael Petroski, Letícia Dovhy, Aline Jasper, Josué Teixeira, Bruna Fernandes, Verônica Scheifer, Annelize Tozeto, Luiza Slaviero, Gabriela Gambassi, Vera Marina Viglus e Matheus Henrique de Lara.

Pessoas importantes que merecem, pelo que fizeram ao Foca, ser lembrados e referenciados. Mas não podemos deixar de agradecer a quem está no projeto e a quem passou por ele em algum momento de sua vida acadêmica, marcando presença no fotojornalismo da universidade e ajudando a imprimir qualidade às produções do Fotorreportagem UEPG. Convém salientar que Andressa, Aline, Luiza e Josué foram os alunos responsáveis, junto com o professor Carlos Alberto de Souza e Taís Maria Ferreira, pela criação do Grupo de Extensão.

Uma longa e próspera caminhada

São dez anos de ação extensionista, tendo como foco o fotojornalismo, a relevância da profissão e a representação da realidade. Não são poucos os autores que têm destacado a importância da fotografia na sociedade como elemento indispensável para compreender o que acontece no mundo. Destacam-se, entre eles, Sontag (2003), Sousa (2002) e Dubois (1994), que abordam a fotografia na perspectiva teórica, procurando evidenciar o papel e a força da imagem e sua importância social, como é o caso de Sontag (2003) ao falar de fotografias de guerra.

O relato escrito é importante porque detalha o fato, procurando mostrar o que aconteceu, utilizando-se de múltiplas fontes e documentos, infográficos e outros recursos de diagramação e edição. Como tem salientado Sousa (2002), a fotografia não fica para trás, embora também dependa do texto para ser compreendida, pois precisa do contexto, informações que acabam sendo complementadas pela escrita para reafirmar o que mostram. A imagem jornalística permite fazer “ver”, tem valor documental e de memória, como observa Kossoy (2009).

Os veículos de comunicação impressos e digitais estão cada vez mais se apropriando da imagem para buscar credibilidade junto ao público, para cumprir seu verdadeiro papel informativo e para ajudar os leitores e internautas a compreender o que acontece. Foram as fotografias que mostraram o que se passava no *front*, na guerra que envolveu a coalizão (EUA, França e Inglaterra) e o Afeganistão. Mostrou os horrores dos campos de concentração nazistas, os atentados terroristas, a violência nas grandes cidades, os protestos por democracia, as manifestações contra as injustiças sociais e a fome no mundo.

Se hoje tem-se uma visão do que foram esses eventos, certamente pode-se creditar ao fotojornalismo um papel central de exposição de tais acontecimentos. Ao ouvir que acabou de explodir uma bomba no parlamento francês, o sujeito vai logo buscar um site jornalístico para “ver” o que aconteceu. Quer detalhes e não se contenta com as imagens de um só veículo. Vai procurar outro, esperar o plantão da televisão para entender tudo, vai aguardar ainda o aprofundamento sobre o assunto que será dado pelas revistas. Elas, sim, podem trazer novas imagens, novas revelações. Há a necessidade, cada vez mais, de ‘ver’ para acreditar. E, essas imagens são arquivos importantes, que servem de ‘gatilho’ para a memória (ZANETTI; BONI; 2006), pois fazem ver os acontecimentos significativos que marcam a trajetória humana cotidianamente.

Mas não é só da cobertura da guerra, conflitos sociais e do caos que vive o jornalismo. Ele também se regozija pela ação solitária, pelos grandes feitos humanos, científicos e sociais, pelos atos em favor da liberdade e da justiça. As imagens estáticas e em

movimento nos propiciam visões e aprendizados, revelam sentidos e ideologias, protagonizam reações e podem nos mobilizar. Mobilizar, por exemplo, pela defesa da natureza, de povos, nações e culturas.

Em todos os lugares, a fotografia tem conquistado espaço. Nas artes, na arquitetura, na história e no jornalismo, especialmente como elemento informativo. Por isso mesmo que a imprensa e outros meios de comunicação recorrem a ela, pelo poder que imagem tem para mediar nossas relações sociais.

Em razão da importância da fotografia e, especialmente, do Fotojornalismo, resolvemos investir lá em 2010 em um projeto de extensão para prestar atendimento à comunidade que cerca a Universidade Estadual de Ponta Grossa. E, desde aquela época, o projeto foi crescendo e se consolidando. Durante todo o tempo, desenvolveu-se além de ações extensionistas, pesquisa sobre as várias atividades da área da fotografia, trabalhos que foram apresentados em eventos nacionais e internacionais (Intercom, Ibercom, Eneimagem, Seurs), bem como em eventos locais, especialmente vinculados à UEPG. Calcula-se que durante esses dez anos de fundação, o projeto já tenha apresentado perto de 50 resumos expandidos no Conex. No último evento, em 2020, foram oito trabalhos.

No Foca Foto, procura-se preparar os alunos para o campo profissional, promovendo debates sobre o papel e a prática do jornalismo, incluindo questões e fundamentos éticos. Para colaborar na formação acadêmica, o projeto viabiliza condições para a realização de pautas, entrevistas, coberturas jornalísticas, produção de reportagens, notícias, ensaios e fotorreportagens. Todos os anos, o grupo se credencia para fotografar o Festival Universitário da Canção (FUC) e o Festival Nacional de Teatro (Fenata).

Além disso, promove minicursos, oficinas, palestras, ciclo de debates. O último foi realizado em junho de 2020 e envolveu a discussão do tema “Fotojornalismo, Política e Sociedade”, com a participação do professor Dr. Paulo Cesar Boni (UEL), Prof. Me. Eri-vam Oliveira (ESPM) e da fotojornalista do Estadão, Gabriela Biló, sob a coordenação dos professores Dr. Carlos Alberto de Souza e

Dr. Rafael Kondratsch, respectivamente coordenador e supervisor do Foca Foto.

Figura 1 – Cartaz do Ciclo de Debates Fotojornalismo, Política e Sociedade

CICLO DE ATIVIDADES REMOTAS

Jornalismo UEPG

em tempos de pandemia

Fotojornalismo, Política e Sociedade

14 de julho de 2020, 16h

Debate mediado pelos professores Carlos Alberto de Souza e Rafael Kondratsch com o objetivo de trazer a experiência acadêmica e profissional dos convidados para os alunos suscitando a discussão a respeito do papel que as imagens têm na cobertura cotidiana da imprensa.

O evento integra as comemorações pelos 10 anos do projeto Foca Foto

Inscrições por e-mail: rkondratsch@uepg.br

PARTICIPANTES

Gabriela Biló
Fotojornalista multipremiada, trabalha em Brasília para O Estado de S. Paulo e integra o coletivo Marnana

Erivam de Oliveira
Prof. Jornalismo (ESPM-SP); Membro da Comissão de Ética da ARFOC e Vice-Presidente da Associação Brasileira de Ensino de Jornalismo (ABEJ)

Promoção: **DEJOR** (Departamento de Jornalismo da UEPG)

Realização coletiva: **35** Anos de Jornalismo UEPG, **Agência de Jornalismo**, **CULTURA RURAL**, **MESTRADO EM JORNALISMO**, **BOLETIM COVID-19**, **ELOS**, **DEMOCRACIA E DIREITOS HUMANOS**, **LENTE QUENTE**

Fonte: Grupo Foca Foto.

O grupo também tem dado prioridade à produção editorial. Até o momento, desde 2014, o projeto foi responsável pela edição de 13 e-books; os três últimos foram produzidos em 2020 e já estão disponibilizados no Portal da Proex e no Issuu, plataforma de publicações da Internet.

Uma das obras foi resultado de um minicurso lançado pelo projeto, com apoio do Departamento de Jornalismo, denominado Ensaios e Fotorreportagens, que envolveu a participação, em tempos de pandemia do coronavírus, de mais de 20 alunos da UEPG e da Unisecal. Esse trabalho contou com a participação dos jornalistas Andressa Kaliberda, Josué Teixeira, Annelize Tozetto e do

fotógrafo Lucas Galli. Cada um deles gravou um vídeo sobre uma determinada área da fotografia para ajudar os alunos do curso no desenvolvimento de suas tarefas. Annelize falou sobre fotografia e iluminação, Andressa sobre fotografia com o celular, Galli abordou o uso do preto e branco como elemento estético na fotografia, e Josué, tratou do tema fotorreportagem de rua.

O resultado desse trabalho foi concretizado nesta obra:

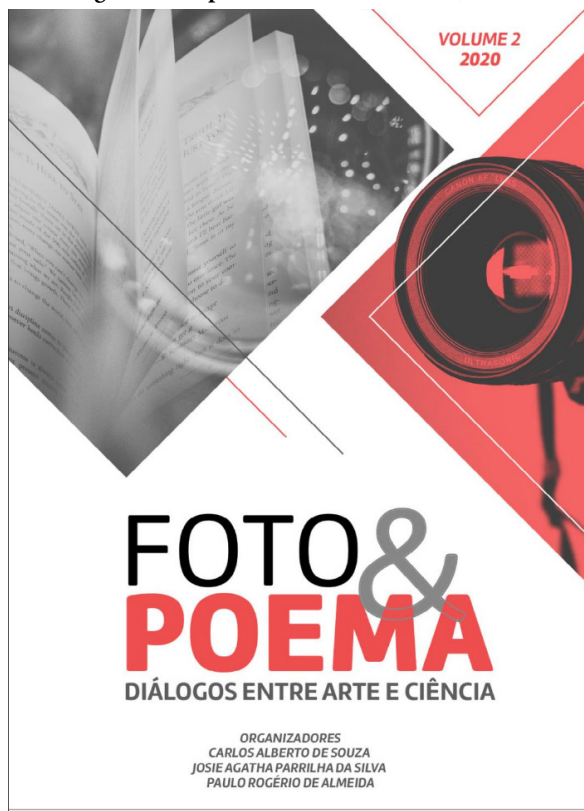
Figura 2 – Capa do Livro Ensaios & Fotorreportagem



Fonte: Souza; Kondlatsch; Petroski, 2020.

Também em 2020, o grupo de extensão Foca Foto foi responsável pela produção do e-book Foto&Poema, realizado em parceria com o Departamento de Artes e Estudos da Linguagem, envolvendo os professores Paulo Rogério de Almeida (Departamento de Estudos da Linguagem) e Josie Agatha Parrilha da Silva (Departamento de Artes). O projeto também é responsável por outras coleções como: Imagética (6 volumes: Lapa, Paranaguá, Morretes, Castro, Ponta Grossa e Curitiba), Mídias Contemporâneas (2 volumes) e Produções do Foca Foto.

Figura 3 – Capa do Livro Foto&Poema, 2020



Fonte: Souza; Silva; Almeida, 2020.

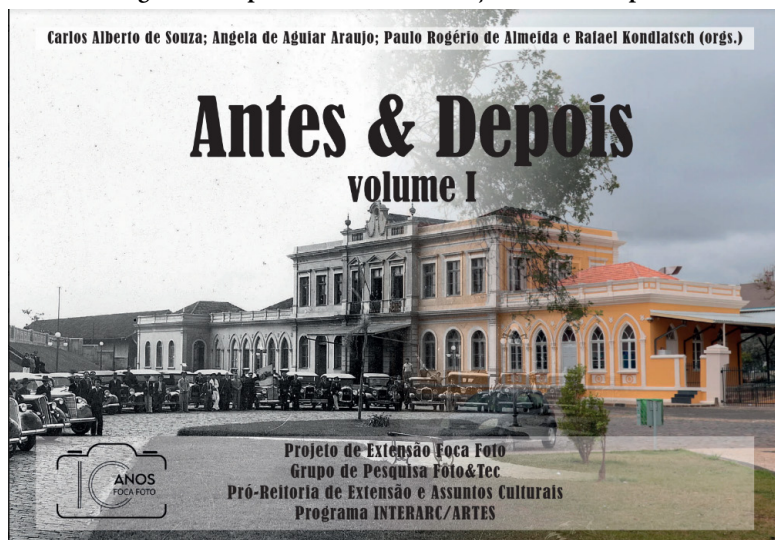
Além de lançar Ensaios & Fotorreportagens e Foto&Poema, o Foca Foto publicou também em 2020 a obra Antes & Depois, contando com a participação de alunos, professores e vários pesquisadores, incluindo os professores Niltonci Batista Chaves, do curso de História, que escreveu o capítulo: Para pensar um cenário de pluralidades e tensões: Ponta Grossa expressa em imagens; e Ben-Hur Demeneck que foi autor do prefácio intitulado: Jogo dos Sete Erros.

Coleção Antes & Depois: a memória a partir do patrimônio imagético

A coleção do Antes & Depois nasceu com o propósito de mostrar, no encontro entre fotos antigas e atuais, as transformações na paisagem urbana de Ponta Grossa. Inaugurada em 2013, a proposta foi, inicialmente, implementada em formato de coluna divulgada no blog (<https://uepgfocafoto.wordpress.com/>) e no perfil do Facebook do Foca Foto. Posteriormente, a seção foi transferida para o site atual do projeto de extensão (<https://focafoto.sites.uepg.br/>).

Ao longo de sete anos, 32 estudantes de jornalismo foram responsáveis pela seleção e pela atualização das imagens retiradas de acervos oriundos do trabalho de alguns dos precursores da fotografia em Ponta Grossa: os fotógrafos Luís Bianchi, Carlos Jendrieck e Domingos Silva Souza. Em 2019, teve início a elaboração do e-book, lançado em novembro do ano seguinte. A figura 4 traz a capa da publicação.

Figura 4 - Capa do volume 1 da coleção Antes & Depois



Fonte: Souza; Kondlatsch; Petroski, 2020.

Nas últimas décadas, as tecnologias digitais ofereceram, como destaca Kossoy (2009), novas possibilidades à operacionalização e à conservação de arquivos. Entre os benefícios, está a minimização de problemas ligados à deterioração da fotografia analógica e às transformações da representação e do referente. Sob esse viés, a fotografia digitalizada e a fotografia digital foram fundamentais para os gestos de interpretação propostos a partir do acesso aos acervos fotográficos de dois importantes arquivos privados – o Foto Carlos e o Foto Elite – e um público – a Casa da Memória – de Ponta Grossa.

Dessa forma, o trabalho de memória teve como ponto de partida o patrimônio imagético que retrata espaços urbanos pontagrossenses desde o início do século XX. Através da Casa da Memória foi possível a obtenção de registros deixados por Luís Pedro Bianchi, que fundou, em 1909, o Foto Bianchi. Desde o início dos anos 2000, após a aquisição pelo governo municipal, o material deixado pelo fotógrafo está sob a guarda da Casa da Memória.

Outro importante nome cuja obra contribui para o volume 1 da coleção *Antes & Depois* é Carlos Jendrieck que criou, em 1950, o Foto Carlos. Araújo e Ferreira (2020, p. 93) destacam que o fotógrafo “inaugura [em 1973] o Laboratório Fotográfico Multicolor, o primeiro [...] a realizar revelações de fotos coloridas na região de Ponta Grossa”. Domingos Silva Souza é outro expoente cujo trabalho oferece subsídios à elaboração do e-book. Nos anos 1950, ele iniciou, quando ainda tinha 14 anos, a carreira na fotografia, atuando no Foto Weiss. Em 1977, ele inaugura o Foto Elite (FERREIRA, 2020).

Kossoy (2009), ao apontar a função desempenhada pela fotografia de testemunho documental dos acontecimentos, permite compreender o gesto de interpretação possível sobre a história pontagrossense com a retomada dos arquivos da Casa da Memória, do Foto Carlos e do Foto Elite:

A fotografia que, no momento de seu registro pode ser um mero instrumento de fixar uma lembrança, um sentimento, se abre a um leque de interpretações. Com a preservação do patrimônio imagético, um ato do passado permite novos olhares no presente.

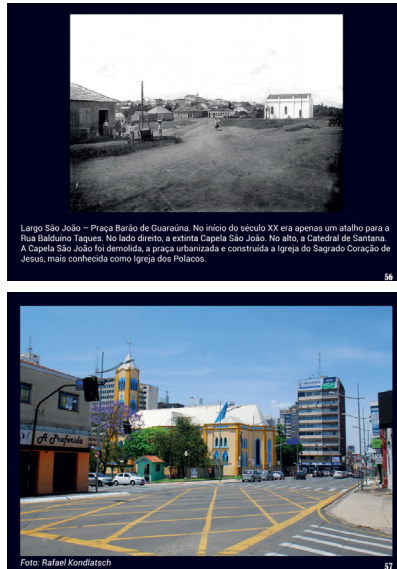
Nessa perspectiva, a fotografia passa a ter um valor importante em pesquisas e publicações ao possibilitar a leitura de processos sócio-históricos. (ARAÚJO; FERREIRA, 2020, p. 94)

Nessa perspectiva, é possível destacar ainda o que descreve Sevcenko (1998) ao apontar como o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa está intimamente ligado à nova ordem política, econômica e social que irrompe na passagem do século XIX para o século XX. A fotografia, como uma das tecnologias que se consolidam nesse contexto, contribui, de forma decisiva, para a circulação da imagem da metrópole moderna cujas marcas são visíveis no espaço urbano pela arquitetura, pelos transportes, pelo vestuário, pelo comércio etc:

Nesse sentido, a fotografia, enquanto um processo técnico ligado à expansão dos meios de comunicação, é também um dos elementos de constituição de uma imagem urbana ponta-grossense desde o início do século XX. Como celebração, ela nos sugere nomes, como Rua Sete de Setembro, Rua XV de Novembro, Praça Floriano Peixoto etc. E ela vai, aos poucos, nos fazendo lembrar a narrativa da passagem à República e da incorporação da ficção de nação brasileira pelos traços de uma arquitetura monumental que cria uma paisagem urbana com ares de modernidade, esta afetada por um modelo copiado da Europa. (ARAÚJO; FERREIRA, 2020, p. 96).

As fotografias antigas trazem, portanto, vestígios dessa mudança que se opera no espaço urbano ponta-grossense desde as primeiras décadas do século passado, quando a paisagem de uma “sociedade senhorial” vai dando lugar a uma cidade que busca incorporar traços do modo de vida burguês cosmopolita. A figura 5 traz um recorte do livro em que é possível ver o antes e depois do espaço, hoje conhecido como a Praça Barão de Guaraúna.

**Figura 5 - Antes e Depois da Praça Barão de Guaraúna,
Centro de Ponta Grossa**



Fonte: Souza; Kondlatsch; Petroski, 2020.

É importante destacar que, em torno desse local, se dá o eixo de expansão da cidade na tensão entre o antigo e o novo:

A poucos metros, estava a estação de trem e o armazém de cargas que, como porta de entrada e de saída, colocava Ponta Grossa como um eixo de conexão entre o Sul, a capital paranaense e São Paulo. Uma rota de consumo. Portanto, praças, casarões, placas, estação e veículos são “restos” daquilo que se fixa como memória urbana de Ponta Grossa e visível pelo suporte e arquivo da fotografia analógica. E sob o olhar - interesse - de uma elite, ligada às atividades agropecuárias, as imagens – aqui desarmadas – mostram que a cidade, uma outra cidade, foi surgindo. (ARAÚJO; FERREIRA, 2020, p. 95)

Outro aspecto histórico que o projeto bordeja é a importância da fotografia de rua nesse contexto de transformação urbana do século XX. Essa modalidade está intimamente ligada à sua consolidação na década de 1930 na Europa e depois nos EUA. As câmeras portáteis e suas funcionalidades levam a um mais fácil manuseio

e permitem a exploração do espaço urbano (LEDERMAN, 2012). A experimentação estética e técnica da fotografia de rua, associada à reflexão conceitual da foto instantânea, foi essencial para o nascimento do fotojornalismo (HARDING, 2012; SOUSA, 2002). O trabalho dos precursores da fotografia ganha impulso com a transformação tecnológica que culminará na sociedade de massa.

A obra *Antes & Depois* conta com 96 fotografias organizadas em 101 páginas pela proximidade temática: prédios públicos e casarões; ruas, praças e igrejas. Os registros fotográficos antigos e atuais de um mesmo espaço permitem identificar as transformações urbanas. Além disso, seis artigos - escritos por professores, jornalistas e historiadores - promovem reflexões sobre a fotografia de rua e sobre o patrimônio fotográfico, bem como sobre a história da cidade.

Figura 6 - Um total de seis artigos compõem o v. 1 - Coleção Antes & Depois

Pensamento nômade

A universidade ganha o mundo quando tira o conhecimento das salas de aula e vai às ruas. Particularmente, eu sou um ativista do pensamento nômade, e tendo a confrontar o "pensamento sentado" - feliz expressão de Norval Baitello Junior. Um livro como *"Antes & Depois"* inspira quem aprende e ensina. Seja formalmente, seja num parâmetro de Educação Social.

Como obra digital, a simples existência de um e-book com fotos urbanas estimula professores, programadores e legisladores a aplicar tecnologias em favor da cultura e do conhecimento. Em 2020, uma cidade não mais precisa ser reconhecida como Patrimônio da Humanidade para usar e abusar de recursos de web 2.0, realidade aumentada e QR Codes para criar guias de turismo e livros didáticos interativos. Tecnologia há, agora é preciso querer fazer.

Este livro já nasce destinado a ser primeiro. Dele o projeto Foca Foto pode seguir em múltiplas combinações - profissões, bairros, objetos, moda. Um livro que nos joga no colo um exercício de contrastes serve para afiar qualquer inteligência. Do pensamento social às engenharias, da ecologia às artes, das humanidades à saúde, ele mobiliza quem olha para as fotos. Quem visualizar das páginas às duplas poderá brincar de senhor dos magos e caminhar pela espiral do tempo. E descobrirá quanto é possível o futuro mudar o passado. O quanto a observação muda aquilo que se observa.



Foto: Cássio Murilo

Para pensar um cenário de pluralidades e tensões: Ponta Grossa expressa em imagens

Niltonci Batista Chaves

Professor do Departamento de História da UEPG. Doutor em Educação pela Universidade Federal do Paraná. Diretor do Museu Campos Gerais. Pesquisador da História Local.

Em 1913 o intelectual paranaense Nestor Vitor publicou um dos seus livros mais conhecidos: "A Terra do Futuro: Impressões sobre o Paraná"¹. Mesmo concordando com as críticas sobre a narrativa do ensaísta paranaense a respeito de sua visão laudatória de um Paraná hegemonicamente europeu, a obra tem um valor inquestionável, na medida em que dá visibilidade para as mudanças em curso no jovem estado do sul do país naquele começo de século. Nessa obra, Nestor Vitor deu um destaque especial para a "Nova Ponta Grossa", então o maior e mais dominante centro urbano do *hinterland* paranaense.

Em um determinado momento do texto, Vitor, que já havia visitado a cidade nos Oitocentos – antes da chegada da Estrada de Ferro do Paraná e da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande – registrou, com espanto, as mudanças físicas, visuais e comportamentais em solo ponta-grossense: "Tem-se construído muito em Ponta Grossa",

assevera o escritor, reforçando ainda que a cidade encontrada por ele em 1913, nada mais possuía da "alma meio dorminhoca e pesadona do antigo vilarejo" que fora um dia. Escreveu:

- É extraordinário! A metade do que se fez em Curitiba!
- A cidade aumentou de mais do dobro. Contam-se atualmente 1.500 casas no quadro urbano. Para prova disso, há uma boa quantidade de ruas novas...
- Dezoito ruas e uma avenida, contei. Efectivamente é uma nova cidade: há mais de uma aqui no Paraná que não tem tanto...
Na administração municipal tem o ponta-grossense ocasião de revelar as suas excelentes qualidades de homem honesto e progressista a um tempo: aplica os dinheiros públicos com verdadeiro escrúpulo, mas sem que este se confunda com a timidez dos espiritos estreitos ou inconfiantes.²

Mas antes que os ponta-grossenses se encham de orgulho apenas por ler a obra de Nestor Vitor e imaginar que as mudanças e o progresso são prerrogativas exclusivas da cidade e de sua gente, é fundamental dizer que esses processos de transformações urbanísticas e

13

Fonte: Souza; Kondratsch; Petroski, 2020.

No contexto das produções realizadas pelo Foca Foto, a Coleção Antes & Depois é um exercício acadêmico de aprendizagem da fotografia de rua e da fotografia digital. Além disso, ela possibilita, à comunidade ponta-grossense e aos interessados pelo acervo fotográfico da cidade, o acesso a extratos e a um gesto de interpretação ligado à história do município.

A produção jornalística no projeto Foca Foto: extensão como prática

O jornalismo, via de regra, é uma área que exige uma capacidade técnica bastante acurada. Na maioria dos espaços de ofício ocupados por jornalistas – de pequenos veículos de comunicação às corporações e funções de assessoramento –, a produção de conteúdo normalmente demanda capacidade de leitura da realidade, raciocínio, ética, velocidade e precisão na escrita. Assim, além do conhecimento teórico, a prática da redação jornalística, aliada ao exercício de concepção de pautas, editoração e publicação, se tor-

na fundamental para o desenvolvimento apropriado do aluno em todos os momentos da sua graduação. Pois, como aponta Christofletti (2002, p. 107), “é equivocado pensar que jornalismo é uma questão de talento. [...] O jornalismo é uma atividade complexa, dinâmica e que depende muito da formação cultural e técnica de quem o exerce”.

Assim, pensando em uma formação ontológica dos jornalistas que saem dos bancos da academia, os projetos de extensão têm um papel decisivo no desenvolvimento das competências dos estudantes. Por meio de uma práxis de tríplice orientação: saber o que fazer, para que fazer e como fazer, eles permitem o prolongamento da sala de aula, integrando escola e comunidade, servindo também para uma opção de livre treino para os conhecimentos adquiridos nas disciplinas. Essa parcial liberdade, que excluiu o temor da atribuição de notas e avaliações, sem descartar o acompanhamento docente com o rigor no cumprimento de padrões de qualidade estabelecidos, faz com que as práticas extensionistas despertem uma participação mais lúdica e prazerosa dos estudantes, estimulando o seu engajamento às atividades.

Mas, além da formação, a prática extensionista tem a capacidade de integrar a universidade e, principalmente, o estudante, à comunidade em que está inserido. As atividades desenvolvidas permitem aos estudantes entenderem melhor o contexto social em que estão envolvidos, traçando reflexões importantes para a percepção do seu papel cidadão e profissional. Coelho (2014), em um estudo da arte de avaliações aos efeitos da extensão no ensino universitário, apontou quatro ganhos principais entre alunos participantes de projetos de extensão (Quadro 1).

Quadro 1 - Categorias para a avaliação de impactos de atividades extensionistas como instrumento de aprendizado universitário, de acordo com a literatura

Categorias	Itens de Avaliação
Profissional	Aquisição de conhecimentos que favorecem o desempenho da atividade profissional; desenvolvimento de atitudes e comportamentos adequados à profissão.
Afetivo-comportamental	Autoconfiança; autoestima; capacidade de relacionamento interpessoal; confiança na sua escolha profissional; autorrealização; valorização da formação, participação em eventos e outras atividades acadêmicas de formação.
Cívicas e políticas	Capacidade de participar e interferir em questões da esfera política e social; compreensão sobre essas esferas; empatia.
Cognitivas	Aprender a aprender; capacidade de expressão escrita; desenvolvimento da memória, capacidade de articular diferentes dimensões de conhecimento.

Fonte: Coelho, 2014, p. 19

Partindo da capacidade de desenvolver as competências dos estudantes em cada uma das categorias do Quadro 1 e considerando as necessidades de formação destes em jornalismo, bem como nos ganhos potenciais proporcionados pela prática extensionista, o projeto de Fotorreportagem Foca Foto busca promover possibilidades múltiplas de prática de rotinas de redação, edição e editoração aos seus participantes. Da mesma forma, incentiva os extensionistas a produzirem conteúdo que seja voltado ao interesse público cobrindo, por vezes, temas que são ignorados pela mídia comercial de Ponta Grossa e região.

Por definição dos membros integrantes do projeto, desde 2018, a linha editorial do Foca Foto prioriza: um Jornalismo direcionado às questões sociais e comunitárias, incluindo a prestação de serviço e assessoria de imprensa às entidades sociais sem fins

lucrativos e que prestem serviços público de interesse da população. O trabalho, dessa maneira, é desenvolvido por meio da mobilização dos repórteres na cobertura de ações sociais e comunitárias priorizando os gêneros jornalísticos da reportagem, notícia, ensaio fotográfico, fotorreportagem e fotolegenda.

Assim, a rotina jornalística proposta aos estudantes do Foca Foto passa por todas as etapas da produção, iniciando pela definição de pautas que devem ser sugeridas pelos participantes a partir de quatro grandes editorias: entidades sociais (projetos desenvolvidos, eventos, problemas enfrentados etc.), esporte (cobertura esportiva, apresentação de atletas, notícias gerais sobre esporte amador e profissional etc.), UEPG (temas ligados à vida universitária, decisões da universidade, eventos, problemas entre outros) e geral (editoria “coringa” que dá conta de abrigar temas importantes, mas que não estejam plenamente adequados nas categorias anteriores). As indicações são feitas durante as reuniões do projeto ou por meio do grupo mantido no aplicativo de mensagens *WhatsApp*. Como já citado, são priorizadas as pautas de interesse público e ligadas às entidades com que o Foca Foto mantém produção constante, como a Universidade Aberta à Terceira Idade (Uati), por exemplo.

A proposta é de uma produção contínua de conteúdo a ser publicado no site do projeto; isso demanda que cada estudante/participante apresente pelo menos um tema de pauta por semana e que se encaixe em uma das quatro editorias. Uma vez indicadas, as pautas passam para discussão e avaliação dos colegas, que contribuem com recomendações de fontes ou sugestões de modificação. Todo o processo é feito sob a supervisão dos professores. Uma vez aprovado o tema, o próprio participante, ou algum colega designado, dará andamento ao texto e fotografia. Não raro dois estudantes trabalham de forma conjunta em uma mesma matéria. Cada professor supervisor é responsável por uma das editorias e o professor Carlos Alberto de Souza, coordenador geral do projeto, dá um suporte a todas elas.

Uma vez finalizado o processo de apuração e redação as produções (reportagem, notícia, ensaio fotográfico, fotorreportagem ou fotolegenda) passam então à edição, que é feita por um colega mais

experiente do grupo com auxílio dos professores da editoria. A ideia é que todo o processo produtivo do texto seja feito pelos estudantes, incluindo a editoração no site, para que todos passem pelas etapas de “especializações temáticas e funcionais” (NEVEU, 2006, p. 82).

Esse trabalho de rotinas produtivas do Foca Foto tem o objetivo de fortalecer os conhecimentos adquiridos nas disciplinas teóricas e práticas do curso de jornalismo da UEPG, além de desenvolver a integralidade das competências dos participantes do projeto. Com a formulação de pautas, espera-se um ganho cognitivo na percepção de temas que são de interesse público; o trato com os critérios de noticiabilidade e a separação entre o banal e a notícia; e a sensibilidade em tratar de temas que precisam de atenção, muitas vezes negada pela imprensa comercial. O desenvolvimento dessas pautas auxilia nas competências textuais, de apuração, relacionamento e abordagem de fontes. Estes elementos são fundamentais em praticamente todo processo noticioso que será necessário no futuro profissional do jornalista em formação.

Ao confiar o processo de edição aos próprios estudantes, faz-se uma continuidade do trabalho iniciado nas disciplinas de Núcleo de Redação Integrada e demais práticas, fomentando o olhar crítico sobre o texto, a busca por problemas de redação e percepções de melhorias possíveis. Da mesma forma, pretende-se que os alunos adquiram competências de gestão da produção jornalística e assumam a responsabilidade por “colocar na rua” o produto oriundo desse processo, validando seus conhecimentos utilizados.

Considerações finais

A tônica do Projeto de Extensão Fotorreportagem UEPG (Foca Foto) é a produção de conteúdo e o desenvolvimento de ações de interesse da coletividade, em favor da comunidade e das entidades sociais, culturais e esportivas de Ponta Grossa e região. O grupo tem focado seu trabalho jornalístico na cidade por meio de quatro editorias (Entidades Social, Esporte, UEPG e Geral), prestando serviços informativos de boa qualidade e abordando temáticas muitas vezes não contempladas pela mídia comercial.

Além da cobertura de eventos noticiosos e produção de fotografias informativas em várias áreas, o projeto tem cumprido a missão de colaborar integralmente na formação acadêmica, uma vez que no grupo o aluno aprimora diferentes técnicas jornalísticas (sugestão de pauta, apuração, entrevista, redação etc.). Desta forma o(a) estudante tem oportunidade de compreender na prática o processo profissional enquanto tem na fotografia o elemento chave da produção noticiosa como instrumento de mediação social.

Por meio das produções diárias e das publicações diversas que trazem a imagem como plano de fundo (desde 2014 foram 13 obras⁶, algumas já relacionadas em diferentes trechos deste capítulo), o projeto também tem se preocupado com o debate de questões acadêmicas que permeiam o jornalismo, organizando debates, encontros, oficinas e exposições. Essa é a forma que o Foca Foto encontra para cumprir com a sua função extensionista, trabalhando integrado a outros projetos do curso de Jornalismo para prestar serviços à comunidade ponta-grossense.

Referências

ARAÚJO, Angela de Aguiar; FERREIRA, Taís Maria. O arquivo está vivo. E não é “sem eira, nem beira”... Jornalismo, fotografia e arquitetura: para que não esqueçamos em algum “lugar de memória”... In: SOUZA, Carlos Alberto; ARAÚJO, Angela de Aguiar; ALMEIDA, Paulo Rogério; KONDLASCH, Rafael. **Antes & Depois**. Ponta Grossa, PR: Editora Proex / UEPG, volume 1, p. 92-96, 2020.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. O jornalismo é uma profissão, sim! In: Federação Nacional dos Jornalistas (org.). **Formação Superior em Jornalismo**: uma exigência que interessa à sociedade. Florianópolis: Imprensa UFSC, 2002.

COELHO, Geraldo Ceni. **O papel pedagógico da extensão universitária**. Em Extensão, Uberlândia, v. 13, n. 2, p. 11-24, jul. / dez. 2014.

DUBOIS, Phillippe. **O ato fotográfico**. Campinas: Papirus, 1994.

FERREIRA, Taís Maria. **Aspectos da história do Foto Carlos**. Informação fornecida por Roberto Jendrieck, em entrevista realizada em Ponta Grossa, em 18 maio de 2020.

⁶ Coleção Imagética (6 volumes); Mídias Contemporâneas (2 volumes); Foto&Poema (2 volumes); Produções do Foca Foto; Antes e Depois; e Ensaios e Fotorreportagens.

HARDING, Colin. Fotografia popular. In: **Tudo sobre fotografia**. Rio de Janeiro: Sextante, p. 156-157, 2012.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

LEDERMAN, Erika. Fotografia de rua. In: **Tudo sobre fotografia**. Rio de Janeiro: Sextante, p. 288-291, 2012.

NEVEU, Érik. **Sociologia do Jornalismo**. Edições Loyola: São Paulo, 2006.

SEVCENKO, Nicolau. O Prelúdio Republicano, Astúcias da Ordem e Ilusões do Progresso. In: SEVCENKO, Nicolau. (org.) **República**: da Belle Époque à Era do Rádio, São Paulo: Companhia das Letras, volume 3, p. 7-48, 1998.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo**: introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2002.

ZANETTI, Camila Bruna; BONI, Paulo Cesar. Um fotógrafo chamado “arquivo”: a complexidade dos direitos autorais da obra fotográfica. **Discursos fotográficos**. Londrina, v.2, n.2, p. 159-178, 2006.



O FOTOJORNALISMO DO LENTE QUENTE: UMA DÉCADA DE CULTURA PÚBLICA EM IMAGENS

Rafael Schoenherr¹
Emanuelle Benício Soares²

O projeto de extensão Lente Quente trabalha com o fotojornalismo na cobertura de acontecimentos da cultura e publica na web, a cada dia, uma fotografia com título e legenda informativa na plataforma online Flickr, em geral sobre alguma ocorrência do dia anterior. Dessa forma, é o único espaço no curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) com esse perfil editorial, calcado na intensidade do ritmo de produção jornalística de curta periodicidade.

As ações iniciaram em 2010, em caráter experimental, durante a VII Semana de Integração e Resistência, evento do Centro Acadêmico João do Rio do curso de Jornalismo da UEPG. Desde então, estudantes extensionistas das quatro séries do curso realizam a cobertura de protestos, esportes, movimentos sociais, espaços públicos, exposições, patrimônio histórico, eventos musicais, de teatro, literatura e outros aspectos do campo cultural de Ponta Grossa e, por vezes, região dos Campos Gerais. Mais de 70 alunos já participaram do Lente Quente em atividades de fotógrafo,

¹ Professor do Departamento de Jornalismo da UEPG. Doutor em Geografia (UEPG) e Mestre em Ciências da Comunicação (Unisinos). Graduado em Jornalismo pela UEPG.

² Graduanda em Jornalismo na UEPG. Bolsista de extensão no projeto Lente Quente (2018-2019) e de iniciação científica (2019-2020), via Fundação Araucária e CNPq.

edição, organização de exposições, oficinas, palestras, produção de documentários e trabalhos produzidos para os diversos eventos científicos, seja na condição de bolsista ou voluntário.

Uma parcela estimada em metade dos egressos que participaram por ao menos um ano do projeto estava colocada em postos jornalísticos no mercado de trabalho em 2020. Destaca-se que uma fração, que pode chegar a dez estudantes, seguiu no ramo da fotografia ou ao menos chegou a desempenhar tal função após sair do curso. Isso indica que o “saber prático” jornalístico mobilizado possui sintonia com as competências da cultura profissional, de modo que a extensão funciona tal como uma redação ou uma agência de imagens, ainda que em fase de formação e aprendizado. Trata-se de um saber prático apreendido na repetição observada (BARROS FILHO, 2002, p. 168), algo típico do aprendizado da atividade jornalística (tanto na fase de formação quanto nas etapas da vida profissional).

O projeto de extensão alimenta perfil nas plataformas digitais Flickr (<https://www.flickr.com/lentequente/>) e Instagram (<http://instagram.com/lentequente>) para a publicação diária das fotografias selecionadas - isto é, ‘filtradas’ em relação ao todo produzido, capturado. Exercita-se, assim, uma das características de qualquer produto jornalístico, a seletividade. As redes sociais Facebook (<https://www.facebook.com/lentequente/>) e Twitter (@lentequente) são mídias de divulgação apenas. Em canal de vídeos no YouTube (<youtube.com/projetolentequente>), publica-se material audiovisual curto (vinhetas, entrevistas) e de média metragem (documentários e palestras). Em 2020, o projeto chegou a 15 estudantes participantes e três professores responsáveis.

O acervo produzido pelos estudantes (fotógrafos e editores) ao longo de 10 anos de existência da extensão soma 21.072 imagens, sendo 2,8 mil fotografias publicadas como notícia - o que representa a média aproximada de uma imagem publicada a cada dez obtidas e estocadas. Esse papel da seleção no fotojornalismo é reforçado pela afirmação de Lage sobre a produção fotográfica em revistas informativas semanais ou *magazines*:

Não surpreende que a proporção de fotos publicadas sobre as fotos obtidas, num magazine contemporâneo, ultrapasse usualmente um por cem: para contar significados, é preciso dispor de ampla variedade de unidades semânticas. O texto circunstancia as fotos, não o contrário, mas o sentido da mensagem estará determinado, ou pelo menos circunscrito, pela seleção fotográfica. (LAGE, 2001, p. 84)

Durante uma década, o projeto consolidou um ciclo de produção, alterado poucas vezes e automatizado entre os integrantes, principalmente para aqueles que participam nos quatro anos da graduação. O modelo produtivo se baseia em reunião semanal de pautas (toda sexta-feira), cobertura fotográfica, seleção de imagens, edição e avaliação da produção. Nesse formato, semana após semana de planejamento, o projeto produz e publica diariamente uma foto com legenda, interrompendo o ciclo somente no período das férias estudantis ou em momentos de excepcionalidade (como greves e, em 2020, a pandemia).

A iniciativa funciona numa dinâmica extensionista organizacional tripla já apontada (SCHOENHERR, 2017, p. 52), indo das movimentações mais estritas de produção jornalística (avaliação de fotos e planejamento ou pauta) ao atendimento mais negociado de demandas da sociedade civil organizada, de outros cursos da universidade ou mesmo do poder público, expresso no desenvolvimento de projetos e coberturas especiais em imagem, menos rotineiras e mais dialogadas. É preciso considerar, ainda, no escopo de atuação, o desenvolvimento de atividades formativas de aproximação para com a comunidade profissional da fotografia.

O Lente Quente pode ser entendido também como desdobramento de uma filiação extensionista, de ensino e pesquisa em jornalismo cultural desenvolvida no curso de Jornalismo da UEPG e já identificada em outro momento (SCHOENHERR, 2018) – tendo por referência experiências como A Mídia em Livros, O Ponteiro (2005-2006), o grupo de pesquisa em Folkcomunicação e Jornalismo Cultural, além das parcerias com o site Cultura Plural (desde 2011). Considera-se, ainda, que o surgimento da oferta extensionista dialoga com fase de transição ou atualização curricular

mediante novas diretrizes da área, a imprimir foco menos genérico e mais específico de problematização do jornalismo, contemplando a emergência da convergência tecnológica na web e renovadas competências profissionais demandadas pela sociedade e pelo mercado – tensionadoras do âmbito formativo, portanto.

No embalo das rotinas de produção do fotojornalismo

Em acordo com a perspectiva construcionista das notícias, que entende o papel que as rotinas de produção em certa organização jornalística desempenham no resultado final e no compartilhamento de uma cultura profissional, pode-se dizer que os procedimentos, a princípio reflexivos e hesitantes por parte de quem inicia nos processos jornalísticos, aos poucos se convertem em hábito instaurado em determinadas rotinas de produção.

Em função dessa socialização, alguns dos procedimentos do fazer jornalístico que são, em teoria e nos primeiros passos do exercício profissional, calculados e ponderados racionalmente, vão deixando de sê-lo dada a superveniência de situações análogas. A associação repetida de fatos — unidades de real observadas - e unidades de repertório do observador, segundo procedimentos hermenêuticos que também se repetem, geram um hábito dessa ocorrência que escapa a qualquer controle racional como é, supostamente, a suspensão. (BARROS FILHO, 2002, p. 160)

O pauteiro (estudante responsável por sugerir ocorrências que podem se transformar em cobertura jornalística) representa umas das primeiras funções que dispara todo o processo. Nesta atividade, a pessoa sugere em reunião um fato digno de cobertura - precisa buscar imaginar na foto a ser desempenhada o ponto que prenda o leitor (GODOY et. al., 2011, p. 3). Essa sugestão deriva do trabalho do estudante nas saídas de campo como fotógrafo, quando repara em cenários e aspectos inusitados da realidade que, tendencialmente, podem virar uma boa pauta. “As pautas, portanto, muitas vezes se tornam um produto do olhar atento do fotógrafo na medida que esse passa a observar situações do cotidiano que

trazem consigo imagens de uma determinada cultura (...)” (GODOY et. al., 2011, p. 3).

A escolha do que fotografar pelos estudantes se orienta pelas singularidades do evento e da cidade, lembrança de datas comemorativas (GODOY et. al., 2011, p. 7) e por sua factualidade (MATEUS & SCHOENHERR, 2014, p.4), quando existe maior dependência das agendas culturais e informativas disponíveis ou coletadas. Esse levantamento não precisa ser obrigatoriamente tarefa de apenas um estudante. Em alguns períodos do ano letivo, cada fotógrafo busca e expõe em discussão da reunião o tema pessoal e de interesse que queira produzir durante a semana. Enquanto ocorre a avaliação da agenda, os alunos se indicam para uma das duas funções: repórter fotográfico ou editor.

No caso específico do projeto, é possível dizer que a pauta fotográfica carrega a missão de desenvolver uma competência específica de leitura da realidade e reconhecimento (MATEUS; SCHOENHERR, 2014) ou um olhar sobre a cultura local - e assim a tarefa passa a ser responsabilidade de pauteiros, fotógrafos, editores e professores supervisores. Essa indicação do que vale a pena fotografar jamais é escrita ou formalizada, salvo em emails ou mensagens curtas trocadas entre os participantes entre uma reunião e outra. No geral, os temas surgem na conversa em roda nas reuniões. De tudo o que seria possível fotografar da cultura em Ponta Grossa, o assunto escolhido vai elencar das prioridades e isso é também um tipo de delimitação das possibilidades de captura do fotógrafo. Em resumo, a seletividade no processo de produção jornalística não ocorre apenas na escolha da imagem a ser publicada pelo editor, mas deriva de outras filtragens e ênfases ou recortes, tal como a indicação de temas e olhares no momento de pauta, contaminando demais etapas produtivas (SOARES; SCHOENHERR, 2020).

O repórter fotografa a cena, fazendo o contato entre a fase de planejamento, o trabalho ‘em redação’ e o setor cultural local e regional (CELINSKI; SCHOENHERR, 2011) e seus circuitos específicos (NASCIMENTO; SCHOENHERR, 2015). A reportagem inicia com a apuração prévia da pauta escolhida e em seguida se

parte para a produção de fotos em terreno (sem atividade de campo, vale dizer, não há fotojornalismo - o que também implica certa seletividade dos fatos, ou seja, noticia-se aquilo que pode ser fotografado 'na vida real' e não no estúdio, no laboratório ou somente dentro da universidade).

Para a cobertura de eventos, o Lente utiliza algumas estratégias como: produzir fotos tanto na vertical como na horizontal, capturar imagens gerais e de detalhe do acontecimento, apurar informações para a legenda ao conversar com os artistas e o público. Quando o fotógrafo sai a campo, deve sempre possuir uma pauta fria como reserva. Vale expressões culturais nas ruas, como o graffiti nos muros e a cena rara de ciclistas pela cidade. (CELINSKI; SCHOENHERR, 2011, p. 5)

O estudante, que normalmente é um amador, vai aos poucos aprendendo critérios técnicos, melhores lentes para cada ocasião, ajustes de câmera, uso de flash, distância em relação ao objeto, movimentações e posições para conseguir realizar uma boa cobertura (conforme definições aos poucos compartilhadas pela equipe). Nesse bailado, coreografia do fotógrafo na rua, como uma "tourada" (CARTIER-BRESSON, 2015, p. 46-47) e na relação com o equipamento, como se vê, também reside um outro tipo de poder seletivo daquilo que vai se traduzir em imagem noticiosa. Entre um clique e outro, a pessoa atrás da lente visualiza parcialmente como as fotos estão ficando em sua câmera. Ali mesmo, costuma apagar uma ou outra imagem que não esteja de acordo, a depender, claro, da temporalidade do fato. Em situações que demandam muita agilidade do aluno (temas em movimento, eventos rápidos ou tensos), a pessoa vai clicar muito mais e selecionar/excluir menos na câmera durante o evento.

Terminada a produção da pauta, o aluno seleciona as melhores fotos e faz upload de um conjunto de imagens no acervo digital privado Flickr junto a uma legenda informativa com título e crédito. No projeto, o texto deixa de ser a parte central e torna-se um elemento complementar, com funções semelhantes ao lide (CELINSKI et. al., 2010, p. 1). O tempo disponível para esse trabalho vai depender muito de cada pauta, mas em geral ocorre à noite,

logo após o evento fotografado. Em situações de maior urgência para publicação, isso é feito do local dos fatos, o que é mais raro.

Com esse conjunto de fotos disponível no sistema privado da plataforma (restrito a estudantes e professores com login e senha), entra em ação a figura da edição como etapa produtiva. Em geral, essa é a segunda função dividida na reunião de pauta semanal. Apenas um estudante fica com essa atividade e normalmente gerencia todas as redes sociais e plataformas digitais do Lente Quente. Em alguns períodos ocorreu a separação das publicações do Instagram e Flickr entre dois integrantes responsáveis. As obrigações do editor são a cobrança dos fotógrafos para entrega pontual do material, correção da legenda, escolha da melhor foto e aquela que melhor represente o evento dentro do conjunto selecionado pelo fotógrafo da pauta e a publicação nas redes do projeto. Essa tarefa varia semanalmente entre os repórteres e normalmente é feita por aqueles que estão há mais tempo na extensão (HONORATO, SCHOENHERR; ANJOS, 2018, p. 369-370).

Além de publicar as fotos, a edição também é responsável por organizar o trabalho de campo dos repórteres, cobrando quando alguma pauta não foi enviada para publicação ou mesmo escolhendo entre duas ou mais fotos que chegaram no mesmo dia. Nestes casos, é possível trabalhar com o auxílio de uma outra plataforma que também é utilizada pelo projeto, o Instagram. (HONORATO, SCHOENHERR; ANJOS, 2018, p. 369-370)

Dessa leitura do editor sobre o conjunto oferecido pela reportagem é que resulta a foto publicada - uma seleção de um registro entre de cinco a dez fotos realizadas, mais ou menos. O poder de escolha, portanto, é codeterminado pela captura em campo operada pelo fotógrafo, que por sua vez foi 'conduzido' a estar em certo local num certo horário pela pauta.

O fim deste ciclo termina na reunião semanal, normalmente às 17 horas nas sextas-feiras, quando ocorre a avaliação das fotos projetadas na parede e o editor é provocado a explicar quais os critérios que determinam cada escolha, seguindo a linha editorial do projeto, levando em considerações aspectos técnicos e noticio-

dos da imagem (HONORATO, SCHOENHERR & ANJOS, 2018, p. 370):

A etapa posterior seria a dos retornos, críticas ou comentários sobre a foto publicada, que convergem novamente para o momento em que isso agenda a conversa em reunião. Essas etapas acontecem de modo diário (captura, arquivo privado, edição, publicação, divulgação, retornos) e marcam a maior intensidade da rotina produtiva do projeto, sendo que existe um revezamento dos estudantes nas funções – de modo que cada um faça no máximo uma captura por semana, quando possível. (SCHOENHERR, 2017, p. 54-55)

Essa avaliação em grupo é o momento em que os fotógrafos e editores defendem suas preferências e relatam suas experiências de campo ou na seleção de imagens. Além disso, os colegas elogiam ou fazem observações sobre o material junto à avaliação dos professores. Esse processo é importante para os estudantes criarem um senso crítico e não escolherem apenas por preferências pessoais ou aleatórias.

Desafios da edição ('a quente!') no fotojornalismo

Uma das contribuições do projeto à formação em Jornalismo ao longo de uma década em atividade é o experimento tentativo da noção de edição em fotografia e de seletividade (SOARES; SCHOENHERR, 2020) – um lugar repleto de tensionamentos frente redução de postos de trabalho no mundo profissional e a digitalização dos processos de produção, circulação e consumo da notícia, alterando respectivas “gramáticas de produção e reconhecimento” (VERÓN, 2004).

O quadro conceitual da área assinala que o processo de edição está presente em todo o ciclo da rotina da produção jornalística, mas também se firma como etapa produtiva ou função específica nas redações à medida que o jornalismo se consolida como uma indústria (MACHADO, 2018, p. 76). Com a entrada em cena de produtos calcados na informação para públicos heterogêneos e não mais na opinião para formação política, o jornalismo precisou

organizar sua produção, sua periodicidade e ampliar a circulação. Para conseguir alcançar o público em um tempo mais rápido, foi estabelecida uma rotina de produção (MACHADO, 2018, p. 76), sob administração, em último hipótese, do editor.

Além de ser um gerenciador da rotina, o editor também se torna a figura que opera a linha editorial da redação (OLIVEIRA, 2015, p. 70). Como cada jornalista é dotado de própria experiência, é necessário um indivíduo que enfatize nos trâmites da construção da notícia os parâmetros de publicação, os padrões editoriais e os critérios de noticiabilidade da organização jornalística. Assim, a edição se torna uma tarefa de decisão, pois “ao fazer escolhas, o editor determina o valor de um fato” (PEREIRA JUNIOR, 2006, p. 23):

Editar, enfim, é escolher. A notícia resulta de triagens e exclusões deliberadas em todas as fases da produção jornalística, na apuração das informações, na produção da matéria (redação de texto, captação de imagens, fotos ou sonoras) e na edição de todo o material. Um evento pode até ser bem investigado e redigido. Ainda assim, pode perder-se ao ser editado. (PEREIRA JUNIOR, 2006, p. 23)

No fotojornalismo, antes da criação do um cargo de editor de imagens, o que existia era alguém com função administrativa na redação que apenas organizava a rotina e as pautas também dos fotógrafos. Os primeiros locais que admitiram a função da edição em fotografia e entenderam sua importância foram as revistas ilustradas informativas, como “a americana *Life*, a francesa *Vu* e a brasileira *O Cruzeiro*” (OLIVEIRA, 2015, p. 70). Isso acompanha, em certo grau, a tendência do jornalismo de forma geral. Se até meados do século XX, ainda editor e proprietário do jornal se confundem, gradativamente o editor passa a responder por setores especializados dentro de redações cada vez mais complexas (MAROCCO; BERGER, 2006).

Para Pedroso (2008, p. 42), esse cargo “existe para dar coerência e direção à publicação de imagens e auxiliar no estabelecimento dos vínculos interpretativos com as informações textuais”. Nessa perspectiva, o editor precisa conhecer, da captura fotográfica à pu-

blicação, estratégias que favoreçam a leitura do material, conhecer seu público e todos aqueles envolvidos no processo (PEDROSO, 2008, p. 42). É uma seleção estendida que inicia desde a produção até leitura do público, mediada pelo editor. De acordo com Oliveira (2015, p. 71), a imagem “precisa passar por três etapas básicas para fazer sentido: a produção, edição e a recepção”. Percebe-se em tais afirmações o movimento de recontextualização da foto produzida e selecionada operado pela edição, num lugar ligeiramente mais próximo dos olhos do público (num tipo de antecipação) do que do evento fotografado ou do acontecimento gerador da notícia (um contraponto, nesse sentido, aos olhos mais urgentes do fotógrafo que captura as cenas).

As reuniões de pauta do projeto em muito expressam esse compartilhamento pelo conjunto de produtores e supervisores das preocupações mais ‘editoras’, por assim dizer. Pereira (2008) e Bazea (2001) defendem que todo esse processo de edição não deveria envolver apenas o editor, mas também o repórter fotográfico, o diagramador e o editor do conteúdo textual - numa espécie de todo orgânico em tudo desafiado pelas recentes transformações do mercado e das empresas. De modo mais radical, essa noção orgânica e conversacional ampliada da edição fotográfica possui semelhanças com trabalhos e relatos do fotojornalista João Roberto Ripper, conforme apontado em Schoenherr et. al. (2018).

No jornalismo brasileiro nos últimos anos, as redações têm sofrido cada vez mais demissões, o que coloca em xeque a função do editor de fotografia, mas não a necessidade de se operar seleções no processo produtivo do fotojornalismo. Ou seja, é justamente face ao desbancar de uma figura específica de editores em redações que se exige um olhar de edição a outras funções jornalísticas - esse um dos horizontes de trabalho do atual currículo do curso de Jornalismo da UEPG e também um fenômeno geral (a ‘descentralização da edição’) identificado no organograma de redações jornalísticas no Paraná na segunda década do século, conforme pesquisa de Silva (2015)³.

³ Para um contraste da figura do editor de imagens junto a uma equipe considerável de fotógrafos, consultar a pesquisa de Sallet (2006).

Memória científica Lente Quente

Outro resultado da experiência extensionista descrita é a elaboração parcial de reflexões que busquem dar conta de melhor organizar e visualizar os desafios encontrados nos processos produtivos e organizacionais no Lente Quente. Em dez anos, 33 estudantes de jornalismo e professores publicaram 60 trabalhos científicos entre resumos, artigos e até uma tese com base no projeto. A pesquisa de iniciação científica *Seleção de fotos na edição jornalística do Projeto Lente Quente* (destes autores), concluída em 2020, organizou e disponibilizou uma base online (Google Drive) com textos de referência direta ou indireta à extensão. São materiais publicados em revistas, mas também em CDs de anais de eventos que passam a ficar disponíveis ao curso neste novo suporte. Entre os eventos recorrentes de apresentação de resultados parciais estão o Seminário de Inverno de Estudos em Comunicação (UEPG), o Encontro Nacional de Professores de Jornalismo (Abej), o Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom) e o encontro Conversando sobre Extensão (Conex/UEPG). Cabe ainda lembrar que sete dos alunos que participaram do Lente Quente desenvolveram seus Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) com foco no fotojornalismo – o que foge ao escopo da memória científica online.

De fotos no varal a quadros na parede

Nesse período de funcionamento, o projeto realizou ao menos dez exposições fotográficas de autoria, montagem e curadoria dos estudantes, com supervisão docente. A mostra de maior circulação foi das fotos do ‘Massacre 29 de abril’ (2015), que transitou por diversos espaços em Ponta Grossa (como Calçadão, Estação Saudade, Estação Arte, Parque Ambiental, Cine Teatro Ópera, Sinduepg, Centro de Cultura, Câmara de Vereadores, UEPG) e também foi exposta nos municípios de Castro, Palmeira e Curitiba.

Outras exposições tematizaram o Festival Nacional de Teatro de Ponta Grossa, o Festival Universitário da Canção (com direito a projeção durante o evento no Cine Teatro Ópera), as manifestações

de rua de 2013 (mostra ‘Cidades Rebeldes’, na Câmara de Vereadores) e os movimentos que ganharam as ruas frente à crise política recente (mostra ‘O Som das Ruas’, em 2019, no Museu Campos Gerais). Em 2018, o Lente Quente organizou a exposição de fotos do fotógrafo Tui Guedes sobre a luta de familiares de desaparecidos políticos pela ditadura na Argentina, no Centro Europeu. Em 2019, os estudantes também puderam auxiliar o fotógrafo Orlando Azevedo na montagem da exposição Paraná, na reabertura do Museu Campos Gerais. Outros espaços que expuseram fotos do projeto foram a Biblioteca Pública de Ponta Grossa, Coffee Maria’s e o extinto bar Cine Rock.

Conversas com profissionais e aprendizes da fotografia

Além de coberturas fotográficas e organização de exposições, o Lente Quente disponibiliza um tempo para conversar com nomes da fotografia do cenário regional ou nacional. Cerca 20 profissionais já foram convidados para discutir de forma presencial ou online aspectos do campo da fotografia e do fotojornalismo – elemento esse de impacto e familiarização de estudantes com o universo profissional e possibilidades de atuação (CLARINDO; SCHOENHERR, 2019; EURICH et. al., 2020). Logo no início das atividades, em 2010, foram fundamentais as conversas com os fotógrafos Henry Milléo, Rodrigo Czealski e Celso Margraf, bem como palestra do curso com Rodolfo Bühner. Outros nomes locais que também se somaram à ‘roda’ foram Marco Favero, Nicolas Salazar, Andressa Marcondes, Fabio Ansolin e José Tramontin. O fotojornalista Marcelo Andrade, da Gazeta do Povo, esteve duas vezes reunido com o projeto. Os papos online durante a pandemia de 2020 permitiram conversar com Yan Boechat, Gustavo Minas, Raphael Alves, Elaine Schmitt e Marcia Borosky. Por fim, três conversas presenciais organizadas na forma de palestra aberta ou workshop foram fundamentais na trajetória de consolidação do projeto: a vinda de João Roberto Ripper, em 2018, de Sergio Rannali e Tui Guedes, em 2017, e de Victor Moryama, em 2019.

Um desdobramento dessa vocação da roda de conversa foi a criação, em 2016, do programa em vídeo Comentando uma Foto,

que convida sempre um estudante ou profissional para apresentar e descrever imagens e processos produtivos. Ao longo de 16 edições, deixaram ali suas críticas e opiniões os fotógrafos Luiz Estacheski, Laysa Santiago, Alisson Nascimento, além de integrantes do projeto – o que sempre proporciona revisitas ao acervo e reavaliações da produção e da cultura em Ponta Grossa.

‘Ligeiramente fora de foco’

De modo complementar, para demarcar momentos referenciais de uma trajetória que extrapolam a produção fotojornalística diária em si, registra-se episódios e esforços de extensão no diálogo com grupos sociais organizados para produções especiais, com objetivo de atender demandas de imagem e visibilidade específica – algo também pertinente quando de trata de um curso de jornalismo situado na universidade pública brasileira e com vocação local e regional.

Essa toada mais branda de atuação inicia com a produção de show da banda independente Charme Chulo, de Curitiba, em 2011, no evento de lançamento de coletânea de fotos em CD da cobertura do Fenata de 2010. Essa estratégia de produção de evento cultural se repetiria em outras ocasiões, seja em função de exposições, palestras ou em exhibições. Gradativamente, os estudantes passam a ser convidados para ministrar oficinas de aprendizados pontuais em fotografia – como foi o caso da Semana Acadêmica de Biologia da UEPG, ou então a oficina de retrato fotográfico em feira do projeto Cultura Plural na praça Barão do Rio Branco, entre outras iniciativas do gênero que exercitam a autonomia discente frente públicos diversificados em situações imprevistas.

Um segundo repertório dessas ações brandas ‘organizacionais’ ou ‘articuladoras’ acaba por ser pautado mais por situações sociais do que pela intenção de atuação no campo cultural. Destaca-se, nesse quesito, lançamento de livro e documentário ‘Massacre 29 de abril’, em 2015, via campanha de financiamento coletivo que superou a meta de arrecadação de R\$ 10 mil – recursos que custearam impressão do livro e a compra de um equipamento foto-

gráfico para uso no projeto. Apoiadores de diferentes estados do país contribuíram para a consolidação e o lançamento do catálogo, que lotou a Estação Arte em 29 de junho de 2015. Um mês antes, a exibição do documentário, censurado na véspera pela Prefeitura Municipal, também ocupou todas as cadeiras da Sala B do Cine Teatro Ópera. Antes disso, a exposição de fotos da mesma temática no Calçadão foi vetada, necessitando de autorização da Fundação Municipal de Cultura para então poder continuar circulando. O mesmo ocorreu na Câmara Municipal de Vereadores, com tentativas e ameaças diversas dos senhores vereadores (e raras vozes contrárias) de retirada das fotos então instaladas no espaço cultural do hall do prédio dentro do projeto 'Arte na Câmara'.

No ano seguinte, o Lente Quente inicia parceria com o projeto Curta sua Orquestra, ação educativa musical descentralizada da Orquestra Sinfônica Cidade de Ponta Grossa, com apresentações em bairros e entidades diversas. A atividade resultou em duas exposições fotográficas em 2016. Nesse mesmo sentido, em 2016 e em 2019, respectivamente nos colégios estaduais Nossa Senhora das Graças e Eugênio Malanski, os estudantes de Jornalismo fizeram retratos e registros em imagens de atividades pedagógicas e artísticas do mês da consciência negra – material que retorna parcialmente aos colégios envolvidos.

Ainda em 2016, o projeto volta-se à cobertura dos movimentos de ocupações estudantis em Ponta Grossa. Uma das séries fotográficas acaba sendo cedida para publicação no jornal Folha de S. Paulo. Outro resultado inédito e inusitado dessa aproximação foi a produção do único curta metragem de ficção do Lente Quente, disponível no canal do YouTube e inteiramente produzido nas dependências do Colégio Estadual Meneleu Almeida Torres no período das ocupações estudantis.

Em 2018, uma nova solicitação, desta vez da Escola Municipal Zilá Bernadete Bach, leva os fotógrafos ao bairro Dom Bosco, seguidas vezes, para o registro fotográfico e audiovisual de ações comunitárias voltadas ao patrimônio natural e cultural. Esse trabalho resultou em documentário e exposição fotográfica intitulados

‘Eu também sou patrimônio desta terra’. O vídeo foi exibido para a comunidade escolar no Cine Teatro Ópera.

Por fim, após esse apanhado de ações rotineiras da extensão mas que nem sempre resumem-se a expedientes tradicionais de produções jornalísticas, cabe mencionar a conquista do Prêmio Sangue Novo de Jornalismo em 2019 na categoria Fotojornalismo aos estudantes João Guilherme Castro e Veridiane Parize, autores da série fotográfica sobre o passeio de trem de Ponta Grossa ao distrito do Guaragi. Em anos anteriores, os então estudantes José Tramontin e Angelo Rocha também atingiram colocações no mesmo prêmio.

Conclusão

A principal conclusão a se extrair dessa primeira década de atividade do projeto de extensão Lente Quente no curso de Jornalismo da UEPG é a de que há uma cultura pública (WOITOWICZ, HONORATO; SCHOENHERR, 2018) na cidade a se apreender, observar e experimentar - de modo que os estudantes desenvolvam gradativa, autônoma e coletivamente uma competência de reconhecimento e identificação do que é notícia na realidade mais próxima. Transitar por ruas e espaços culturais com câmeras fotográficas funciona muito nesse sentido de mobilizar esse aprendizado a partir do contato com agentes culturais e atores sociais. Isso vale para a produção fotográfica e também para a organização de exposições e eventos afins da fotografia, que melhor projetam e materializam aos extensionistas um público leitor das imagens, além de eventuais parceiros na vida profissional e acadêmica.

Essa participação fornece a cada estudante uma experiência além da grade curricular do curso de jornalismo na UEPG. Isso colabora para a criação de um portfólio profissional, habilidade em campo e senso crítico principalmente àqueles que pretendem continuar na área do fotojornalismo. Os alunos desenvolvem um olhar que é colocado como necessário pelos mercados na agências de jornalismo e fotojornalismo.

Referências

BAEZA, Pepe. **Por una función crítica de la fotografía de prensa**. Barcelona: Editorial Gustavo Gilli, 2001.

BARROS FILHO, Clóvis de. Reflexo de pauta: ética e habitus na produção da notícia. **Revista Contracampo**, Rio de Janeiro, n. 7, p. 157-182, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**: seguido de a influência do jornalismo e os jogos olímpicos. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

CARTIER-BRESSON, Henri. **Ver é um todo**. São Paulo: Gustavo Gilli, 2015.

CELINSKI, Giovana; SCHOENHERR, Rafael. Lente Quente: registro fotojornalístico diário da cultura em Ponta Grossa. **XVIII Prêmio Expocom**. Londrina: UEL, 2011.

CELINSKI, Giovana; STADLER, Luana; FAVERO, Marco Antonio; VERNER, Afonso; ANTONIO, Gildo; SCHOENHERR, RAFAEL; Cena cultural em legendas: o texto verbal no projeto Lente Quente. **VIII Encontro Paranaense de Pesquisa em Jornalismo**, UEPG. Ponta Grossa, 2010.

CLARINDO, William; SCHOENHERR, Rafael. Conversações do Lente Quente com a comunidade de profissionais da fotografia (2010-2019). **17º CONEX - Encontro Conversando sobre Extensão e 2º EAEX - Encontro Anual de Extensão Universitária**, UEPG. Ponta Grossa, 2018.

EURICH, Maria Eduarda; CABRAL, Lucas Santos Carmo; SOARES, Emanuelle; SCHOENHERR, Rafael. Fotojornalismo na pandemia: 'Lente Quente' conversa com profissionais da fotografia. **18º CONEX - Encontro Conversando sobre Extensão e 3º EAEX - Encontro Anual de Extensão Universitária**, UEPG. Evento on-line, 2020.

GODOY, Eduardo; STADLER, Luana; TEIXEIRA, Maria Fernanda Lameu; GASPARINI, Camila; VERNER, Afonso; SCHOENHERR, Rafael. A cultura local no 'Lente Quente': mapeamento cultural através da fotografia em projeto de extensão. (**Relatório Interno**). 2011.

HONORATO, Saori; SCHOENHERR, Rafael; ANJOS, Manoel Moabis Pereira dos. Rotinas produtivas do fotojornalismo: descrição parcial do ciclo de produção noticiosa do projeto de extensão Lente Quente. **XX Seminário de Inverno de Estudos em Comunicação**, UEPG. Ponta Grossa, 2018.

LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia**. Florianópolis: UFSC/Insular, 2001.

MACHADO, Arlindo. **A ilusão especular**: uma teoria da fotografia. SP: Editora Gustavo Gilli, 2015.

MACHADO, Elias. **Os novos conceitos de edição no jornalismo digital**. GJOL: 20 anos de percurso. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia. 2018.

MAROCCO, Beatriz; BERGER, Christa. A dupla falta do editor de jornal, nos livros e cursos de jornalismo. In: FELIPPI, Ângela; SOSTER, Demétrio de Azeredo; PICCININ, Fabiana (org.). **Edição em Jornalismo**: ensino, teoria e prática. Santa Cruz: EDUNISC, 2006.

MATEUS, Karin Del Nóbile; SCHOENHERR, Rafael. Competências profissionais em formação no 'Lente Quente': pauta fotojornalística como processo produtivo de 'leitura' da cidade. **12º Encontro Nacional de Professores de Jornalismo**, 2014.

NASCIMENTO, Luana Caroline do; SCHOENHERR, Rafael. O Circuito da Música em Ponta Grossa (PR) na Memória Fotográfica Jornalística do Projeto Lente Quente. **XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul**, Joinville, 2015.

OLIVEIRA, Pedro Revillion. A fotografia na palma da mão: fotografia móvel nos processos de edição jornalística. **Dissertação de mestrado**. Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos. São Leopoldo, 2015.

PEDROSO, Elson Sempé. Reflexões sobre fotografia no jornalismo impresso. In: PICCININ, Fabiana (org.). **Edição de Imagens no Jornalismo**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2008.

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. **Guia para a edição jornalística**. Petrópolis: Vozes, 2006.

SALLET, Beatriz. Histórias e 'estórias' fotográficas: afirmação e rompimento das rotinas produtivas do fotojornalismo de Zero Hora. **Dissertação** (Mestrado em Ciências da Comunicação). Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos, 2006.

SCHOENHERR, Rafael. A imagem da música no espaço público em Ponta Grossa (PR) de 2010 a 2014: implicações geográficas do fotojornalismo cultural. **Tese** (Doutorado em Geografia). Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG, 2017.

SCHOENHERR, Rafael. Formação profissional em cenário de crise: uma perspectiva possível para a extensão universitária em jornalismo cultural. **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo – REBEJ**. Brasília, v. 8, n. 22, p. 16-31, 2018.

SCHOENHERR, Rafael. MOABIS, Manoel; HONORATO, Saori; PARIZE, Veridiane. Luz, Sombra e Afetos: 'quase-memória' da visita do fotógrafo João Roberto Ripper a Ponta Grossa (PR). **Uniletras**. Ponta Grossa, v. 40, n. 1, p. 56-67, 2018.

SILVA, Gisele Barão da. A formação profissional de editores no Diário dos Campos e na Gazeta do Povo. 2015. 140 f. **Dissertação** (Mestrado em Processos Jornalísticos). Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2015.

SOARES, Emanuelle; SCHOENHERR, Rafael. Rotina produtiva do projeto de extensão lente quente: critério de seleção de imagens de manifestações políticas. **XXIII Seminário de Inverno de Estudos em Comunicação**, UEPG. Evento on-line, 2020.

SOUZA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo**: uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa. Porto, 2002. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-fotojornalismo.pdf>. Acesso em: 30dez2020.

VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: UNISINOS, 2004.



O CULTURA PLURAL NO PROCESSO DE FORMAÇÃO EM JORNALISMO:

PERCEPÇÕES DE PARTICIPANTES SOBRE A EXPERIÊNCIA
EXTENSIONISTA

Ivan Bomfim¹

Karina Janz Waitowicz²

Kevin William Kossar Furtado³

Introdução

No segundo semestre de 2021, o *Cultura Plural* completa dez anos de existência no curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Idealizado pela professora Maria Lúcia Becker e pelo jornalista Wesley Dalcol Leite, o projeto foi criado em agosto de 2011 com apoio da Bolsa Funarte de Reflexão Crítica e Produção Cultural para Internet (2011-2013)⁴. A ideia surgiu de uma demanda emergente de outro projeto extensionista mantido

¹ Professor doutor do Departamento de Jornalismo e do mestrado em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa. E-mail: ivanbp17@gmail.com.

² Professora doutora do Departamento de Jornalismo e do mestrado em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa. E-mail: karinajw@gmail.com.

³ Professor doutor do Departamento de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa. E-mail: kevin@aol.com.br.

⁴ A bolsa foi concedida por meio de edital da Fundação Nacional de Artes (Funarte), órgão vinculado na época ao Ministério da Cultura (MinC) do governo federal, extinto pelo governo Jair Bolsonaro em 2019. Na época, o valor da bolsa viabilizou a criação do site *Cultura Plural* com recursos específicos de acessibilidade, a contratação de servidor e suporte técnico para o site e a manutenção de bolsa de um jornalista, no período de dois anos. Atuaram como editores os jornalistas Wesley Dalcol Leite, Stiven Souza e Kevin William Kossar Furtado.

na época no curso de Jornalismo: o *Portal Comunitário*⁵, que atuava junto à sociedade civil de Ponta Grossa no acompanhamento das atividades nos bairros, entidades sociais e sindicatos.

A proposta do *Cultura Plural* consiste na manutenção de um site jornalístico⁶ voltado à área cultural, com ênfase nas ações de artistas e grupos populares de Ponta Grossa e região dos Campos Gerais do Paraná. Desde o início do projeto, partiu-se da compreensão de que a ação extensionista:

[...] visa dar visibilidade às ações culturais populares e ao patrimônio cultural, histórico, imaterial e natural de Ponta Grossa e região dos Campos Gerais do Paraná. [...] O portal busca fazer o registro das atividades dos grupos culturais atuantes na região, de modo a criar uma memória viva da cultura nos Campos Gerais. (*CULTURA PLURAL*, 2013, p. 5)

Ao longo de sua trajetória, o projeto consolidou o site jornalístico e agregou outras iniciativas propostas pela equipe, em sintonia com o fortalecimento da relação com a comunidade local e com o princípio de experimentação jornalística, em especial no que se refere ao jornalismo multimídia e ao uso das mídias sociais. Nesse sentido, produções em áudio e em vídeo, coberturas específi-

⁵ O projeto *Portal Comunitário* foi criado pela professora Maria Lúcia Becker em 2008 e se manteve em atividade até 2017. De acordo com Woitowicz e Becker (2013), o *Portal Comunitário* se apresentava como um portal de notícias produzido a partir de uma proposta interdisciplinar que articulava ensino (por meio da integração entre as disciplinas de Comunicação Comunitária, Webjornalismo e Telejornalismo) e extensão. “Fazem parte do projeto 58 entidades (associações de moradores, sindicatos, movimentos sociais, organizações não governamentais e outros grupos e setores da sociedade civil), que participam oferecendo pautas e informações para a produção de notícias. O projeto se fundamenta nos conceitos de comunicação comunitária e do webjornalismo, prezando a inclusão dos cidadãos na produção da informação e uma crescente inserção dos estudantes nas comunidades” (WOITOWICZ, BECKER, 2013, p. 126). Diante de uma produção jornalística que valorizava o local e tematizava a realidade dos bairros, sindicatos, movimentos sociais e entidades de Ponta Grossa, observou-se uma demanda de produção cultural que motivou a criação do *Cultura Plural*.

⁶ O site permaneceu de 2011 a 2017 no endereço <https://www.culturaplural.com.br>. A mudança para o domínio da UEPG foi viabilizada pelo acadêmico Lucas Cabral, sob orientação da professora Maria Lúcia Becker e teve como propósito reduzir custos de manutenção e possibilitar maior autonomia na gestão do portal. Assim, desde 2018, o *Cultura Plural* está disponível no endereço <https://culturaplural.sites.uepg.br/>.

cas nas redes sociais, programa de entrevistas ao vivo, entre outras ações, acompanharam o desenvolvimento do projeto. Também é importante mencionar a proposição de iniciativas na área cultural, seja no que se refere ao apoio a grupos culturais ou à realização de eventos em parceria com artistas locais, que conferem uma maior aproximação do projeto com o cenário cultural da cidade.

No marco dos 35 anos do curso de Jornalismo da UEPG, enfocar a trajetória do *Cultura Plural* é um modo de contar parte da história do curso, construída a partir do envolvimento de estudantes, professoras e professores⁷. Desde 2011, mais de uma centena de estudantes participaram do projeto, registrando uma média superior a 20 estudantes ao ano.

Com o propósito de valorizar as percepções de estudantes que atuaram e atuam no *Cultura Plural* desde o início das atividades até 2020, elaborou-se um questionário on-line⁸ que procurou abordar os seguintes aspectos: a) identificação (período em que cursou Jornalismo, período em que atuou no projeto, atividades e funções desenvolvidas, atuação como bolsista ou voluntário); b) contribuições do *Cultura Plural* para a sua formação; c) problemas e dificuldades encontradas no desenvolvimento das atividades de extensão; d) experiências que marcaram sua atuação no projeto; e) conhecimentos agregados àqueles assimilados das disciplinas do Curso.

Foram obtidas 28 respostas abertas, que foram sistematizadas em seus aspectos centrais para constituírem a base do presente texto. Todas as turmas, de 2011 a 2020, estão representadas nas respostas, o que torna os dados representativos das percepções acerca da participação no projeto ao longo do período⁹.

⁷ Desde o início das atividades extensionistas, o projeto foi coordenado pela professora Karina Janz Weitowicz e contou com a participação dos professores Rafael Schoenherr e Sérgio Luiz Gadini. Somaram-se à equipe a professora Marcia Boroski (2014-2015), o professor Kevin Kossar Furtado (2015-2017 e 2019 até o momento), a professora Aline Louize Deliberali Rosso (2016-2018), o professor Pedro Aguiar (2018) e o professor Ivan Bomfim (desde 2018). O professor Ivan Bomfim também assumiu a coordenação do projeto entre o final de 2018 e o início de 2019.

⁸ O questionário ficou disponível na plataforma do *Google Docs* no período de 22 de novembro a 12 de dezembro de 2020 e foi divulgado por e-mail e pelo Facebook.

⁹ Foram três respostas da turma de 2011, quatro de 2012, duas de 2013, duas de 2014, duas de 2015, cinco de 2016, uma de 2017, uma de 2018, duas de 2019 e seis de 2020.

É interessante observar que, entre as (os) respondentes, sete participaram do *Cultura Plural* durante os quatro anos da graduação e outros sete durante três anos, o que revela a permanência de estudantes ao longo do processo de formação. Há, ainda, um estudante com participação mesmo após a conclusão do curso e o ingresso no mestrado em Jornalismo da UEPG. E, como seis estudantes começaram a participar do projeto em 2020, o número de respondentes que integrou a equipe do *Cultura Plural* apenas durante um ano (nove) torna-se pouco expressivo, conforme dados do questionário.

Entre as (os) participantes que responderam ao questionário, sete atuaram como bolsistas, por períodos distintos, o que repercute no desempenho de algumas funções diferentes do restante da equipe. Todas (os) atuaram como repórteres, na realização de pautas sobre cultura e eventos da cidade, com ênfase em coberturas especiais. A atuação como fotojornalista e como pauteira (o) também esteve presente em algumas respostas sobre os trabalhos realizados, seguida de produções em audiovisual e *podcasts*. A organização da feira do *Cultura Plural* e outros eventos culturais também foi destacada pelas (os) estudantes, assim como a realização de entrevistas ao vivo ou o apoio a esta atividade realizada em 2020. Edição, planejamento da reunião de pauta, reestruturação do site, gerenciamento de redes sociais, orientação à equipe, apresentação da feira cultural, produção de artes, postagem de conteúdos e apresentação de trabalhos sobre a extensão apareceram de forma pontual nas experiências relatadas no questionário.

Este conjunto de ações é ilustrativo da amplitude das atividades realizadas pela equipe extensionista, que passam a constituir parte do processo de formação profissional. Compreender como estudantes que integraram o projeto ou se dedicam atualmente às atividades extensionistas percebem os impactos dessa experiência na forma de ver e fazer jornalismo constitui um modo de remontar a memória do *Cultura Plural*, tarefa que tentaremos fazer nos limites do presente texto.

Experiências que marcaram a trajetória do projeto

O *Cultura Plural* se propõe a produzir conteúdos relacionados ao campo cultural, explorando diversos formatos jornalísticos, tais como notícias, notas, reportagens, perfis, além de produções em foto, áudio e vídeo. As produções são realizadas por estudantes de Jornalismo, sob supervisão de docentes, desde a discussão de pautas até a publicação e divulgação das produções.

O projeto insere em sua pauta conteúdos que valorizam as tradições populares¹⁰, os hibridismos e as práticas de artistas e grupos culturais:

O site mantém diversas categorias de conteúdo que configuram sua abrangência temática para além das sete artes que tradicionalmente ocupam os veículos especializados em cultura. Editorias como grupos culturais, festas populares, políticas públicas, patrimônio cultural, cultura popular, grupo étnico, religiosidade, entre outras, figuram ao lado de registros de música, teatro, literatura, dança e artes plásticas. (WOITOWICZ, 2017, p. 6)

Os temas circulam em torno das várias áreas da cultura e buscam enfatizar aspectos da cultura popular, além de promover debates em torno de políticas culturais. Apenas para ilustrar a orientação editorial do site, a partir de levantamentos que resultaram em trabalhos acadêmicos, destacam-se entre as temáticas trabalhadas pela equipe pautas relacionadas ao patrimônio¹¹ (WOITOWICZ, 2017), à cultura popular, com ênfase em festas populares¹² (BOM-

¹⁰ As reflexões sobre jornalismo e cultura que sustentam a prática da extensão dialogam com a perspectiva desenvolvida no grupo de *pesquisa Jornalismo Cultural e Folkcomunicação*, criado em 2010 no curso de Jornalismo da UEPG, cadastrado no diretório do CNPq: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupos/38699>.

¹¹ Conforme Woitowicz (2017, p. 9), no período de 2011 a 2016, foram realizadas 31 produções sobre a temática do patrimônio. “No total de ocorrências do site em todas as categorias, constam 24 reportagens sobre grupos étnicos, 24 sobre outros grupos culturais, 53 sobre políticas públicas, 21 sobre gastronomia, 26 sobre festas populares, 32 sobre cultura popular e 57 sobre religiosidade. Muitas destas produções discutem tradições, representações identitárias, significado simbólico de um determinado lugar, hábito ou expressão cultural”.

¹² A cobertura especial do Carnaval em 2019, compreendendo as cidades de Ponta Grossa e Tibagi (PR) foi analisada por Bonfim et al. (2020), que abordaram novos formatos de produção jornalísticas nas redes sociais.

FIM et al., 2020) e religiosidade¹³ (WOITOWICZ, FURTADO, 2016), além de políticas públicas¹⁴ (WOITOWICZ; VALENGA; GADINI, 2019).

A aproximação com grupos culturais se dá pelo acompanhamento das atividades promovidas na cidade, principalmente aquelas que se situam à margem das iniciativas empreendidas pelo poder público ou pela iniciativa privada. Conforme observado por Gastaldon e Woitowicz (2020), foram publicadas 48 reportagens no site *Cultura Plural*, entre 2018 e 2019, que retratam manifestações culturais de caráter independente ou comunitário, promovidas por 28 grupos e coletivos culturais de Ponta Grossa. Além disso, foram pautados 52 conteúdos com vínculos sociais e políticos no período de 2018 a 2020 (ORLOWSKI; FERREIRA; WOITOWICZ, 2020), ampliando assim a pauta da cultura no site.

Vale destacar a realização de coberturas especiais dos principais eventos culturais da cidade (Festival Universitário da Canção – FUC, Festival Nacional de Teatro – Fenata, Festival Literário dos Campos Gerais – Flicampos, Feira do Livro, Festival de Teatro e Circo, Carnaval, Festival Nacional de Contadores de Histórias e Conferência Municipal de Cultura), que resultaram em produções multimídia e coberturas específicas para as redes sociais, com publicações em tempo real e experimentação de linguagens e formatos. Entre as respostas ao questionário sobre as experiências que marcaram a participação no *Cultura Plural*, a cobertura de eventos foi a mais mencionada por estudantes que atuaram no projeto, somando 18 registros. O Fenata foi o evento mais destacado, seguido do FUC, do Carnaval, da Flicampos e da Conferência Municipal de Cultura. Os relatos a seguir evidenciam experiências distintas resultantes da prática do jornalismo cultural:

¹³ Em pesquisa sobre o tema da religiosidade no *Cultura Plural* realizada por Woitowicz e Furtado (2016), a categoria religiosidade teve 57 publicações no período de 2011 a 2016.

¹⁴ A pesquisa de Woitowicz; Valenga e Gadini (2019) considerou a publicação de 56 conteúdos jornalísticos produzidos entre agosto de 2011 e o junho de 2017 no *Cultura Plural* referentes a políticas culturais. As fontes, as temáticas (com maior destaque para a cobertura das conferências municipais de cultura) e os setores culturais representados fizeram parte da análise.

Especialmente uma entrevista que fiz com Cristóvão Tezza em 2013, a quente e de improviso, na saída de um evento no auditório da reitoria da UEPG. Na época, eu tinha acabado de ler “O filho eterno”, livro que ele discutiu no evento. Também me marcaram as coberturas de eventos como FUC e Fenata. (PARTICIPANTE 23)

Em 2014, no meu último ano de curso, tive a oportunidade de fazer parte do projeto responsável pela produção da cobertura televisiva especial do FUC para a TV Educativa. A confiança que me foi dada para coordenar a produção junto com outros colegas, a sinergia da equipe em produzir materiais complementares e a experiência de estar em um estúdio de TV e gravar um programa fora do âmbito universitário e com o auxílio de profissionais já atuantes no mercado, me fizeram ter a certeza de que era aquilo mesmo que eu queria ter como profissão. (PARTICIPANTE 7)

A cobertura de peças teatrais, shows e festivais, em especial no Cine-Teatro Ópera me marcaram bastante. Além disso, os eventos anuais realizados pelo CP, a cobertura da Flicampos, onde tive o prazer de conhecer e entrevistar Pedro Bandeira. (PARTICIPANTE 11)

A cobertura do Carnaval em 2019 com vários colegas da minha turma e também dos calouros daquele ano. Conseguimos fazer matérias durante todos os dias do Carnaval, além de viajar para cobrir o carnaval de Tibagi. Essa cobertura nos rendeu publicações e permitiu que viajássemos para Porto Alegre apresentar artigos sobre, o que foi muito significativo para mim. (PARTICIPANTE 26)

Além dos registros acerca de eventos que receberam cobertura especial pelo projeto, experiências referentes às primeiras pautas realizadas por participantes do *Cultura Plural* foram lembradas no questionário pelo menos em três momentos. O contato com aspectos variados da cultura em Ponta Grossa, bem como com pessoas ligadas ao meio cultural, também marcou os relatos:

Participar de quase todas as edições do Sexta às Seis, participar da Páscoa judaica que foi algo totalmente novo para mim e passar a sentir maior interesse por prédios históricos e museus por frequentar esses espaços. (PARTICIPANTE 4)

Outro destaque das respostas ao questionário refere-se às feiras e ações culturais promovidas pelo projeto que foram mencionadas

por doze participantes. Para fortalecer sua atuação junto aos grupos e artistas locais, o *Cultura Plural* organiza ações culturais voltadas ao público de Ponta Grossa, tais como feiras, mostras de documentários e apoio a iniciativas de coletivos e entidades. Desde 2012, a equipe é responsável pela organização anual da *Feira Cultura Plural*¹⁵, realizada em diferentes espaços públicos da cidade, com a participação de artistas e grupos de diferentes áreas. A organização dos eventos ocorre de maneira coletiva, com a participação efetiva da equipe extensionista e dos próprios artistas. O trabalho jornalístico desenvolvido pelos estudantes passa pelo planejamento, preparo da infraestrutura, montagem, desmontagem e ocupação do espaço público, relacionamento direto com os artistas locais, construção de estratégias de divulgação da ação cultural, agendamento via produção jornalística e registros das manifestações culturais.

O relato que segue é ilustrativo do aprendizado em torno da realização da feira, que ultrapassa a prática cotidiana do jornalismo e contempla também as contribuições da extensão no campo da cultura:

Acredito que ajudar no desenvolvimento e planejamento da primeira edição da Feira *Cultura Plural* foi de grande valor na minha formação. Não só pelos desafios da profissão (definir line-up, escalar equipes para cobertura do evento e dos convidados, apresentação ao vivo e técnicas de improviso etc.), mas por permitir desenvolver habilidades que não são ensinadas em disciplinas, como senso de pertencimento, trabalho em equipe e integração entre colegas. Fazer parte de um projeto, em espaço público, que dá voz a tantos artistas locais e democratiza o acesso à cultura me faz ter orgulho enorme dessa iniciativa do *Cultura Plural*. (PARTICIPANTE 7)

Pelas respostas, nota-se também que a ampliação do conhecimento sobre a cultura local é um dos aspectos que marca a experiência no projeto, referenciada por quatro participantes. O contato com lugares e pessoas ligados à cena cultural da cidade acompanha as dinâmicas de formação profissional:

¹⁵ A primeira edição da *Feira Cultura Plural* foi realizada na comemoração de um ano de existência do projeto. Em 2019 foi realizada a oitava edição da feira.

O projeto, além de promover aos estudantes as práticas jornalísticas, estimula a participação em eventos culturais e o contato com fontes recorrentes do meio. Há a inserção do estudante no meio cultural da cidade e o crescimento como cidadão preocupado com essa área tão relevante. Eu já me interessava por esses eventos antes de entrar no curso e o projeto foi um incentivo para que eu me inteirasse cada vez mais desse meio. Mesmo depois que saí do projeto, continuei frequentando esses espaços culturais. (PARTICIPANTE 3)

Outras iniciativas realizadas pela equipe ao longo da trajetória do *Cultura Plural* apareceram nas memórias dos participantes, como a produção de um programa especial do Festival Universitário da Canção em parceria com a TV Educativa de Ponta Grossa, com transmissão pela emissora; de um programa do *Cultura Plural* na TV Comunitária de Ponta Grossa; e do *podcast Conserva Cultural*¹⁶, com periodicidade semanal. Além dessas atividades, realizadas nos primeiros anos do projeto, destaca-se a referência aos programas de entrevistas ao vivo que ocorreram em 2020 em meio ao trabalho do projeto no contexto da pandemia do coronavírus, mencionados por três estudantes. As entrevistas com artistas, gestores públicos e pesquisadores da área cultural foram planejadas e executadas de forma coletiva pela equipe de extensão, assim como o programa especial de eleições, com entrevistas com candidatas(os) à Prefeitura de Ponta Grossa sobre cultura¹⁷. Também as premiações recebidas pelo projeto no *Prêmio Sangue Novo no Jornalismo Paranaense* foram lembradas pela equipe¹⁸.

¹⁶ O podcast era produzido por estudantes do segundo ano do curso de Jornalismo da UEPG, sob a coordenação do professor Rafael Schoenherr, de 2012 a 2014, e do professor Kevin Willian Kossar Furtado em 2015. Foram produzidas 90 edições do programa.

¹⁷ As entrevistas foram transmitidas simultaneamente no Instagram e no Facebook do *Cultura Plural*. Os arquivos estão disponíveis em: <https://www.instagram.com/culturaplural/channel/>.

¹⁸ O projeto recebeu quatro vezes o *Prêmio Sangue Novo no Jornalismo Paranaense*, concedido anualmente pelo Sindicato dos Jornalistas do Paraná. Na 18ª edição do prêmio (2014), o *Cultura Plural* recebeu o 1º lugar na categoria Produto jornalístico para web; na 19ª edição (2015) ficou com o 2º lugar na mesma categoria; na 20ª edição (2016) conquistou o 1º lugar, também na categoria Produção jornalística para web e, na 23ª edição (2019), foi premiado com o 3º lugar na categoria Portal de notícias.

Buscando entender problemas e dificuldades

Um dos objetivos desta reflexão sobre o *Cultura Plural* foi entender também quais as principais dificuldades relacionadas à participação no projeto por parte de antigos e atuais colaboradores, o que foi objetivado a partir da pergunta *Quais problemas ou dificuldades você encontrou no desenvolvimento das atividades de extensão?* Tal questão é fundamental, tendo em perspectiva que o engajamento dos estudantes se reflete na conformação da cobertura jornalística dos acontecimentos culturais em Ponta Grossa e na região dos Campos Gerais. Ademais, constitui-se como um importante diagnóstico, servindo assim de balizador para que o projeto possa ser aperfeiçoado.

Entre os respondentes, a maior fonte de problemas em relação à atuação no *Cultura Plural* se deu pela dificuldade de coordenação entre as atividades extensionistas e as demandas das disciplinas – de 28 respostas, seis indicaram diretamente esta relação. A percepção de problemas relacionados à rotina de obrigações acadêmicas traz em seu bojo duas principais considerações: por um lado, a de que o curso de Jornalismo possui um número muito alto de demandas; por outro, que o estudante, individualmente, não conseguiu estruturar uma rotina que concatenasse todas as obrigações. Todavia, apesar da problemática mais diretamente exposta, é importante observar que ela também aparece entremeada a outras considerações:

O que atrapalhava era, muitas vezes, a rotina do curso nem tanto do projeto. Algumas vezes as coberturas acabavam por bater com horários de estudos ou de produção de outros conteúdos para outros veículos do curso. (PARTICIPANTE 13)

Certos momentos do curso exigiam muita dedicação às disciplinas e dificultavam a participação efetiva nos projetos. Além disso, sempre tentei participar de vários projetos e atividades, o que pode e deve ter atrapalhado também o meu desempenho direcionado. (PARTICIPANTE 2)

Além da percepção de que o volume de atividades do curso constitui um dificultador, outro elemento destacado na sondagem

com participantes e ex-participantes do *Cultura Plural* é relativo às condições estruturais para a realização das atividades. Desta feita, as dificuldades financeiras enfrentadas pelas instituições de ensino públicas são significativamente sentidas pelos estudantes. A principal queixa é relacionada à defasagem ou mesmo inexistência de equipamentos, elemento fundamental para a realização das atividades envolvidas na cobertura cultural (tanto processos de produção quanto de edição e publicação do conteúdo). É essencial destacar que foram verificadas também opiniões que traduzem angústia em relação à questão do deslocamento (transporte) aos locais nos quais acontecem eventos culturais.

A referida situação se apresenta como um complicador do processo de aprendizagem. Como observa Fidalgo (2008), o saber jornalístico deve ser entendido como “técnico-intelectual”, no qual teoria e prática se apresentam igualmente importantes, tendo em vista que congregam “valores e orientações morais” substanciados pelos processos de interação interpessoal. Ademais, implicam na realização de “operações sócio-cognitivas de recontextualização profissional do conhecimento” (FIDALGO, 2008, p. 14) e na constituição de autonomia profissional por meio de processos reflexivos, implicando no desenvolvimento de capacidades necessárias à atuação como profissional da notícia.

Estas necessidades são percebidas pelos estudantes, que reconhecem o impacto da prática em sua formação. No geral, os respondentes que citam a questão da “estrutura” apresentaram respostas mais curtas, identificando o problema de forma muito objetiva. Algumas das respostas:

Disponibilidade de equipamento do curso. (PARTICIPANTE 21)

Estrutura física, como computadores lentos e poucas câmeras. (PARTICIPANTE 23)

O que mais dificultava nas atividades do CP eram os equipamentos (ou falta deles), tanto para produção como edição. (PARTICIPANTE 7)

Um grupo de atuais e antigos integrantes do *Cultura Plural* forneceu respostas que podemos delinear, de maneira ampla,

como concernentes a “questões pessoais”. Nestas respostas, o que mais se destaca são dificuldades relacionadas a características próprias dos extensionistas: alguns indicam que superar sentimentos como timidez e ansiedade constituiu-se na parte mais difícil de estar no projeto. Outros respondentes indicam situações mais práticas, mas que podem também ser entendidas na perspectiva ora analisada, tais como problemas em relação à organização pessoal e autopercepção de inexperiência – o que, certamente, é um causador de ansiedade.

A dimensão individual trazida por alguns respondentes reforça, por sua vez, a própria importância do desenvolvimento do conhecimento teórico-prático demandado pela profissão jornalística. Ao imergir na atividade noticiosa – e, em específico, na cobertura jornalística cultural e suas idiossincrasias – os discentes podem se deixar afetar pelo processo praxiológico, atingindo concepções subjetivas da compreensão de si mesmo e da realidade. Como sustenta Medina (2006), o processo pedagógico necessita que o discente esteja integrado a um cenário no qual possa coordenar distintos saberes e conhecimentos e possua possibilidade de agência, de modo a experimentar e experienciar. Neste encadeamento, a aproximação pessoal (entre docente-discente e participantes) proporcionada pela extensão universitária também assinala possibilidades de ensino. Determinadas argumentações dão a ver essas concepções, como as trazidas a seguir:

No início senti dificuldade por não ter noção de que forma deveria escrever os textos ou como ter uma atitude participativa dentro do projeto. Porém, isso se tratava apenas de um processo de adaptação e com o passar do tempo me senti mais confortável, tanto para escrever os textos, quanto para acompanhar eventos, contatar fontes, me indicar para pautas etc. (PARTICIPANTE 27)

Um momento que tive certa dificuldade foi quando uma das fontes contatadas para o texto pediu uma correção na matéria, mas isto logo foi resolvido com a ajuda da professora Karina! (PARTICIPANTE 14)

Destacamos um último conjunto de adversidades trazido na sondagem com ex e atuais extensionistas, que definimos como

“conjunturais”. Estas fazem referência a circunstâncias que extrapolam o contexto do projeto, mas que acabam sendo determinantes para sua realização. Foram poucas as respostas que trouxeram este horizonte, com duas situações sendo explicitadas: a) as consequências da pandemia de COVID-19 em 2020; e b) a suposta falta de eventos culturais na região dos Campos Gerais. Em relação à primeira, o grande dificultador foi identificado na constituição da dinâmica do trabalho on-line e da escassez de eventos culturais ao longo da emergência sanitária. No caso da segunda, apenas um respondente indicou tal situação.

Conhecimentos agregados às disciplinas do curso de Jornalismo

Os conhecimentos adicionados, a partir da participação dos estudantes no *Cultura Plural*, àqueles assimilados nas disciplinas do curso de Jornalismo da UEPG podem ser indicados em 16 tópicos: ética; desenvolvimento de técnicas jornalísticas (escrita, edição de texto, áudio e vídeo, reportagens, fotojornalismo); contato com fontes; experiência de transmissão ao vivo na web; prática da pesquisa jornalística; técnicas de apuração; técnicas de entrevista; conhecimento sobre políticas públicas; multimídia; planejamento de produção; elaboração de pautas; cobertura de eventos; jornalismo cultural; produção de artigos científicos; conhecimento do cenário cultural; e liberdade e criatividade.

Observa-se, a partir das respostas, a aquisição de conhecimentos complementares, e não inéditos, aos da sala de aula, seja – como se verá adiante – através da citação explícita de uma ou mais disciplinas, ou de práticas e técnicas jornalísticas que, se olharmos o ementário do curso de Jornalismo da UEPG, poderiam ser facilmente identificadas. Em um segundo grupo de respostas, identificamos conhecimentos relacionados com a visão de realidade e de contexto (s) que circunda(m) a prática jornalística, adquiridas pelo fazer, pela vivência jornalística propiciada na participação no *Cultura Plural*.

A síntese da compreensão de que a atuação no projeto complementa ao assimilado em sala de aula se expressa na resposta de uma participante – única a apontar um *valor jornalístico*, “valores como a ética, o desenvolvimento na prática do que vemos na teoria” (PARTICIPANTE 16) e de uma voluntária, para qual, o *Cultura Plural* oportunizou, “em linhas gerais, o conhecimento prático dos aprendizados teóricos” (PARTICIPANTE 10).

Vinte estudantes destacaram o desenvolvimento de técnicas jornalísticas, como escrita, edição de texto, áudio e vídeo, reportagens e fotografia, em suas experiências no projeto. Em virtude da pandemia do novo coronavírus, as disciplinas práticas anuais do curso de Jornalismo da UEPG, interrompidas em um mês de ano letivo, retornaram, na forma de ensino remoto, somente próximo ao fim do primeiro semestre, numa modalidade de trabalho integrado com outras disciplinas práticas. Três estudantes indicaram que o projeto serviu como espaço de ensino/aprendizagem para produções textuais em um momento em que as disciplinas práticas estavam prejudicadas pelo contexto pandêmico. “[Em 2020], ficamos um grande período sem ter aulas [práticas]. Assim, o *Cultura Plural* foi o lugar onde aprendi como estruturar melhor as informações a partir das correções [dos professores]” (PARTICIPANTE 28). Uma estudante diz que aprendeu “a elaborar os textos [...] na marra mesmo [visto] que as práticas estavam suspensas durante boa parte do ano letivo” (PARTICIPANTE 5). Outra, mesmo antes das aulas práticas iniciarem na modalidade remota, conseguiu “colocar as dicas e ensinamentos das aulas teóricas no texto para o *Cultura*, o que me fazia visualizar melhor as orientações dos professores para a redação jornalística” (PARTICIPANTE 14).

Em outros apontamentos sobre o desenvolvimento oportunizado de textos jornalísticos, os estudantes atestam: que disciplinas práticas, como *Produção e Edição de Textos Jornalísticos II e III*, “abordavam outros meios de se produzir um texto jornalístico e quis explorar isso ao máximo em algumas situações” do *Cultura Plural* (PARTICIPANTE 13); “a escrita de perfis e reportagens frias ocorreu primeiro e com frequência/intensidade maior no *Cultura* do que nas disciplinas de texto” (PARTICIPANTE 2);

que aprenderam e praticaram muito a escrita/redação jornalística (PARTICIPANTE 1; PARTICIPANTE 9); que melhor compreenderam a estrutura um texto jornalístico (PARTICIPANTE 27); aprenderam a redigir um texto (PARTICIPANTE 3), a produzir reportagens (PARTICIPANTE 8; PARTICIPANTE 17) – para diferentes plataformas (PARTICIPANTE 25) e em formato audiovisual (PARTICIPANTE 21), estruturar, editar e revisar um texto (PARTICIPANTE 12; PARTICIPANTE 18; PARTICIPANTE 24), e escrever de forma criativa (PARTICIPANTE 12), até “mesclando informação e literatura” (PARTICIPANTE 22), podendo fazê-lo de forma “mais livre de acordo com cada pauta, sem ficar preso ao factual” (PARTICIPANTE 15); melhorando a redação jornalística (PARTICIPANTE 6).

O conhecimento para edições estruturais em textos, edição de áudio e vídeo (PARTICIPANTE 15; PARTICIPANTE 17), o aprendizado de métodos de apuração (PARTICIPANTE 24), a apuração de perfis (PARTICIPANTE 8), o trabalho com fotojornalismo (PARTICIPANTE 3; PARTICIPANTE 6; PARTICIPANTE 12; PARTICIPANTE 17), e a possibilidade de exercitá-lo com liberdade (PARTICIPANTE 9), são outras técnicas desenvolvidas e indicadas nos relatos dos participantes do projeto.

Experimentação, liberdade e criatividade, e contato imediato – sempre em colaboração com estudantes mais experientes e com o auxílio de professores – com a prática jornalística e integração com disciplinas do curso também são destacados como referenciais:

O *Cultura Plural* sempre foi um espaço para experimentar coisas mais malucas na construção de textos sem a pressão da avaliação por nota. Aprendi a escrever de forma mais natural e encontrei uma voz narrativa menos monótona que aquela que era exigida nas disciplinas do curso. (PARTICIPANTE 23)

Desde o primeiro período de curso, já pude sair à campo para produzir matérias para o site – o que fez com que o *Cultura Plural* fosse o melhor laboratório que encontrei no curso de Jornalismo para explorar as técnicas passadas na sala de aula. Ainda que com a inexperiência de um calouro, a divisão mista das equipes de produção com os colegas veteranos, fez com que houvesse um desenvolvimento coletivos de todos os participantes do *Cultura*

Plural. Produções em paralelo com as disciplinas também foram uma ótima oportunidade para aprimorar o material produzido, garantindo uma orientação direcionada pelos professores das disciplinas e coordenadores do CP, qualidade para o projeto e comprometimento integrado com o curso. (PARTICIPANTE 7)

Somam-se aos conhecimentos agregados aos das disciplinas do curso de Jornalismo da UEPG: o contato com as fontes (PARTICIPANTE 28) e o público (PARTICIPANTE 21); a experiência de transmissão ao vivo na web que, na concepção de uma estudante, lhe auxiliará no cursas das disciplinas de audiovisual (PARTICIPANTE 1); a prática de pesquisa jornalística para abordar entrevistados (PARTICIPANTE 28); métodos/técnicas de apuração (PARTICIPANTE 3; PARTICIPANTE 26), vindos de conhecimentos adquiridos em disciplinas, como *Métodos de Apuração Jornalística e Produção e Edição de Textos Jornalísticos I*, “sobre como apurar, a entrevistar, a estruturar melhor o texto” (PARTICIPANTE 4), a consciência da necessidade da organização de uma agenda de contatos, “pois você sempre irá recorrer a ela” (PARTICIPANTE 5).

Sete estudantes indicaram técnicas de entrevista (PARTICIPANTE 3; PARTICIPANTE 25) como um conhecimento agregado: a compreensão da forma de formular perguntas às fontes (PARTICIPANTE 27), na construção de entrevista (PARTICIPANTE 21), na prática de técnicas de entrevista (PARTICIPANTE 9; PARTICIPANTE 18), e na aquisição de conhecimentos de como planejar e executar entrevistas (PARTICIPANTE 15); duas, o conhecimento sobre políticas públicas: sua relevância para a cultura (PARTICIPANTE 20) e sobre o funcionamento de conselhos de políticas públicas (PARTICIPANTE 26); e uma a multimídiaalidade, “muitas vezes aprendido antes no CP do que nas disciplinas” (PARTICIPANTE 20).

O planejamento de produção ganhou destaque na fala de um ex-bolsista do projeto:

A disciplina de Planejamento Estratégico de Mídia foi fundamental no último ano de graduação para pensar o CP como gestor.

Elaborar um conceito de planejamento para garantir a publicação e produção de conteúdo com uma periodicidade à risca foi muito desafiador. Por fim, o trabalho como mediador para conseguir fontes, pautas e conteúdo para os novos repórteres [...] mostrou outra área do jornalismo: produção. (PARTICIPANTE 13)

A elaboração de pautas, seu entendimento (PARTICIPANTE 21) e percepção (PARTICIPANTE 18), a organização e cobertura de eventos culturais (PARTICIPANTE 8; PARTICIPANTE 17) – em parceria com outros projetos de extensão do curso de Jornalismo da UEPG, como o *Lente Quente*¹⁹, o conhecimento do jornalismo cultural e a produção de artigos científicos (PARTICIPANTE 17) fecham o grupo de aquisição de conhecimentos complementares obtidos às disciplinas do curso de Jornalismo da UEPG, corroborados, ainda, pelo relato de duas estudantes: “essas práticas foram essenciais para eu compreender a profissão e o curso” (PARTICIPANTE 3); “nas disciplinas de redação jornalística a prática do CP me auxiliou na realização dos conteúdos, bem como em disciplinas mais relacionadas a questões culturais” (PARTICIPANTE 11).

As vivências jornalísticas que transcendem a sala de aula, oportunas para a formação ampliada do jornalista, também são destacadas por participantes do *Cultura Plural*, no conhecimento ensejado da cena cultural objeto de cobertura do projeto, a região dos Campos Gerais do Paraná. Para alguns estudantes, o *Cultura Plural* valoriza o cenário cultural regional (PARTICIPANTE 20), faz com que conheçam segmentos da cultura antes desconhecidos, como o teatro (PARTICIPANTE 19), e treina o olhar para a cobertura jornalística de atividades culturais (PARTICIPANTE 2).

¹⁹ O projeto *Lente Quente*, criado em 2010 no curso de Jornalismo da UEPG pelo professor Rafael Schoenherr, consiste em um boletim informativo digital diário com fotolegendas voltado a temáticas da cultura. A produção está disponível no Flickr: <https://www.flickr.com/photos/lentequente>.

Considerações finais

Pode-se dizer que entre os principais papéis da extensão universitária estão o envolvimento com a comunidade, o conhecimento acerca do universo em que se situa a ação promovida pela universidade e o aprimoramento da formação profissional. Em alguma medida, as percepções de estudantes que participaram ou participam do *Cultura Plural* e colaboraram com o questionário que constitui a base deste texto vão ao encontro desses aspectos ao evidenciarem o contato com a cultura local, as descobertas acerca da profissão e as experiências jornalísticas oportunizadas por meio do projeto.

Fazer extensão constitui-se como uma contribuição e um desafio da universidade pública. Conforme destacado pelos estudantes, entre as dificuldades enfrentadas, a conciliação com as demandas da formação profissional e as condições estruturais muitas vezes precárias constituem limitadores para o desenvolvimento de diversas atividades. Ao mesmo tempo, os aprendizados que se somam ao processo de formação acadêmica e a oportunidade de inserção no cenário da cultura se mostram também como experiências acumuladas para o campo profissional. Assim, refletir sobre a prática da extensão, a partir da visão de quem se envolve cotidianamente com as ações do projeto, constitui um caminho importante para entender a trajetória do *Cultura Plural* e aprimorar as dinâmicas de formação para uma efetiva articulação com as demandas sociais e profissionais em curso.

Referências

BOMFIM, Ivan et al. O Carnaval em Ponta Grossa e a cobertura jornalística do *Cultura Plural*: os desafios do jornalismo cultural nos Campos Gerais. **Cadernos de Comunicação**, Santa Maria, v. 24, n. 1, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/ccomunicacao/article/view/38901>. Acesso em: 26 dez. 2020.

CULTURA PLURAL. **Guia de redação *Cultura Plural***. Ponta Grossa, 2013.

FIDALGO, Joaquim. Jornalismo e saberes profissionais. IN: COLÓQUIO BRASIL-POR-TUGAL DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 1., 2008, Natal. **Anais...** Natal: Intercom, 2008. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0452-1.pdf>. Acesso em: 8 dez. 2020.

GASTALDON, Matheus Henrique Rocha; WOITOWICZ, Karina Janz. Diversidade cultural em pauta: a presença de grupos culturais na cobertura jornalística do site Cultura Plural. In: CONGRESO DE LA ASOCIACIÓN LATINOAMERICANA DE INVESTIGADORES DE LA COMUNICACIÓN, 15., 2020, São Paulo. **Anais...** São Paulo: ALAIC, 2020.

MEDINA, Cremilda. **O signo da relação**: comunicação e pedagogia dos afetos. São Paulo: Paulus, 2006.

ORLOWSKI, Yasmin; FERREIRA, Manuela Roque; WOITOWICZ, Karina Janz. O jornalismo na cobertura de movimentos sociais: interfaces entre cultura e lutas políticas no site Cultura Plural (2018-2020). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 43., 2020. São Paulo. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2020. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/sis/eventos/2020/resumos/R15-2024-1.pdf>. Acesso em: 26 dez. 2020.

WOITOWICZ, Karina Janz. Contribuições da folkcomunicação para o jornalismo cultural: conteúdos jornalísticos sobre patrimônio no site Cultura Plural. In: CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE FOLKCOMUNICAÇÃO, 18., 2017, Recife. **Anais...** Recife: Rede Folkcom, 2017.

WOITOWICZ, Karina Janz; BECKER, Maria Lúcia. Jornalismo e cidadania: reflexões sobre a formação jornalística a partir da experiência do Portal Comunitário (Ponta Grossa/PR). **Conexão – Comunicação e Cultura**, Caxias do Sul, v. 12, n. 23, p. 123-139, jan./jun. 2013. Disponível em: <http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/view/2220>. Acesso em: 26 dez. 2020.

WOITOWICZ, Karina Janz; FURTADO, Kevin Willian Kossar. Manifestações religiosas na pauta jornalística: análise da cobertura sobre o tema no site Cultura Plural. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, Ponta Grossa, v. 14, n. 32, p. 149-168, maio/ago. 2016. Disponível em: <http://www.revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/2094>. Acesso em: 26 dez. 2020.

WOITOWICZ, Karina Janz; VALENGA, Renato Miranda; GADINI, Sérgio Luiz. Folkcomunicação e os desafios da cobertura jornalística em cultura: a pauta das políticas culturais no site Cultura Plural (2011-2017). In: NOBRE, Itamar de Moraes; LIMA, Maria Érica de Oliveira (Orgs.). **Cartografia da folkcomunicação**: o pensamento regional brasileiro e o itinerário da internacionalização. Campina Grande: EDUEPB, 2019. p. 317-336.



DIREITOS HUMANOS, EDUCAÇÃO E CIDADANIA:

A CONSTRUÇÃO DE ELOS NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL DE JORNALISTAS¹

Paula Melani Rocha¹
Graziela Soares Bianchi²
Karina Janz Woitowicz³
Márcia Daniela Valenga⁴

A origem: primeiros passos para a formação do projeto

“O país sempre foi conservador, mas tivemos uma onda progressista. Alguns grupos adquiriram direitos básicos, os conservadores não gostaram que outros tivessem acesso a esses direitos e agora vêm tentando voltar ao que era. E vêm com mais força, para manter aquilo que sempre foi.”
(Djamila Ribeiro, 17/05/2019)⁶

¹ Agradecemos a todas as alunas e alunos que integraram e integram o projeto (ensino médio, graduação e pós), à servidora Taís Maria Ferreira, professoras e professores de escolas parceiras, todo o trabalho exposto deve-se à dedicação, debates e trabalhos realizados junto com vocês. A extensão é uma ação colaborativa e horizontal. Registramos aqui o nosso obrigado.

² Professora Dra. do Curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Coordenadora do projeto de extensão Jornalismo, Direitos Humanos e Formação Cidadã e uma das coordenadoras do grupo de pesquisa Jornalismo e Gênero.

³ Professora Dra. do Curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Integrante do projeto de extensão Jornalismo, Direitos Humanos e Formação Cidadã e do grupo de pesquisa Jornalismo e Gênero.

⁴ Professora Dra. do Curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Integrante do projeto de extensão Jornalismo, Direitos Humanos e Formação Cidadã e uma das coordenadoras do grupo de pesquisa Jornalismo e Gênero.

⁵ Estudante do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa e integrante do projeto de extensão Jornalismo, Direitos Humanos e Formação Cidadã.

⁶ Entrevista: Djamila Ribeiro: a filósofa que se tornou uma das principais vozes no combate ao racismo. Disponível em <https://gauchazh.clicrbs.com.br/donna/gente/noticia/2019/05/djamila-ribeiro-a-filosofa-que-se-tornou-uma-das-principais-vozes-no-combate-ao-racismo-cjvr0ryt1050p01maqmr30y7.html>. Acesso 06 dez. 2020.

Durante os anos de 2015 e 2016, o Movimento Vem pra Rua e o Movimento Brasil Livre (MBL) organizaram manifestações sucessivas contra o governo da então presidenta Dilma Rousseff. A grande imprensa entusiasta cobria as manifestações com euforia, representada pelas emissoras de televisão, rádio, revistas e jornais (impressos e online) de circulação nacional e regional. Em 13 de março de 2016, a revista *Época* noticiou mais de 3,3 milhões de pessoas nas ruas de 250 cidades do país se manifestando contra o governo de Dilma Rousseff⁷. O jornal *O Estado de S. Paulo* estampou a manchete “Maior manifestação da história do País aumenta pressão por saída de Dilma”⁸. Na mesma linha seguiram *Veja*, *Uol*, *Gazeta do Povo*, emissoras *Globo*, *CBN*, *Folha de S. Paulo*, entre outros. A nota divulgada pelo Palácio do Planalto no final do mesmo dia foi: “A liberdade de manifestação é própria das democracias e por todos deve ser respeitada”⁹. O processo de impeachment já se articulava em Brasília também desde 2015 e se movimentava na casa legislativa com a participação do então vice-presidente Michel Temer. Ensaiaava-se o golpe encenado em 31 de agosto de 2016.

Em 2016, o curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa completava 31 anos, já na fase adulta. O Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPG Jor), embora novato, com três anos apenas, fortalecia os grupos de pesquisa que se solidificavam como pontes entre a graduação e a pós-graduação. O grupo de pesquisa Jornalismo e Gênero integrava a estrutura do Departamento de Jornalismo da UEPG (DeJor) com a proposição de ações investigativas e eventos transdisciplinares.

⁷ Publicado em 13 de março de 2016 pela revista *Época*. Disponível em <https://epoca.globo.com/tempo/noticia/2016/03/manifestacoes-de-13-de-marco-em-todo-o-brasil-acompanhe.html>

⁸ Publicada em 13 de março de 2016 pelo jornal *O Estado de S. Paulo*. Disponível em <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,manifestacoes-em-todos-os-estados-superam-as-de-marco-do-ano-passado,10000021047>

⁹ Publicado em 13 de março de 2016 pela revista *Época*. Disponível em <https://epoca.globo.com/tempo/noticia/2016/03/dilma-se-reune-com-assessores-para-medir-tamanho-de-onda-pro-impeachment.html>

Criado em 2010, com o selo do CNPq a partir de 2012¹⁰, o grupo foi um dos primeiros da área a desenvolver pesquisas intersectando estudos de gênero e jornalismo para compreender as representações da mídia, a cultura profissional, os processos de produção, as mídias alternativas e independentes, a imprensa feminista e a história da participação das mulheres na conformação do campo profissional. Ao longo da sua trajetória, o GP ampliou as investigações sobre o tema e passou a incorporar raça e classe como indissociáveis nos estudos de gênero. Os direitos humanos ganham espaço nos debates e participantes do grupo passaram a integrar pesquisas em rede. Novos pesquisadores e pesquisadoras ingressam e abrem frentes de ação.

Com o PPG Jor, o GP Jornalismo e Gênero tornou-se responsável pelas disciplinas Seminário Temático e Seminário Metodológico, revezando anualmente com os outros grupos de pesquisa mantidos pelo Curso. Em 2015, o conhecimento e as reflexões fomentados no GP contribuem para a formação da nova grade curricular da graduação em Jornalismo da UEPG, ao propor a inclusão de perspectivas de gênero, raça, classe e direitos humanos de forma transversal e disciplinar.

As discussões do grupo não se limitam aos muros da academia, os debates acompanham o próprio DNA do curso de Jornalismo e ganham as ruas em manifestações físicas e em rede pela garantia dos direitos humanos e em busca da equidade de gênero e o fim das desigualdades sociais. Outro braço com a comunidade é o Colóquio Mulher e Sociedade, um evento de extensão e científico criado em 2012 pelo GP que demarca o Dia Internacional da Mulher.¹¹

Foi nesse contexto, por um lado instigadas pelo conhecimento coletivo contínuo fomentado via pesquisas e debates no grupo e

¹⁰ O grupo foi criado pelas professoras Karina Janz Woitowicz e Paula Melani Rocha e cadastrado no Diretório de Pesquisa do CNPq em 2012. Disponível em <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/40743> Em 2014 a professora Graziela Bianchi ingressou no grupo.

¹¹ Em 2019 foi realizada a sexta edição do Colóquio Mulher e Sociedade, que atualmente possui periodicidade bianual. Em 2020, o grupo foi responsável pelo evento “Mulheres e direitos: enfrentamento de violências múltiplas”. Informações disponíveis em: <https://www.facebook.com/events/197047864854345/>

suas ações e trocas, embasadas no ativismo feminista e conscientes da ausência de um dos pilares para compor o tripé ensino, pesquisa e extensão que projetou-se pensar a elaboração de um projeto de extensão que trabalhasse jornalismo, direitos humanos e formação cidadã. Por outro lado, mas não menos influente no processo de decisão, era o diagnóstico incerto e tenebroso em âmbito nacional de uma onda conservadora que nos assombrava, o qual cresceu entre os anos de 2015 e 2016.

As motivações para a criação de um projeto de extensão - que surge a partir de reflexões realizadas no âmbito da pesquisa e de percepções sobre a realidade social e a necessidade de defesa de direitos - são expostas ao longo do presente texto. Trata-se de um relato que demarca o percurso e as ações desenvolvidas para o fortalecimento das relações entre jornalismo e direitos humanos ao longo da existência do projeto.

Elementos contextuais e o papel da extensão universitária

Os ataques contra as “minorias” e as bandeiras por igualdade de gênero e raça passou a nos incomodar de forma latente e a revelar impactos na nossa localidade. Passeatas, cartas de repúdio e outras ações de mobilização passaram a ser mais frequentes por parte de movimentos sociais. O ápice foi a aprovação em 22 de junho de 2015 pelos vereadores de Ponta Grossa da retirada de expressões relacionadas à "Educação de Gênero e Sexualidade", e do ensino de "Cidadania e Direitos Humanos LGBT" do Plano Municipal de Educação para o período 2015/2025. Ali percebemos que era preciso uma atuação conjunta do grupo de pesquisa Jornalismo e Gênero com a comunidade escolar na formação de cidadãos e cidadãs no enfrentamento da naturalização das opressões contra diversidades de gênero, raça e classe. Os preconceitos e as violações de gêneros e também raça cresciam e atropelavam iniciativas de combate às desigualdades estruturantes da sociedade.

Os governos do PT (Partido dos Trabalhadores), de 2003 a 2016, destacaram-se frente aos anteriores e posteriores até então (2020) na implantação de programas de inclusão social envolven-

do moradia, alimentação, educação e saúde. Implementaram políticas públicas de combate à violência de gênero e contra a mulher: em 2006 foi criada a Lei Maria da Penha¹²; em 2009, o estupro passou a ser considerado crime hediondo (Lei nº 12.015/09)¹³; e em 9 de março de 2015 foi aprovada a Lei do Feminicídio¹⁴. A gestão de Dilma Rousseff inseriu pautas de raça e gênero na política do Estado e, em 2015, foi criada a pasta das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos.

A cisão espelhada no resultado dos dados das eleições presidenciais em 2014 - de Dilma Rousseff (PT) com 51,64% dos votos válidos e Aécio Neves (PSDB) com 48,36%-, intensificou-se desde então, alimentada por discursos de ódio e intolerância mascarados por bandeiras cínicas em nome da “tradição” e “contra a corrupção”.

O tempo da pesquisa difere do tempo do ensino e do tempo da prática jornalística. A onda conservadora, que avistávamos antes mesmo de 2015, cresceu, estourou em 2016 e desde então vem arrastando parte das conquistas de combate às desigualdades sociais, de respeito aos direitos humanos e da nossa própria democracia.

Aos poucos, percebemos que não se tratava de uma onda conservadora. Como analisa Djamila Ribeiro (2019), em entrevista no dia 15 de maio de 2019 ao portal *Gaúcha ZH* (do grupo RBS), o conservadorismo sempre reinou politicamente no Brasil e foi interrompido por uma onda progressista durante 13 anos. E agora vem com mais força para usurpar as conquistas sociais. Para a filósofa, o movimento conservador coexiste com movimentos de resistência e torna-se mais combativo para manter a vigência das opressões sociais:

Ao mesmo tempo em que existe esse movimento conservador, e não acho que seja novo, mas que vem com mais força, nós feministas também ganhamos espaço. É justamente por isso que essa resposta vem tão violenta. Acreditar que estamos vivendo

¹² Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm

¹³ http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/112015.htm

¹⁴ http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113104.htm

uma onda conservadora é acreditar que o Brasil já foi um país progressista. E sempre foi um país extremamente opressor na sua fundação. Esse país foi criado na base de sangue negro e indígena. Esse país não prendeu seus torturadores até hoje. Tem ossadas de pessoas desaparecidas na época da ditadura sem resposta. É um país em que, a cada 23 minutos, um jovem negro é assassinado, e isso não é novo. Sinto que tivemos uma onda progressista que incomodou demais esses setores e eles vêm com mais força agora para manter as coisas como sempre estiveram. (RIBEIRO, 2019, s/p)

Vive-se então uma realidade onde não há liberdade de manifestação, o Estado alimenta a repressão policial que viola os direitos humanos com gás de pimenta, prisões e agressões contra estudantes, professores, integrantes de movimentos sociais, moradores da periferia que perdem parentes periodicamente com balas perdidas, ou mesmo pessoas insatisfeitas com os atuais governantes que vão às ruas apenas para se manifestar publicamente. O sentido de público foi arranhado pelos próprios representantes que deveriam zelar por ele, eleitos em uma República, e toda liberdade de manifestação deixou de ser respeitada.

Assim, no final de 2016, foi idealizado e concebido o projeto de extensão Direitos Humanos, Jornalismo e Formação Cidadã¹⁵, buscando trabalhar nas ações de extensão parte dos debates fomentados pelo grupo de pesquisa Jornalismo e Gênero e ampliar as reflexões em torno de demandas emergentes na sociedade.

Entre os objetivos da criação do projeto, destacavam-se:

- auxiliar na formação cidadã do futuro profissional;
- formar jornalistas conscientes de sua responsabilidade enquanto profissional no desenvolvimento da sociedade;
- projetar a integração com a pesquisa do grupo Jornalismo e Gênero;
- incentivar a interdisciplinaridade e pluridisciplinaridade na materialização do projeto;

¹⁵ O projeto foi concebido pelas professoras Gabriela Bianchi e Paula Melani Rocha e uma equipe de estudantes. Nos anos seguintes, outros(as) docentes e estudantes da graduação e do Mestrado em Jornalismo passaram a integrar a equipe.

- promover a interação comunitária com agentes multiplicadores da comunidade educacional. (ROLIM, AMARAL, ROCHA, 2019, p.2)

Ao pensar ações extensionistas, o projeto Direitos Humanos, Jornalismo e Formação Cidadã¹⁶ buscou estabelecer uma interconexão entre o tempo da pesquisa, do ensino e da prática jornalística. Partimos do entendimento da extensão não como uma ação assistencialista e verticalizada imposta pela academia sobre a sociedade, mas como uma troca de saberes acadêmico e popular em uma via de mão dupla, “uma comunicação de saberes” instrumentalizando a “mudança social e da própria universidade”, caminhando “junto com a conquista de outros direitos e de defesa da democracia” (GADOTTI, 2017, p.2). O projeto alinha-se, portanto, à proposta do Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições de Educação Superior Públicas Brasileiras, apresentada em novembro de 1987.

Para o FORPROEX a Extensão Universitária foi entendida como um processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e Sociedade. Para o FORPROEX, A Extensão Universitária é “uma via de mão-dupla” entre Universidade e sociedade. O saber **acadêmico** e o saber **popular** se reencontravam (GADOTTI, 2017, p.2, grifo das autoras)

A via de mão dupla vai além do laboratório da prática jornalística ao desenvolver o conhecimento, competências e habilidades na formação de estudantes via prestação de serviços à comunidade com produções jornalísticas. A preocupação naquele momento era trabalhar na formação cidadã de futuros jornalistas e comunidade escolar a desconstrução de estereótipos e modelos de opressão contra “minorias”, naturalizados social e culturalmente, tendo como eixo a educação. Como pontua Santos Júnior (2013 apud GADOTTI, 2017, p.2):

¹⁶ Em 2018 foi realizada uma nova edição do projeto de extensão com o nome Jornalismo, direitos humanos e formação cidadã.

“Mão dupla”, significa troca de saberes acadêmico e popular que tem por consequência não só a democratização do conhecimento acadêmico, mas, igualmente, uma produção científica, tecnológica e cultural enraizada na realidade. A extensão deve influenciar o ensino e a pesquisa e não ficar isolada deles, da universidade como um todo e dos anseios da sociedade, “entrelaçando” saberes e conhecimentos.

A educação tem um poder transformador e aqui tomamos como referência o conceito de educação descrito no artigo 1º da Lei nº 9.394¹⁷, de 20 de dezembro de 1996, a qual estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional: “a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”. Ou seja, não compreende apenas o ensino escolar e formal, é contínua e se manifesta em espaços diversos.

O público alvo que miramos é composto pela comunidade escolar (professores, estudantes, funcionários de instituições públicas e privadas de Ponta Grossa e também seus familiares que embora não sejam diretamente envolvidos no processo, são afetados pelos outros agentes que atuam como multiplicadores). Incluímos pessoas com acesso à Internet, alargando a recepção via site e depois redes sociais. O desafio lançado passou a ser como materializar os objetivos do projeto Direitos Humanos, Jornalismo e Formação Cidadã em ações extensionistas que pudessem, na medida do possível, dar conta do prisma proposto.

¹⁷ Disponível em <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/109224/lei-de-diretrizes-e-bases-lei-9394-96#art-1> Acesso em 07 dez. 2020.

Elos entre direitos humanos, jornalismo e formação cidadã

“Todo ser humano tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidos nesta Declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição”.

(Artigo 2º da Declaração Universal dos Direitos Humanos)

A relação entre o jornalismo e a garantia dos direitos humanos é intrínseca à essência da profissão e ao seu compromisso com a sociedade. Porém, ocorre mais no plano ideal do que na prática cotidiana formatada nas notícias factuais, predominantes no modelo industrial de produção jornalística. Em 2017, Direitos Humanos foi o tema central dos debates do 15º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, promovido pela Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo que trouxe as seguintes questões: “como o Jornalismo tem atuado quanto à representação da diversidade, em toda a sua amplitude? Como o Jornalismo tem atuado, desde sua missão de promover pluralidade, inserindo em especial as demandas das camadas excluídas da população?” (MARTINEZ; LAGO; STORCH, 2018, p.5).

Acrescentamos aqui outras indagações que norteiam o nosso projeto e sintetizam a percepção de que as transformações da prática jornalística também devem ser iniciadas no processo da graduação. São elas: como desenvolver na formação dos futuros jornalistas uma amplitude de representações das diversidades deslocada da narrativa hegemônica, abarcando o conhecimento da pluralidade social que habita nosso país? Ou ainda, como trabalhar saberes, habilidades e competências em um fazer profissional contrário à naturalização de opressões das diversidades e “minorias” e combativo na luta pelos direitos das camadas excluídas da população?

Ao longo do século XX, os elos entre jornalismo e direitos humanos estão mais presentes em reportagens e livros-reportagem, em produções caracterizadas por processos de apuração densos, com pluralidade e polifonia de fontes advindas de po-

sições e espaços diversos, afastando-se da perspectiva do senso comum e, em muitos casos, envolvendo denúncias. Um exemplo foi nas décadas de 1980 e 1990 quando reportaram o problema da fome e da miséria no Brasil a partir da campanha Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida liderada pelo sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, a qual mobilizou a sociedade brasileira.

Fora do eixo da mídia tradicional, imprensa alternativa (CHAHÉ, 2007; WOITOWICZ, 2019), feminina (RAGO, 1995/1996; DUARTE, 2016), feminista (CARDOSO, 2004; HASSAN, GIL, 2014; POPADIUK, SCHMITT, WOITOWICZ, 2019) e lésbica (BARBOSA, 2019) denunciaram as desigualdades de gênero e a falta de políticas públicas com viés de gênero. Atualmente a imprensa independente e segmentada sobressai nessa frente do jornalismo e na oferta de uma narrativa contra hegemônica, destacamos como exemplos *AzMina*¹⁸, *Amazônia Real*¹⁹, *Eco Nordeste*²⁰, *Ponte Jornalismo*²¹, *Pública*²², *Portal Catarinas*²³, *#Colabora*²⁴, *Marco Zero Conteúdo*²⁵, *Portal Geledés*²⁶, *Agência Mural*²⁷, entre muitas outras iniciativas independentes.

O projeto de extensão alinhou-se à necessidade de trabalhar a construção de narrativas contra hegemônicas na formação profissional associadas à troca de saberes e vivências com a comunidade escolar, tendo os agentes educacionais como protagonistas. Assim, planejamos três frentes de ações: i) o desenvolvimento de um site para dar suporte à produção jornalística periódica de textos informativos, ensaios fotográficos e áudio, à veiculação de material

¹⁸ Disponível em <https://azmina.com.br/>

¹⁹ Disponível em <https://amazoniareal.com.br/>

²⁰ Disponível em <https://agenciaeconordeste.com.br/>

²¹ Disponível em <https://ponte.org/>

²² Disponível em <https://apublica.org/>

²³ Disponível em <https://catarinas.info/>

²⁴ Disponível em <https://projetocolabora.com.br/>

²⁵ Disponível em <https://marcozero.org/>

²⁶ Disponível em <https://www.geledes.org.br/>

²⁷ Disponível em <https://www.agenciamural.org.br/>

produzido pela comunidade envolvida, ao observatório de mídia com ênfase na produção jornalística e as garantias dos direitos humanos e à coluna produzida alternadamente por integrantes de movimentos sociais, coletivos e especialistas com discussões de acontecimentos que atravessam a defesa dos direitos humanos; ii) promoção de eventos, debates e oficinas de jornal, diagramação, áudio e audiovisual com o objetivo de capacitar o público-alvo do projeto para a produção comunicacional e de jornal escola; e iii) inclusão de estudantes secundaristas no projeto via iniciação científica júnior.

Todas as ações são desenvolvidas horizontalmente por integrantes e parceiros do projeto. O desenho do site Elos foi feito de forma colaborativa e conta com as seguintes editorias: coluna; podcast; observatório; ensaio; evento; elos comunidade; e jornal escola. A arte do site foi projetada por Patrícia Guedes, então aluna do curso de Jornalismo da UEPG.

Figura 1 - Layout da página do Elos – site do Projeto



Fonte: Site Elos: Direitos Humanos, Jornalismo e Formação cidadã. <https://elos.sites.uepg.br/>

Entre os(as) colunistas fixos(as) e convidados(as) procurou-se diversificar as temáticas em convergência com os direitos humanos: racismo, violência de gênero, meio ambiente, questões indígenas, liberdade de imprensa, educação, política de cotas, censura, desigualdades de gênero, democracia, saúde pública, aborto, justiça restaurativa, inclusão de pessoas com transtorno do espectro autista, liberação do canabidiol (CBD) para enfermidades que afe-

tam o sistema nervoso, violência contra jornalistas e direitos das pessoas com deficiência são alguns assuntos abordados.

O projeto conta com o Núcleo de Integração Pesquisa e Extensão, que tem como um dos braços a seção Observatório de Mídia. Estudantes bolsistas de iniciação científica, com pesquisas envolvendo estudos de jornalismo e gênero sob a égide do grupo de pesquisa, são responsáveis em monitorar periodicamente as representações de gênero, raça e classe nas matérias veiculadas no jornalismo local e regional em Ponta Grossa, com recorte em direitos humanos. São analisados se os textos reiteram a naturalização das opressões na narrativa, o uso de fontes emblemáticas em posições generificadas, bem como a presença de estereótipos ou a assimilação de uma narrativa contra hegemônica.

Outro desdobramento do Núcleo é a iniciação científica júnior, compondo a ponte entre o grupo de pesquisa e a extensão. Caracteriza-se como um dos caminhos percorridos na via de mão dupla entre academia e comunidade, ao propor debates das vivências escolares que atravessam direitos humanos e pautas jornalísticas para o site Elos. Durante os quatro anos do projeto participaram sete alunos e alunas de escolas públicas de Ponta Grossa com bolsa de IC Jr do CNPq.

Figuras 2 - Apresentação no EAIC Jr 2019/UEPG



Fonte: Paula Melani Rocha

O caminho entre a academia e a comunidade escolar pública é sinuoso, distante e até desconhecido para muitos estudantes. A política de cotas de ingresso no vestibular para candidatos de escola pública não contempla a demanda de jovens e as desigualdades econômicas, sociais e culturais estruturantes do nosso país. Na UEPG ela foi implementada em 2007 e estabeleceu que pelo menos 10% das vagas de cada curso deveriam ser destinadas a estudantes de escolas públicas e uma reserva de 5% de cada curso para estudantes de escolas públicas que se autodeclarassem negros (SOUZA; BRANDALISE, 2012). Ou seja, longe, pelo menos, dos 50% do total de vagas ofertadas por curso.

O projeto de extensão Jornalismo, Direitos Humanos e Formação Cidadã tem como uma das metas integrar a comunidade escolar à academia, oportunizando de alguma forma um estreitamento entre estas duas realidades. Entre as ações está justamente o incentivo às bolsas de Iniciação Científica Juniores, ofertadas pelo CNPq, as quais motivam essa inserção. A participação é estabelecida com a presença dos alunos e alunas bolsistas de ensino médio nas reuniões semanais do projeto sugerindo pautas e colaborando com a produção de conteúdos. A convivência conjunta com estudantes de graduação e mestrado ocasiona a troca de vivências e o conhecimento sobre o universo dos colégios e da comunidade escolar, bem como a participação no processo de produção de conteúdo, nas oficinas realizadas no ambiente escolar e nos laboratórios do DeJor, assim como idealização e organização de debates nas escolas. A realização das oficinas de jornalismo nos dois espaços - escolar e universitário - tem o objetivo de romper os muros da UEPG, ao trazer parte dos alunos e alunas das escolas para transitar no pátio, sentar nas cadeiras dos laboratórios, conhecer os estúdios de rádio e televisão e o reverso também, levar universitários/as para das escolas estaduais e ocupar seus ambientes.

Figura 3 - Oficina de Diagramação no Laboratório do DeJor



Fonte: Fernando Oliveira. Site Elos – Direitos Humanos, Jornalismo e Formação Cidadã. <https://elos.sites.uepg.br/elos-e-parcerias/projeto-elos-realiza-oficina-de-editoracao-na-uepg/>

Durante os quatro anos de existência do projeto tivemos três escolas parceiras: Colégio Estadual Professor Meneleu Almeida Torres, Colégio Estadual Regente Feijó, Colégio Estadual Professora Elzira Correia de Sá. Nas oficinas realizadas nessas instituições, a equipe constatou o distanciamento da universidade pública dessas comunidades e a ausência de expectativa dos(as) estudantes em almejar uma formação pública superior nos projetos de vida em curso. Vale lembrar que as ações extensionistas atuam diretamente com o ensino médio, que na teoria é a etapa anterior ao vestibular e na realidade do ensino particular é a fase preparatória para os exames das instituições de ensino superior, sobretudo tendo como alvo as IES públicas.

Em colaboração com as três escolas parceiras foram realizadas oficinas de jornal escola, produção em áudio, imagens, texto e diagramação. Estudantes dos colégios Meneleu e Regente Feijó produziram edições de jornal escolar sob a orientação das próprias professoras e professores. Integrantes do projeto de extensão auxiliaram na diagramação e no desenho dos layouts. No Colégio Elzira a turma preferiu produzir boletins de rádio veiculados durante o recreio.

Figura 4 - Galeria com fotos das oficinas realizadas por integrantes do projeto com estudantes dos colégios Meneleu, Regente Feijó e Elzira



Fonte: Fernando Oliveira (PIBIC Jr/2019), da escola Elzira



Fonte: Site Elos – Direitos Humanos Jornalismo e Formação Cidadã. <https://elos.sites.uepg.br/elos-e-parcerias/colégio-regente-feijo-inicia-parceria-com-projeto-elos/>

O processo de produção do jornal escola alternou de acordo com a dinâmica adotada pelas professoras e direção. No Colégio Meneleu, os temas para pautas vieram após uma pesquisa com alunos e alunas de diferentes séries, assim como o nome do periódico: *Jorneleu*. Já o processo de produção foi executado por um grupo de estudantes. O mesmo método foi adotado no Colégio Regente Feijó, que criou o *Regente Notícias* com periodicidade trimestral. Em ambos, a professora Alexandra Nunes Santana esteve na coordenação do projeto, sendo que no segundo ela dividiu o posto

com a professora Rossana Zinser. No Colégio Elzira, um grupo de professores das disciplinas de História, Português, Filosofia, Matemática e Informática integraram a iniciativa, revezando o processo de produção dos boletins em áudio e a docente Maria Antônia Marçal é a responsável pela coordenação do projeto. Entre as pautas sugeridas e reportadas pela comunidade escolar encontramos: gravidez na adolescência, violência doméstica, questões indígenas e de gênero, racismo, meio ambiente, drogas, cigarros, informes sobre a vida escolar e a comunidade e perfis de agentes escolares. Procuraram trabalhar na narrativa os princípios dos direitos humanos via debates coletivos com os participantes, para não reproduzir opressões de raça, classe, gênero, nacionalidade e geração.

Figura 5 - Jornal produzido por estudantes do Colégio Regente Feijó, sob a supervisão da professora Alexandra Nunes Santana



Fonte: Elos – Direitos Humanos Jornalismo e Formação Cidadã.

<https://elos.sites.uepg.br/elos-e-parcerias/jornal-escola/>

Entre o período de 2017 (ano de criação do site Elos) a 2019 foram publicadas 145 produções no site, entre elas, 64 matérias, 28 colunas, 25 observatórios de mídia, 10 ensaios e 4 podcasts. Do total de matérias, 27 produções faziam referência a questões de gênero, tais como aborto, assédio, feminicídio, machismo, comunidade LGBT, além de relatos e entrevistas (BARROS; WOITOWICZ, 2020).

As matérias publicadas no período reportam os ataques e violações dos direitos humanos contra mulheres, afro-brasileiros, indígenas, pessoas LGBT+, políticas de educação e pesquisa sobre diversidades, manifestações religiosas, imigrantes, refugiados, questões de classe e liberdade de expressão. As colunas e ensaios fotográficos encorpam esse material. Entre os exemplos estão: “Ponta Grossa lembra um ano do assassinato de Marielle Franco”²⁸, “Ensaio Parada LGBT em PG”²⁹, “Contra racismo, alunos do Regente Feijó realizam ato de repúdio”³⁰, “Estudantes se posicionam contra preconceito e discriminação”³¹, “Discussão sobre aborto não pode ser interrompida por mentiras e distorções”³², “Nós somos iguais a outras pessoas. Nós temos nossos direitos, nós temos nossos deveres iguais a um civil lá fora”, relata Marilyns”³³, “O amor é cego, a violência é surda e a justiça é muda”³⁴, “Infográfico: Uso medicinal do Cannabis é limitado na América Latina”³⁵, “Filhos de Quem? denuncia a quebra de direitos na destituição familiar

²⁸ Disponível em <https://elos.sites.uepg.br/posts/ponta-grossa-lembra-um-ano-do-assassinato-de-marielle-franco/>

²⁹ Disponível em <https://elos.sites.uepg.br/posts/ensaio-parada-lgbtq-em-pg/>

³⁰ Disponível em <https://elos.sites.uepg.br/ensaio/contra-racismo-alunos-do-regente-feijo-realizam-ato-de-repudio/>

³¹ Disponível em <https://elos.sites.uepg.br/ensaio/estudantes-se-posicionam-contra-preconceito-e-discriminacao/>

³² Disponível em <https://elos.sites.uepg.br/coluna/discussao-sobre-aborto-nao-pode-ser-interrompida-por-mentiras-e-distorcoes/>

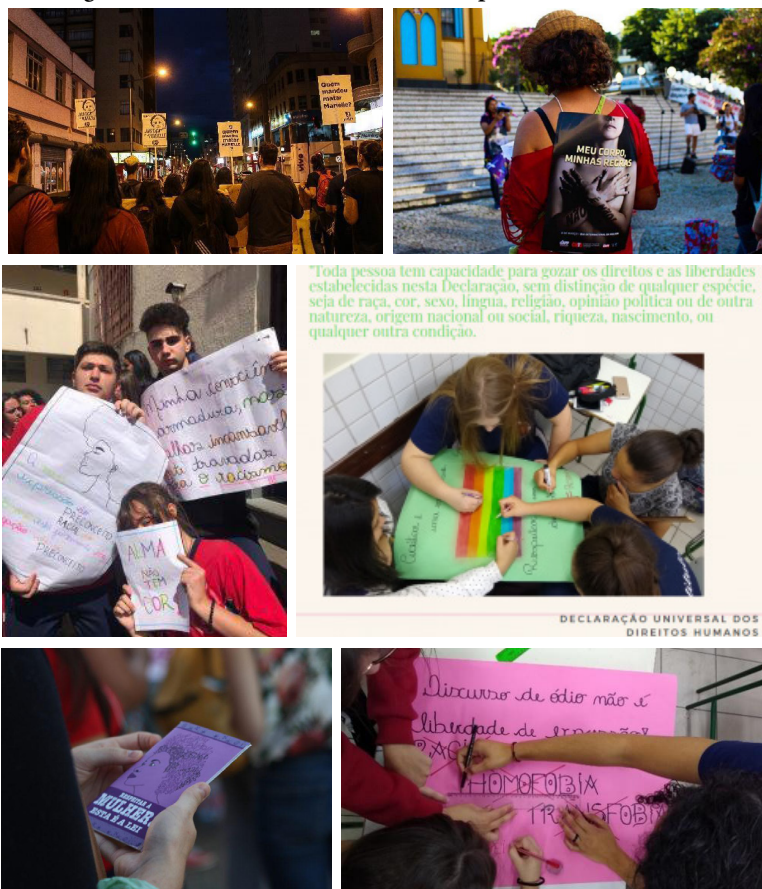
³³ Disponível em <https://elos.sites.uepg.br/ensaio/788/>

³⁴ Disponível em <https://elos.sites.uepg.br/posts/o-amor-e-cego-a-violencia-e-surda-e-a-justica-e-muda/>

³⁵ Disponível em <https://elos.sites.uepg.br/posts/infografico-uso-medicinal-do-cannabis-e-limitado-na-america-latina/>

em Ponta Grossa”³⁶, “Transcrições banalizam temas, onde está o jornalismo?”³⁷ entre outras.

Figura 6 - Galeria de fotos dos conteúdos publicados no site Elos



Fonte: Site Elos- Direitos Humanos, Jornalismo e Formação Cidadã. <https://elos.sites.uepg.br/>

³⁶ Disponível em <https://elos.sites.uepg.br/posts/filhos-de-quem-denuncia-a-quebra-de-direitos-na-destituicao-familiar-em-ponta-grossa/>

³⁷ Disponível em <https://elos.sites.uepg.br/category/observatorio/>

Uma das dificuldades percebida no projeto é a baixa visualização dos conteúdos postados no Elos. Para reverter isso, a equipe apostou nas redes sociais e lançou a página no Instagram *elosuepg* que conta com 63 publicações, 711 seguidores e 1.197 usuários seguindo³⁸. A nova empreitada exigiu a produção de conteúdo específico e convergente com o postado no site. O esforço apresentou resultados favoráveis. Concomitante foi realizada a divulgação da nova plataforma nas escolas de ensino médio, na UEPG e nas redes sociais a partir do trabalho dos próprios integrantes do projeto.

A pandemia da Covid-19 e novos desafios para as ações extensionistas

A pandemia da Covid-19 anunciada em março de 2020 potencializou os problemas de desigualdade social e econômica que o Brasil já enfrentava. Entre os desdobramentos, aumentou o desemprego - no terceiro semestre de 2020 somavam 14,1 milhões de pessoas sem trabalho no país (IBGE, 2020), a violência doméstica e contra as mulheres e a fome. O acesso à educação foi desigual no formato remoto, a dependência de Internet, computadores e celulares abalou os estudantes das classes baixas e o acompanhamento das atividades e a saúde pública entrou em colapso sem conseguir atender todos os enfermos. Estrela et al. (2020) analisam os impactos da Covid-19 considerando marcadores de classe, raça e gênero:

Embora o vírus SARS-COV-2 não apresente seletividade contagiosa, os impactos da infecção serão sentidos de maneiras diferentes a depender da raça, classe e gênero. Tais marcadores, em razão das desigualdades produzidas socialmente, afetam as pessoas em diversas áreas das suas vidas para além da saúde. (ESTRELA et al., 2020, p. 3433)

A ONU Mulheres manifestou preocupação com a violência de gênero no contexto pandêmico e de distanciamento social, assim lançou uma cartilha específica com orientações e diretrizes para as

³⁸ Dados coletados em 10 de dezembro de 2020.

redes de atendimento às mulheres e adolescentes vítimas de violência³⁹.

Quando eclodiu a pandemia do novo coronavírus, em março de 2020, as atividades na UEPG foram suspensas a partir do dia 17, três semanas após o início do ano letivo. Assim, exigiu-se uma nova modelagem do grupo de extensão, da rotina produtiva no formato remoto, do conteúdo a ser desenvolvido e da necessidade de repensar os próximos passos.

Com a suspensão das aulas e atividades presenciais em atendimento às recomendações de isolamento social da Organização Mundial de Saúde, os encontros físicos do grupo Direitos Humanos, Jornalismo e Formação Cidadã foram interrompidos. As reuniões de pauta do Elos passaram a ocorrer no formato virtual quando a UEPG reiniciou o calendário universitário, em junho. As oficinas de jornal escola nos colégios Elzira e Regente Feijó foram canceladas. A partir do retorno, iniciamos a produção de textos e publicações no Elos e de textos, imagens e vídeos para o Instagram, todas transversalizadas pelos desdobramentos e enfrentamentos da pandemia e sem perder o enfoque em direitos humanos. O Elos reportou sobre as dificuldades de lecionar e assistir aulas online no contexto da pandemia pela perspectiva de professores (as), estudantes e familiares, o atendimento à saúde mental durante o isolamento social, a situação vulnerável das empregadas domésticas, o desemprego feminino, o corte de verbas do governo federal destinados à educação, disponibilizou uma lista de contatos de ONGs e entidades sociais que atendem à população, entre outras pautas.

O grupo também fechou parcerias com três projetos: i) Boletim Covid-19, uma produção diária em áudio veiculada nos serviços de *streaming SoundCloud, Spotify, Deezer e CastBox* e transmitido na Rádio Comunitária Princesa (Ponta Grossa), sobre os desdobramentos da pandemia no interior do Paraná e alguns acontecimentos específicos de repercussão nacional e internacional. No período eleitoral, o boletim apurou os planos de governo dos candidatos de algumas cidades do Paraná e a inserção de pro-

³⁹ Disponível em http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2020/08/Diretrizes-para-atendimento_ONUMULHERES.pdf

postas políticas para trabalhar os efeitos danosos do novo coronavírus sobre a população. Candidatos à prefeitura de Ponta Grossa foram entrevistados com o mesmo propósito de levar ao conhecimento dos eleitores as promessas e preocupações de cada um. Até 18 de dezembro, foram 175 edições do boletim; ii) Democracia e Direitos Humanos – podcast com entrevista pelo Meet, com 35 edições produzidas pelo programa de extensão Agência de Jornalismo do DeJor em 2020. Representantes de movimentos sociais, coletivos e ONGs, bem como especialistas, falaram sobre as populações vulneráveis ou em situação de vulnerabilidade acentuadas pela falta de políticas públicas eficazes no enfrentamento à pandemia; iii) e o projeto do curso de Psicologia do CESCAGE (Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais) intitulado “SUS – uma pauta em nossas vidas”, que tem como proposta difundir o que é o SUS e os seus princípios estruturantes – universalidade, equidade e integralidade. A parceria foi firmada no final de novembro. O site Elos irá atuar como um canal de divulgação além de trabalhar pautas sobre saúde pública.

As novas frentes auxiliaram a reconfigurar o projeto sem se afastar dos seus eixos estruturantes – Direitos Humanos, educação, formação cidadã e jornalismo, mas o elo com a comunidade escolar foi fragilizado. Conseguimos manter apenas o trabalho com os integrantes do PIBIC Jr e a participação dos(as) professores(as) como fontes tanto no conteúdo pautado no Elos, como no Boletim Covid e no podcast Democracia e Direitos Humanos. A formação cidadã e os direitos humanos concentraram-se nas pautas e na construção de narrativas contra hegemônicas.

A sociedade entristeceu, direitos foram saqueados, as desigualdades se acentuaram, banalizou-se ainda mais a vida e a morte de brasileiros, sobretudo pobres, pretos, indígenas, idosos e enfermos. A crueldade caiu no senso comum e tornou-se cotidiana. Até dezembro de 2020, em menos de um ano, cerca de 190 mil pessoas morreram de Covid-19 no Brasil. Defender os direitos humanos universais, sem qualquer distinção, garantidos na nossa Constituição, passou a ser mais necessário e pungente.

Assim, o projeto Direitos Humanos, Jornalismo e Formação Cidadã precisará repensar como articular as ações extensionistas no cenário que irá se desenhar a partir de 2021. Mesmo quando a pandemia passar, ainda estaremos colhendo os efeitos devastadores causados na nossa sociedade, encobertos pelo manto de interesses dominantes que persistiram mesmo no caos pela sua sobrevivência econômica e política, pelo *status quo*.

Referências

BARBOSA, Paula Évelyn. **Trajetória da Imprensa Lésbica no Brasil (1981-1995)**: uma história possível para (re)-pensar o jornalismo. Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Jornalismo - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2019.

BARROS, Gabriella Vasco de; WOITOWICZ, Karina Janz. A perspectiva de gênero na produção jornalística sobre direitos humanos: análise do projeto de extensão Elos. **Anais...** 10º Encontro Nacional de Jovens Pesquisadores em Jornalismo, 2020.

CARDOSO, Elizabeth. **Imprensa feminista brasileira pós-1974**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

CHAHER, S. Medios masivos/medios alternativos y redes de periodistas. In: CHAHER, S. e SANTORO, S. (orgs.). **Las palabras tienen sexo**: introducción a un periodismo con perspectiva de género. Buenos Aires: Artemisa Comunicación Ediciones, 2007. p. 111-124.

DUARTE, Constância Lima. **Imprensa feminina e feminista no Brasil**. Século XIX: dicionário ilustrado. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2016.

GADOTTI, Moacir. Extensão Universitária para quê?, 2017. Disponível em https://www.paulofreire.org/images/pdfs/Extens%C3%A3o_Universit%C3%A1ria_-_Moacir_Gadotti_fevereiro_2017.pdf Acesso 07 de dezembro de 2020.

HASAN, V. F., GIL, A. S. Estrategias del periodismo feminista: prácticas y política en la re-configuración del espacio comunicacional. **Perspectivas de la Comunicación**. Universidad de La Frontera, vol. 7, n. 2, 2014.

IBGE. Desemprego.2020. Disponível em <https://www.ibge.gov.br/explica/desemprego.php> Acesso em 10 de dezembro de 2020.

ESTRELA, F.M. et all. Pandemia da Covid 19: refletindo as vulnerabilidades a luz do gênero, raça e classe. **Ciência & Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, vol.25 n.9, set. 2020.

MARTINEZ, Mônica; LAGO, Claudia; STORCH, Laura (org). **Direitos humanos e a pesquisa em Jornalismo**. São José do Rio Preto, Balão Editorial, 2018.

POPADIUK, Barbara; SCHMITT, Elaine; WOITOWICZ, Karina Janz. Luta e resistência

política: a imprensa feminista brasileira nos anos 1970 e 80. In: WOLFF, Cristina Scheibe; ZANDONÁ, Jair; MELLO, Soraia Carolina de (org.). **Mulheres de Luta**: feminismo e es-
querdas no Brasil (1964-1985). Curitiba: Appris, 2019. Pp. 56-74.

RIBEIRO, Djamila. Djamila Ribeiro: a filósofa que se tornou uma das principais vozes no
combate ao racismo (entrevista concedida à Thamires Tancredi, **GHZ**, Porto Alegre, s/p, 17
maio 2019. Disponível em: [https://gauchazh.clicrbs.com.br/donna/gente/noticia/2019/05/
djamila-ribeiro-a-filosofo-que-se-tornou-uma-das-principais-vozes-no-combate-ao-racis-
mo-cjvr0ryt1050p01maqmr30y7.html](https://gauchazh.clicrbs.com.br/donna/gente/noticia/2019/05/djamila-ribeiro-a-filosofo-que-se-tornou-uma-das-principais-vozes-no-combate-ao-racismo-cjvr0ryt1050p01maqmr30y7.html) . Acesso em 06 abr. 2021.

SOUZA, Andreliza Cristina de.; BRANDALISE, Mary Ângela Teixeira. A **política de cotas
da UEPG**: da implantação à implementação de uma política pública. In Anais do IX ANPED
SUL. Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, 2012. Disponível em [http://www.
ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/1401/733](http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/1401/733) Acesso
08 de dezembro de 2020.

TANCREDI, Tamires. Entrevista - **Djamila Ribeiro**: a filósofa que se tornou uma das prin-
cipais vozes no combate ao racismo Publicada no Gaúcha ZH em 17 de maio de 2019.
Disponível em [https://gauchazh.clicrbs.com.br/donna/gente/noticia/2019/05/djamila-ri-
beiro-a-filosofo-que-se-tornou-uma-das-principais-vozes-no-combate-ao-racismo-cjvr-
0ryt1050p01maqmr30y7.html](https://gauchazh.clicrbs.com.br/donna/gente/noticia/2019/05/djamila-ribeiro-a-filosofo-que-se-tornou-uma-das-principais-vozes-no-combate-ao-racismo-cjvr0ryt1050p01maqmr30y7.html) Acesso em 08 de dezembro de 2020.

WOITOWICZ, Karina Janz. **Periodismo alternativo y militancia feminista**: experiencias
de portales digitales com enfoque de género in Ecuador. Quito: Ediciones Ciespal, 2019.

Produzido no Brasil, Ponta Grossa - Paraná
Composto em Minion Pro, corpo 11pt e 13pt.

Editora e Livraria Estúdio Texto

Rua XV de Setembro, 931 – Uvaranas

Ponta Grossa – Paraná – 84020-050

Tel. +55 (42) 3027-3021 | ☎ +55 (42) 98416-979

comunicacao@editoraestudiotexto.com.br

www.editoraestudiotexto.com.br

Os cursos de Jornalismo, e o Jornalismo da UEPG em especial, produzem muito e, mais importante, uma produção de conhecimento voltada para e em função da comunidade. O que os leitores terão a oportunidade de encontrar é o que Oscar Jara (2012:38), denomina de sistematização que é “refletir sobre as experiências, uma missão que recupera e reflete sobre as experiências como fonte de conhecimento do meio social para a transformação da realidade”, é relatar sobre o caminho trilhado para que outros possam seguir adiante sem ter que reiniciar toda a viagem ou que encontrem passagens por onde possam refazer caminhos. É a extensão universitária na sua face mais dialógica demarcada pela formação calcada na troca de saberes entre sujeitos envolvidos.

Sandra de Deus

série
referência

ISBN: 978-65-87261-13-3

Financiamento:



MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO

